

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

ALANNE MARIA DE JESUS

COMER O OUTRO:
DINÂMICAS DO MERCADO EDITORIAL DE AUTORIA NEGRA DENTRO E FORA
DE SALVADOR

Salvador

2024

ALANNE MARIA DE JESUS

COMER O OUTRO:

DINÂMICAS DO MERCADO EDITORIAL DE AUTORIA NEGRA DENTRO E FORA
DE SALVADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza

Salvador

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maria de Jesus, Alanne

Comer o outro: dinâmicas do mercado editorial de
autoria negra dentro e fora de Salvador / Alanne
Maria de Jesus. -- Salvador, 2024.
161 f.

Orientador: Arivaldo Sacramento de Souza.

Dissertação (Mestrado - Literatura e cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras da
Ufba, 2024.

1. Mercado editorial. 2. Autoria negra. 3. Arquivo
editorial e literário. 4. Comodificação. I. Sacramento
de Souza, Arivaldo. II. Título.



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA (PPGLITCULT), realizada em 23/10/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM LITERATURA E CULTURA no. 15, área de concentração Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, do(a) candidato(a) ALANNE MARIA DE JESUS, de matrícula 2020103798, intitulada Comer o outro: dinâmicas do mercado editorial de autoria negra dentro e fora de Salvador. Às 14:00 do citado dia, Instituto de Letras, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dra. DEBORA DE SOUZA e Prof. Dra. MARIA DOLORES SOSIN RODRIGUEZ. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente



MARIA DOLORES SOSIN RODRIGUEZ
Data: 13/12/2024 11:13:53-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. MARIA DOLORES SOSIN RODRIGUEZ, UESC-BA

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente



DEBORA DE SOUZA
Data: 13/12/2024 11:56:14-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. DEBORA DE SOUZA, UFBA

Documento assinado digitalmente



ARNALDO SACRAMENTO DE SOUZA
Data: 13/12/2024 10:55:58-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA, UFBA

Documento assinado digitalmente



ALANNE MARIA DE JESUS
Data: 13/12/2024 11:27:38-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

ALANNE MARIA DE JESUS

Mestrando(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, ao Tempo. Generoso, atento e cuidadoso, sempre me ensina a ter fé e a ver beleza no agora e no novo que “sempre se inaugura”.

À minha mãe, Terezinha Maria de Jesus, pelo amor, amizade e confiança. Mas, sobretudo, por uma infância feliz, cheia de afeto e magia. Se tenho qualquer afeto guardado, minha quem me deu.

Ao meu pai, Moisés Pereira de Jesus, pelo amor e tanta abdicção e radicalidade. A pessoa que me levou pela primeira vez num assentamento do Movimento Sem Terra. Agradeço todo dia por me ensinar a erguer a voz.

Às minhas irmãs, Soane Maria de Jesus e Adriele Santos de Jesus, pelo amor, companheirismo, brigas e risadas. A nós, tudo!

A Yan Viegas de Jesus, meu amigo, parceiro e companheiro de uma vida. My boo. Com quem experimento os dias, compartilho os sonhos e vivo o descanso, sem medo.

Às amigas, pelas risadas, sambas, viagens, choros, reclamações. Pela poesia, os sonhos, os abraços, a pesquisa e tudo mais. Eu agradeço: Cristina Grisi, Gleisson Silva, Janine Sales, Letícia Carvalho, Mariana Gomes, Matheus de Sá, Mário Rafael, Rafaela Silva, Renata Spolidoro e Victória Lane.

A Arivaldo Sacramento, meu orientador. Agradeço a paciência, a generosidade e a persistência. Nada é tão radical quanto o riso, a fé e o amor. Obrigada por acolher a mim e a esta pesquisa. A você, eu agradeço!

A Viviane Nogueira e a Sara Raisa, minhas psicólogas. Aquelas que me ajudaram a atravessar as maiores mudanças e a viver o mais desconfortável dos silêncios. Obrigada!

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA por serem espaço, simbólico e material, de muitos sonhos.

Por tudo, celebro e agradeço.

RESUMO

A publicação de obras de autoria negra sempre esteve associada a um discurso da falta na Literatura Brasileira, aprofundando os processos de epistemicídio e pilhagem epistêmica do arquivo editorial e literário negro. Partindo disso, analisamos a conformação do mercado editorial de autoria negra em Salvador e os contextos nacionais e estrangeiros nos quais ele está inserido. Para tal, buscamos caracterizar as dinâmicas e nuances de funcionamento nas interações literárias e editoriais no mercado editorial *mainstream*, dando ênfase a operadores críticos-conceituais como comodificação, identidade e memória cultural negra. Construída por meio de levantamento bibliográfico, mapeamento de catálogos, listagem de obras nacionais mais vendidas e decupagem de entrevistas de agentes do mercado editorial de Salvador por meio de sites institucionais, este trabalho também aponta as formas pelas quais uma obra de autoria negra pode ser comodificada, isto é, esvaziada, assimilada e/ou incorporada para atender a critérios de mercado, evidenciando os tensionamentos estéticos, econômicos e políticos decorrentes dessa lógica, em que recepção crítica e agentes literários negros estão imersos. Por fim, as iniciativas editoriais mapeadas afirmam a existência de projetos editoriais e literários de autoria negra, ao mesmo passo que inscrevem na literatura a memória negra, mostrando como tais iniciativas editoriais são o próprio centro de criação política e estética de arquivo.

Palavras-chave: mercado editorial; autoria negra; arquivo editorial e literário; comodificação.

ABSTRACT

The publication of works by Black authors has always been associated with a discourse of absence in Brazilian Literature, deepening the processes of epistemicide and epistemic plundering of the Black editorial and literary archive. Based on this, we analyze the configuration of the Black authorship publishing market in Salvador and the national and international contexts in which it is embedded. To this end, we characterize the dynamics and nuances of literary and editorial interactions in the mainstream publishing industry, emphasizing critical-conceptual operators such as commodification, identity and Black cultural memory. Constructed through a literature review, catalog mapping, listing of best-selling national works and the analysis of interviews with agents in the publishing market of Salvador through institutional websites, this study also points out the ways in which a work by a Black author can be commodified, that is, emptied, assimilated, and/or incorporated to meet market criteria, highlighting the aesthetic, economic, and political tensions resulting from this logic, in which critical reception and Black literary agents are immersed. Finally, the editorial initiatives mapped affirm the existence of editorial and literary projects by Black authors, while also inscribing Black memory in literature, demonstrating how such editorial initiatives serve as the very center of political and aesthetic creation of the archive.

Keywords: publishing industry; black authorship; editorial and literary archive; commodification.

i used to dream militant
dreams of taking
over america to show
these white folks how it should be
done

i used to dream radical dreams
of blowing everyone away with my perceptive powers
of correct analysis

i even used to think i'd be the one
to stop the riot and negotiate the peace

then i awoke and dug
that if i dreamed natural
dreams of being a natural
woman doing what a woman
does when she's natural

i would have a revolution

(Revolutionary dreams, de Nikki Giovanni)

essa vontade de saber tudo,	irmã, você não é minha irmã
irmã,	(ou mãe)
está te afastando de ti mesma	você diz que os pós-estruturalistas
porque você não parece querer saber	brancos
para poder fazer de você uma força que	não são suficientes
capta	mas não consegue deslocar de si um centro
e emite	que orbita ao redor de você mesma
força	
não “para”	não é só porque não há
mas “com” todo mundo	alguém para cuidar de quem cuida
	é que cuidar também é olhar
essa vontade de saber tudo,	pra dentro de você mesma
irmã,	e enxergar o seu black hole
é uma charada de você para você mesma	o seu ponto cego
achar que um povo precisa de liderança	pra saber de tudo, foi preciso
parece também te fazer achar que o que você	dizer ao mundo
precisa	que você não poderia fraquejar,
não é protagonizar,	e
mas empunhar a voz de uma líder	eu
	me
essa vontade de saber tudo,	pergunto:
irmã,	
não é só uma vontade de saber tudo	que humanidade perdida
é cair no erro de não pensar que	é essa que tentamos
não-saber é também uma forma de saber	sustentar
e que só se sabe tudo quando for preciso	(aquela que Sueli Carneiro
ignorar a si mesma	diz: “inegociável”?),
	mas você não pode
quem sabe alguma coisa é	expor
porque guarda em si o desaber	a partícula,
de tantas outras coisas	o feixe,
	a mínima fagulha
mas você corre pra saber tudo	onde a tua
e corre sozinha	alma
fingindo ser a mãe	bambeia?
de uma sociedade matrilinear	

Isto não é feminismo negro, de Maria Dolores Rodriguez (2023, p. 37)

SUMÁRIO

1	PARA ESCREVER ALÉM DA RAÇA.....	10
2	A CONFORMAÇÃO NEGRA DO MERCADO EDITORIAL NO BRASIL.....	19
2.1	A ARTICULAÇÃO CRÍTICA NEGRA	25
2.2	O CAMPO LITERÁRIO E A CRIAÇÃO DE AUSÊNCIAS.....	33
2.3	COMEÇO, MEIO E FIM NEGROS DO MERCADO EDITORIAL DO BRASIL.....	39
2.4	PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO E O MERCADO EDITORIAL.....	50
2.5	A CONFORMAÇÃO NEGRA DO MERCADO EDITORIAL EM SALVADOR 53	
3	TRANSFORMAÇÃO DO MERCADO EDITORIAL: REDLINING CULTURE....	58
3.1	AS OBRAS MAIS VENDIDAS E A (NÃO) BIBLIODIVERSIDADE	61
3.2	AS TRANSFORMAÇÕES QUE ALCANÇAM SALVADOR	78
3.3	AS INICIATIVAS EDITORIAIS DE SALVADOR E O DISCURSO DA BAIANIDADE	81
3.4	OUTRO JEITO DE PENSAR O FAZER LITERÁRIO EM SALVADOR	86
4	IDENTIDADE E NEGRITUDE COMO CENTRO DE VALOR	97
4.1	O DISCURSO IDEOLÓGICO E A COMODIFICAÇÃO	102
4.1	COMER O OUTRO: TORNAR <i>COMMODITY</i> , TORNAR MERCADORIA	111
4.2	ESTÉTICO, PERIFÉRICO, NEGRO: O QUE TAMBÉM SE APRESENTA 117	
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS – AS PRESENÇAS NEGRAS	120
	REFERÊNCIAS.....	126
	APÊNDICE.....	131

1 PARA ESCREVER ALÉM DA RAÇA

“About that Wave of Anti-Racist Bestsellers Over the Summer” é o título de um artigo que traduzi em 2020. À época, o que o texto discutia apresentava, para mim, elementos que falavam de um novo funcionamento do mercado editorial — agora antirracista. Lembro de entrar em contato por e-mail com Katherine D. Morgan, livreira, crítica literária e autora do ensaio em questão, pedindo autorização para a publicação do texto em português brasileiro na Revista Acrobata. Katherine deu de imediato um sinal positivo, e então segui com os pormenores da publicação. E assim o texto, depois de preparado, foi publicado.

O artigo não teve nenhuma repercussão. Acredito que aquela experimentação tradutória serviu apenas para que eu alimentasse e organizasse as reflexões sobre mercado editorial que já passeavam pela minha cabeça. Tudo, é claro, depois de abraçar e compreender um certo senso de desimportância maior tanto para aquele texto quanto para aquela discussão em si. Não tenho certeza da linha do tempo, mas entre a tradução do artigo e a escrita desta dissertação muita coisa aconteceu. Dentre elas, o agravamento da pandemia de covid-19 e o começo da minha trajetória como profissional do livro, editora e produtora editorial, dentro do mercado editorial do eixo Rio-São Paulo. Comecei em uma editora de porte médio, que publica livros de desenvolvimento pessoal (autoajuda) e ela não tinha absolutamente nada a ver com literatura. Contudo, aquela experiência foi o suficiente para aprender bastante sobre fazer livros e para me amarrar ao mercado editorial e seus processos.

O esforço para resgatar essas memórias teve início depois da provocação de Victória Lane, amiga e tradutora. Ela me perguntou o motivo de eu ter escolhido trabalhar com mercado editorial no mestrado. A pergunta veio em meio a minha dificuldade de fazer este texto acontecer, se desenrolar ou simplesmente de fazer nascer uma "reflexão crítica relevante" sobre o universo do livro e da literatura (para quem e para quê, me pergunto). Quando escrevi para Morgan, estava imbuída de muitas paixões: o livro, a literatura, a crítica literária negra e a pesquisa acadêmica. No entanto, quando esse questionamento chegou a mim, o que tinha sobrado era muita culpa por não ter terminado este trabalho num tempo x. E, talvez, tenha sido justamente o abandono de ideias coloniais de perfeição, linearidade e excelência que tenha possibilitado o início, o meio e o fim deste trabalho que apresento agora.

O artigo, afinal, falava, na minha leitura, de processos de commodificação. O assassinato de George Floyd, e os protestos que se seguiram, resultou em um alto volume de compras de livros de autores negros por “brancos antirracistas”. O que Morgan denunciava é que, apesar das volumosas compras, muitos livros permaneceram no estoque de livrarias negras. Ou seja: apesar de toda aquela movimentação “antirracista”, grande parte daquele público branco não chegou a ler ou ao menos tocar na produção literária e teórica de pessoas negras. No Brasil, em paralelo, uma série de editoras corriam para realizar a compra de direitos autorais e editar aqueles que vieram a se tornar bestsellers nos Estados Unidos. Ali (re)nascia uma nova tendência do mercado editorial, em que as identidades negras tinham espaço, agora supostamente não só para um público negro. Pessoas brancas, para quem o mercado editorial sempre produziu, também estavam interessadas. Um interesse direcionado, para um tipo específico de obras de autoria negra, mas ainda estavam interessadas.

Esta dissertação está dividida em três seções que, apesar de comporem um todo, foram escritas separadamente, com fôlegos diferentes, cada uma buscando (re)apresentar uma série de leituras que fiz durante o tempo desta pesquisa e trazer também um pouco da minha compreensão em relação a cada uma delas. Antes, vale a pena dizer que, embora o mercado editorial *mainstream* tenha tentado vender ares de novidade, a produção editorial e literária de autoria negra sempre existiu. Não só em São Paulo, um dos berços do Movimento Negro Unificado, o MNU, mas em cidades como Salvador, onde busquei focar a minha análise. Partir da ideia de que existe um mercado editorial de autoria negra em vez de reafirmar a narrativa da falta que o discurso dominante e branco sempre buscou fazer também dialoga com um desejo negro de escrever, mas, principalmente, de escrever além da raça.

A professora e crítica cultural bell hooks escreveu o texto “Escrever além da raça”, publicado em livro homônimo no Brasil apenas em 2022. Nele, há uma descrição do que é, para uma mulher negra, a experiência de escrever em casa. No conforto do próprio lar, de frente ao espelho, sentada na mesa do escritório, livre da raça, a mente oferece libertação. Fora de casa, há a violência racista. Aquela que aponta, que define, que estereotipa, que enquadra, que mata. Dentro de casa, não há nenhuma prescrição do que se deve pensar ou de como se deve pensar, muito menos existe o desconforto de olhares que te marcam como negro e dizem o que você foi, é

e o que pode vir a ser. Escrever em casa, além da raça, é escrever em totalidade, com todas as características que fazem alguém gente.

Li “Escrever além da raça” algumas vezes. Em alguns momentos, para entender por qual motivo precisava construir um senso de casa aonde quer que fosse para conseguir escrever e trabalhar nos espaços que circulava. E, em outros momentos, para entender a produção literária de autores negros. A reivindicação da humanidade por pessoas negras sempre passou por tornar-se negro, tendo, aqui, o signo “negro” como sinônimo de humano. No processo de “tornar-se negro”, isto é, da afirmação da identidade enquanto uma etapa da construção de uma subjetividade humana e radical, faz-se ativamente o resgate e o reconhecimento da memória de processos de escravização; ao mesmo tempo que ocorre a reivindicação inegociável do sensível, dos afetos, das contradições, do direito à justiça e do direito à criação e consumo da literatura em toda a sua plasticidade criativa, mantendo sempre o caráter estético de uma literatura que reverbera traços visuais, linguísticos e sonoros de uma Diáspora Negra.

Cuti (2010), crítico literário e poeta negro, escreveu no *Literatura negro-brasileira* como escritores negros sempre tiveram que contar com a recepção crítica branca para ter o mínimo de circulação ou apenas integrar, em alguma instância, o que se entende por Literatura Brasileira. Inclusive, é a partir disso que ele pensa a diferenciação de nomenclaturas como “literatura afrobrasileira”, “literatura afrodescendente” e “literatura negro-brasileira”, compreendendo que ora a nomeação afasta escritores negros e negras da Literatura Brasileira ora aproxima. Aqui, para evitar o ruído e o prolongamento de uma discussão que vira e mexe aparece em textos de crítica literária, optamos pelo uso de produção literária de autoria negra.

Ademais, quando afirma que o escritor que conhece a concepção de raça prevalente no Brasil por vezes escolhe não ferir uma “expectativa literária” em prol de um sucesso, ele sugere como existiu e ainda existe, sim, uma produção literária de autoria negra que produziu textos palatáveis para uma crítica literária branca. Fazer isso por muitas vezes significou atenuar ou banalizar as consequências hediondas e violentas do processo de escravização para a população negra. Lendo outro texto, agora o “O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo”, da autora negra e angolana Djaimilia Pereira de Almeida (2023), onde ela afirma que se entristece ao perceber que as pessoas no geral estão interessadas em ouvir escritoras e escritores

negros falarem de racismo, pensei como, por vezes, o mercado editorial *mainstream*, e a crítica literária que ele organiza, age como se o racismo fosse ele mesmo um gênero literário, o único que interessa.

Esse enclausuramento da escrita de autoria negra captada (ou assimilada ou incorporada ou cooptada) por uma publicação e recepção brancas se opõem a ideia de escrever além da raça. Mas, mais do que isso, opõem-se a ideia de uma escrita literária negra dotada de autodeterminação e memória. Ainda pensando nas reverberações do texto de Djaimilia Pereira de Almeida, lembro como ela questiona se a sua literatura seria lida caso ela se dedicasse a escrever futilidades, como a vista da janela ou os seus sonhos.

Se eu falar sobre outras coisas, sobre a vista da minha janela ou uma futilidade qualquer que apareça à minha frente... Posso fazer isso? Será que há espaço pra isso, sendo eu uma mulher negra? E a conclusão que vou chegando é que não há. [...] E se eu não escrevi sobre esses assuntos, eu escrevi sobre outros, as pessoas dispensam porque eu interesse na medida em que sou uma escritora negra e na medida em que falo sobre essas questões. Escrevi sobre isso num texto chamado "Tema livre", publicado na revista *Olympio*. Nele eu reivindicava uma coisa absolutamente questionada pela maioria das pessoas que escrevem, das pessoas brancas que escrevem nos jornais, nos livros, que escrevem o que quer que seja: o direito de escrever sobre o que me apetece, quando me apetece (Almeida, 2023, p. 47-48).

Ao afirmar também que não há como separar sua imaginação do fato que ela é uma mulher negra, isto é, de uma das identidades que a compõe, me veio a imagem da compreensão que aparece no texto de Cuti, já que é o pensamento dominante branco que vai criando critérios do que pode ou não ser escrito por pessoas alvos de racialização, sobretudo pessoas negras, para ser minimamente aceito. É essa crítica e mercado que mediam qual fração das identidades de pessoas negras são relevantes. Contudo, tanto Cuti quanto bell hooks e Djaimilia narraram o processo de escrita e publicação por meio do mercado editorial *mainstream* ou simplesmente um mercado editorial dominante branco, regulado. Isto é: nessa interação, a escrita de autoria negra não só interage com essa lógica, mas também produz rasuras, um jogo no campo literário.

Ao longo desta pesquisa, que se organizou também por um incômodo com o discurso da falta de produções literárias de autoria negra, fui sendo apresentada, em geral por uma rede negra acadêmica, dentro da Universidade Federal da Bahia, a obras de ficção e não ficção, teóricas e literárias, de autoria negra. A maioria das obras

publicadas ou por coletivos independentes negros ou por editoras universitárias, como a Editora da UFBA (EDUFBA), ou por editoras independentes... e, no geral, editoras independentes negras. Desse mercado editorial não mapeado em que circulavam inúmeros textos, autoras como Miriam Alves e Conceição Evaristo já haviam sido publicadas, assim como autores como Lande Onawale e Livia Natália. A partir disso, segui lendo e pesquisando todo e qualquer texto que pudesse me ajudar a compreender melhor 1) espaços negros de publicação que registraram de algum modo um arquivo editorial negro, sobretudo daqueles interessados em “escrever além da raça”, e 2) identificar e compreender processos de commodificação ou de supressão do pensamento negro.

Devo dizer que apesar da introdução nas discussões do mercado editorial terem chegado a partir da leitura de textos teóricos da intelectualidade negra brasileira, o referencial teórico estadunidense foi bastante significativo para a escrita deste trabalho. Muitas vezes encontrei na produção teórica sobre mercado editorial nos Estados Unidos indícios de elementos reconhecíveis e identificáveis na realidade editorial do Brasil. Ademais, por ser espaço de um mercado inegavelmente maior, longo e solidificado, a produção de autoria negra estadunidense me trouxe muitos bastidores do que é ter e não ter um livro publicado no mercado editorial *mainstream*.

Muitas experiências de autores e autoras negras com grandes editoras ainda são ditas “à boca miúda” no Brasil, fora de livros ou pesquisas, então assumi aqui que essas realidades guardam semelhanças. Importar o referencial bibliográfico estadunidense, além de ter gerado um esforço de tempo e recursos devido à pesquisa e à tradução, implicou na exposição e contextualização de um extenso arquivo de leitura, o que pode, por vezes, fazer o trabalho soar bastante “americanizado”. No entanto, acredito que esses materiais foram utilizados como provocação, como fósforo para as reflexões que se seguiram, além, é claro, de me motivar a seguir por caminhos de pesquisa que incluam os dados mais abrangentes de leitura como fonte de reflexão e argumento. Por fim, ressalto que entre as críticas publicadas de Zora Neale Hurston, James Baldwin, bell hooks e Toni Morrison, há um intervalo de tempo importante, mas a leitura e experiência de cada um deles contribuiu para que as discussões propostas aqui avançassem em pontos diferentes da pesquisa.

Na primeira seção desta dissertação, nomeada como “A conformação negra do mercado editorial do Brasil”, trago um breve panorama de como a formação do

mercado editorial do Brasil se confunde com uma conformação editorial negra, sobretudo considerando o nome de Francisco de Paula Britto. Nessa seção, discuto também como o discurso da falta é constantemente reafirmado dentro da Literatura Brasileira, aprofundando o que intelectuais negros ora chamam de epistemicídio ora de pilhagem epistêmica, incluindo também a discussão de supressão de pensamento negro descrita por Patricia Hill Collins. Para começar o debate, trouxe a conformação da revista estadunidense *Negro Digest* e interações que entendo que se repetem nos Estados Unidos, no Brasil e, em menor medida, em Salvador.

Ainda nessa seção, trago para o texto a cidade de São Salvador, capital do estado da Bahia. Escolhida para ser parte do recorte desta pesquisa, Salvador foi o lugar em que nasci e me entendi como negra. Então os primeiros questionamentos do mestrado, que surgiram ainda no processo de feitura do anteprojeto, junto a uma recusa a narrativa da falta, incluíam se existia ou não um mercado editorial em Salvador, se ele era negro ou não e se ele seguia uma ética negra. Essas perguntas mudaram bastante no curso da pesquisa e isso aparece à medida que as seções se desdobram. Ainda neste momento inicial, há um esforço de mostrar como o pensamento feminista negro sempre foi uma ferramenta epistemológica indispensável para a existência de um arquivo editorial negro. As mulheres negras e suas iniciativas críticas jogaram luz às discussões sobre literatura, recepção literária e crítica cultural em toda a Diáspora.

Na segunda seção, nomeada “Transformações do mercado editorial: *redlining culture*”, busquei discutir como mudanças históricas na percepção do que é fazer e publicar livro, considerando incentivos públicos e privados, mudou quando grandes editoras passaram a enxergar produções literárias negras, além, é claro, de discutir como iniciativas editoriais negras beberam e se relacionaram com essas mudanças. Para esse momento, penso tanto a realidade dos Estados Unidos como do Brasil, pois, como dito, embora os contextos sejam diferentes, há semelhanças que são úteis para que pensemos o todo. Além, é claro, de possibilitar que pensemos como certos processos podem se desdobrar de acordo com as especificidades históricas de cada país. Nesta seção, relatórios e pesquisas realizadas nos Estados Unidos foram apresentados visando identificar a relação entre livros publicados e discursos sobre cultura e integração racial. Ademais, tentamos explicar como a bibliodiversidade,

“garantida” por editoras independentes, tem sido prejudicada devido à compra de pequenas casas editoriais por grandes monopólios.

É na segunda seção também que penso como essas transformações alcançam Salvador, apresentando editoras que estão localizadas na cidade, discutindo a política editorial de cada uma delas, aproximando-as e distanciando-as umas das outras a partir de marcadores históricos e discursos ideológicos. É aqui que busco refletir um pouco sobre a ideia de baianidade e como isso reverberou nas editoras da capital baiana. É também a partir da escrita dessa seção que identificamos a necessidade de ter vozes, enquanto arquivo de fonte, compondo o texto. E, então, buscando trazer relatos, percepções e críticas de agentes literários do mercado editorial de Salvador, incluímos e analisamos trechos de entrevistas entre interlocutores do mercado editorial da cidade. Séries como “Palavra&Ponto”, da Academia Baiana de Letras, assim como a tese de doutorado de Rodrigo Maciel, “Que pode a minha poesia contra isso?: edição, mercado e racismo nos bastidores de *Kalunga*, de Lande Onawale”, serviram como material fundamental para o andamento da pesquisa e a composição de um todo de análise.

Por último, na terceira seção trago um pouco mais detidamente as discussões em torno dos processos de comodificação, mostrando como os discursos ligados à valorização da identidade dominam o mercado editorial hegemônico e como isso não necessariamente se converte 1) na publicação de obras de autoria negra, 2) na publicação de obras que visam a emancipação negra, e 3) na discussão da estética de obras de autoria negra. Aqui trouxemos também poemas e falas de autoras e autores negros de Salvador para refletir sobre como a autodeterminação, assim como a estética, interage com as tentativas de mercantilização da produção editorial e literária negra, buscando, dentro do mercado editorial de Salvador, superá-la.

Nomeamos esta dissertação como “Comer o outro: dinâmicas do mercado editorial de autoria negra dentro e fora de Salvador” a partir de um quebra-cabeças de referências que contribuíram de forma material ou subjetiva para o curso da pesquisa. “Comendo o outro: desejo e resistência” é um dos capítulos de *Olhares negros*, livro de bell hooks (2019), em que ela se dedica a falar de modo crítico sobre a representação e recepção da negritude na arte de modo geral, seja a literatura, as produções audiovisuais, as artes plásticas e a dramaturgia. “Comer o outro” diz de uma relação de assimilação, antropofágica no seu sentido ocidental e branco. Agora

não lembro com exatidão, mas talvez tenha sido nesse livro e texto em que li pela primeira vez a expressão “comodificação” da qual gosto e sinto que ainda há muito a ser desenvolvido, talvez centralizando ainda mais o funcionamento da economia e da cultura nos jogos do campo literário.

Outro detalhe ainda pensando o título está no fato de não termos colocado um artigo definido no subtítulo (ocultando-o) e termos usado o plural. “Dinâmicas do mercado editorial de autoria negra dentro e fora de Salvador” traz certa recusa de ter uma percepção única e determinada de nomeação e experiência negra dentro das dinâmicas editoriais. A referência para essa titulação é o livro *Um corpo negro*, da poeta Lubi Prates (2019). Como ela sempre fala, não há “o” corpo negro em que as experiências são replicáveis, existe “um” corpo negro, indeterminado, do qual, pensando na obra da autora, aquele eu lírico pode se expressar. Por último, mas ainda importante, “o dentro e fora de Salvador” sugere um pouco que o mercado editorial do Brasil não funciona de modo autônomo. É uma rede, e, portanto, ela se organiza de modo relacional, aqui sobretudo em relação ao eixo Rio-São Paulo (e sua crítica) e, em menor medida, aos Estados Unidos — isso é ao menos o que podemos intuir ao escutar expressões como “estudos de tendência” dentro do mercado editorial. Quando a dinâmica de interesse e publicação do eixo editorial do Brasil e dos Estados Unidos mudam, inevitavelmente as implicações do contexto são sentidas em Salvador, seja por impulsionar o mercado, atraindo mais leitores interessados, seja pela oportunidade de promover nacionalmente e internacionalmente debates cada vez mais estáveis no mercado editorial local.

Nesta pesquisa, também usamos alguns conceitos da Editoração, dentre eles, “produção editorial”, termo mais recorrente ao longo do trabalho. Aqui, usaremos o conceito de produção editorial como sinônimo de editoração. A editoração é descrita na obra *A construção do livro* (2008), de Emanuel Araújo, como o “gerenciamento da produção de uma publicação – livros, revistas, jornais, boletins, álbuns, cadernos, almanaques etc.” (Araújo, 2008, Kindle Location 662). Emanuel Araújo também resume a acepção de pessoa editora que usamos aqui como aquela que enxerga o livro como um todo, passando por todas as etapas: da concepção, avaliação e contratação de um original até a venda em uma livraria (ou e-commerce). Mais à frente, falamos também da transformação da função do editor ao longo dos séculos, chegando a essa compreensão que temos hoje. Preservar os livros, padronizá-los e

guardar o conhecimento sempre foi um desejo da humanidade; o desejo por lucro, volume e grande distribuição veio depois, antes fazer livro associava-se a uma atividade mais artesanal e até filosófica, diria.

Durante o curso desta pesquisa, contudo, o que menos mudou foi a paixão pelos livros, pela literatura, pela crítica literária negra e pela pesquisa acadêmica. Voltei a escrever com mais constância depois de fazer um curso sobre escrita no Sesc Belenzinho. Depois de lá, criei uma newsletter: simples, quase pessoal, meio diário meio ensaio. Uma nova publicação quase toda segunda-feira. No fim de cada novo texto da newsletter, nomeada “museu dos pequenos acontecimentos”, reproduzia sempre uma nota de rodapé sobre um texto maior e mais importante que procrastinava para estar ali, falando de bobagens, de livros que me sequestraram, de uma pintura de Antonio Obá, “Tocaia” (2019), que me deixou apaixonada: às vezes a gente dá a mão para se machucar pensando a solução, construindo a vingança.

Escrever na minha casa, sobre o que me apetece, quando me apetece, para o meu museu dos pequenos acontecimentos, abriu espaço para a vontade de voltar a escrever este que é, sim, um trabalho formal, que apresento no seu limite, em sua data de conclusão. Talvez o meu primeiro ímpeto seja acreditar que momentos como aqueles tenham sido irrelevantes, mas logo penso nas exposições que vi, nos textos que li, na cidade que agora moro, São Paulo, na cidade que virou meu quintal, o Rio de Janeiro, nos sambas que fui entre lá e cá, e das amigas que acalentei e me acalentaram. Menos culpa, mais alegria e um trabalho que começa... e começa de novo, de novo, de novo.

Tudo que pesquisei e trouxe para esta dissertação me encantou de alguma forma. Seja a teoria dura, seja a poesia, seja a crítica de pessoas que celebro. Para variar a minha própria regra, apresento este trabalho comemorando, com alegria genuína, o que esta pesquisa, esta paixão, me deu.

2 A CONFORMAÇÃO NEGRA DO MERCADO EDITORIAL NO BRASIL

Em abril de 1950, Zora Neale Hurston, antropóloga, poeta e escritora da *Harlem Renaissance*, publicou o ensaio *What White Publishers Won't Print* [O que editores brancos não publicam] na revista *Negro Digest*, responsável por veicular a produção teórico-crítica e literária negra entre e para a comunidade afro-americana nos Estados Unidos, a partir de 1942, ano de sua criação.

Criada por John Harold Johnson, um dos primeiros editores negros conhecido nos Estados Unidos, e por Benjamin Burns, seu colega de apartamento à época, um homem judeu e comunista, a *Negro Digest* nasceu a partir do desejo de retratar aspectos positivos da vida negra, fosse descrevendo características da estética, da cultura, do ativismo ou da política, fosse republicando artigos da intelectualidade negra, fomentando o que mais tarde entenderíamos como o *Africana Studies*. O periódico também surgia entre os círculos editoriais, sobretudo de entretenimento, com o objetivo de ser uma opção a *Reader's Digest*, uma publicação voltada para as famílias brancas estadunidenses.

Com uma circulação quase que restrita à população afro-americana, a *Negro Digest* chegou a imprimir cerca de 150 mil cópias por mês em seus anos iniciais, isso sem a necessidade de quaisquer propagandas ou publicidades para sua manutenção e circulação. Anos depois, em 1972, chegou a alcançar cerca de 20 mil assinantes, com uma distribuição de cerca de 80 mil exemplares por mês, número que colocou o pequeno mas sólido periódico como um veículo editorial importante para os Estados Unidos. Sabe-se hoje que os números de distribuição atingidos pela *Negro Digest* no século XX foram próximos a de periódicos como o *The New Republic*, um dos maiores portais de comunicação político-econômica dos Estados Unidos do século XXI.

Entendida inicialmente como uma “revista de crítica negra”, a influência e o sucesso da *Negro Digest*, tanto na formação cultural e intelectual negra quanto na extensão de sua circulação naquele momento do século XX, incomodou o Departamento de Investigação Federal dos Estados Unidos, o FBI. À época, John Edgar Hoover, um dos policiais responsáveis pela transformação do FBI em uma agência de inteligência criminal, acreditava que o periódico era controlado por comunistas e que tinha o potencial de mobilizar e influenciar um enorme contingente

da população afro-americana, sobretudo por causa de sua associação a Benjamin Burns, seu socioeditor (Fenderson, 2019, p. 20).

A partir daquele momento, inúmeros relatórios sobre o conteúdo editorial da *Negro Digest* começaram a surgir. Neles, a repetição de que pessoas negras poderiam se tornar mais agitadas e propensas a reivindicações coletivas, mobilizadas pela leitura dos artigos ali publicados, se multiplicaram. Porém, infelizmente, o olhar editorial guiado por uma perspectiva ideológica comunista, marxista ou, se assim podemos reconhecer, emancipatória — ou ao menos mais igualitária — estava mais distante do que pressupunha Hoover e o FBI. A presença de Benjamin Burns como socioeditor nunca foi determinante para as decisões de John Harold Johnson. Para Johnson, o que estava em jogo eram os dividendos. Não à toa, com muita brevidade, concordou em ter textos do próprio FBI na revista, muitos deles “caracterizando”, de modo obviamente racista, a relação das pessoas negras com a criminalidade, exaltando, conseqüentemente, organizações, iniciativas e ações de repressão policial.

Ao longo das publicações da *Negro Digest* em parceria com o FBI, Johnson e Hoover se tornaram próximos, e o então monitoramento das publicações da revista foi desaparecendo, até o seu retorno em 1969. Notadamente negra, a *Negro Digest*, mais tarde denominada *Black World*, quebrava a longa tradição da imprensa negra de denunciar o racismo e o ódio antinegro, assim como negava-se a fomentar o debate e a luta para a tão desejosa conquista de direitos civis e políticos nos Estados Unidos, por mais contraditório que fosse; essa condução era uma prerrogativa de Johnson. Como endosso do próprio posicionamento ideológico e em busca de mais ganho financeiro, Johnson criou, em meados da década de 1940, a *Ebony*, uma revista para retratar os pormenores do “glamour” da rotina negra, dando lupa em histórias envolvendo sexo, festas e fofocas de personalidades e famosos negros.

O lançamento da *Ebony* foi um sucesso, com cópias esgotadas e muitos patrocinadores interessados, satisfazendo aos interesses financeiros de seu editor. No entanto, isso resultou, mais tarde, na suspensão da publicação da *Negro Digest*, não mais lucrativa, por quase dez anos, quando, em 1961, o editor Hoyt Fuller retomou a publicação, recolocando-a nos circuitos políticos, artísticos, culturais e literários estadunidenses. À época, quando Johnson e Burns decidiram retomar a edição do periódico, ambos buscaram os melhores jornalistas e críticos culturais negros para a

sua recomposição. Dessas buscas, veio Hoyt Fuller, que organizou e estruturou as artes negras dentro da revista.

A chegada de Fuller transformou a *Negro Digest*. Se antes a republicação de textos era a norma, sob a sua coordenação a revista passou a trazer de modo robusto a produção crítica e intelectual negra. Com ele, a publicação se tornou um espaço frutífero para debates nacionais e internacionais sobre a cultura afro-americana, registrando, sobretudo, o momento do *Harlem Renaissance*. No livro *Building the Black Arts Movement*, Jonathan Fenderson, professor associado e professor-assistente de Estudos Africanos e Afro-americanos da Universidade de Washington, aponta a centralidade de Fuller para o *Black Arts Movement*.

Hoyt Fuller não era apenas uma figura central no desenvolvimento dessa rede, ele era o principal articulador do Black Arts Movement cujo trabalho em inúmeras áreas moldaria o curso das artes afro-americanas. [...] Por entre as páginas da proeminente revista, Fuller foi capaz de moldar um diálogo muito mais amplo e profundo do que qualquer outro indivíduo no movimento. Em outras palavras, a influência editorial de Fuller era tão profunda quanto singular (Fenderson, 2019, p. 4, tradução nossa).¹

A postura editorial de Fuller, capaz de criar uma base sólida para a articulação da intelectualidade negra, indicava a necessidade da imposição do nosso trabalho editorial e curatorial para a disseminação do pensamento radical negro. O trabalho de Fuller, portanto, (re)apresentou escritores, artistas plásticos, dramaturgos, romancistas, professores e professoras, além de músicos, musicistas, atrizes e atores negros aos Estados Unidos.

A partir daí, a *Negro Digest* como um espaço crítico de veiculação de artigos, ensaios e textos literários se consolidou como berço para movimentos fundamentais para a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e para a luta antiapartheid na África do Sul durante as décadas de 1960 e 1970. Juntos, Fuller e a *Negro Digest* produziram o terreno para o que mais tarde identificaríamos como o *boom* da recepção de obras negras em todo os Estados Unidos, pois o trabalho editorial realizado por ele e por outros profissionais da comunicação negros fomentaram a criação de um público leitor

¹ Hoyt Fuller was not only a pivotal figure in the development of this network but also a central architect of the *Black Arts movement*, whose work in a number of areas would shape the course of African American arts and letters. [...] Through the pages of the prominent periodical, Fuller was able to shape the conversation in a far more pronounced manner than any other individual in the movement. In other words, Fuller's editorial influence was not only profound but singular as well (Fenderson, 2019, p. 4).

crítico e ávido por mais obras de autoria negra. O movimento iniciado pelo periódico identificou, mapeou e publicou uma série de artistas da palavra que mais tarde seriam reeditados por grandes casas editoriais, como a Random House. Essas, por sua vez, estavam dispostas a publicar tais obras desde que os processos de editoração fundamentados a partir de uma tecitura e ética negras fossem ignorados e que os livros fossem (ou se tornassem) *bestsellers*.

Um exemplo do modo como uma obra de autoria negra pode ser afastada do seu fazer editorial e literário dentro de uma grande editora é o apagamento dos meandros de sua produção ou de seus traços estéticos, sobretudo quando a obra foi originalmente publicada por uma editora negra. Isso aparece em um episódio envolvendo a escritora e editora Toni Morrison e a *Negro Digest*. Em 1974, Toni Morrison recebeu duas cartas em seu escritório na Random House: a primeira era de Hoyt Fuller e a segunda de Carole Parks, também editora da *Black World*, agora antiga *Negro Digest*. De acordo com as cartas, a Random House, na pessoa de Toni Morrison, não havia reconhecido o trabalho de uma publicação negra. Parte da obra de Henry Dumas, poeta negro, condensada em *Play Ebony, Play Ivory* (1974), livro de poesia, havia sido publicada a partir de um olhar curatorial crítico negro, com uma edição negra, em uma revista negra, e agora ela era relançada, com todos os louros que o marketing e a distribuição que uma das Big Five do mercado editorial poderiam dar, mas sem nenhum crédito ou referência ao trabalho intelectual negro realizado fora de uma grande companhia. A obra foi publicada, mas quem possibilitou a sua existência no curso da História e, principalmente, do seu público leitor, foi apagado da edição.

Trazendo uma lupa para a discussão em torno da publicação de obras de autoria negra por grandes conglomerados editoriais dentro e fora do Brasil, é notável que, ao invisibilizar o fazer literário e editorial negros, incorremos em violência epistêmica (Spivak, 2010, p. 47), isto é, em práticas amplas e heterogêneas de tornar o “sujeito colonial” em *Outro*, negando a ele qualquer apropriação da própria história e cultura. A ideia de violência epistêmica delineada por Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?* é acompanhada e complementada, também, por uma série de intelectuais que debatem os projetos de apagamento epistemológico de minorias políticas. A filósofa e ativista Sueli Carneiro (2023, p. 89), por exemplo, define epistemicídio em *Dispositivo da racionalidade: a construção do outro como não ser*

como fundamento do ser como “uma forma de sequestro da razão [do subjugado] em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em muitos casos, lhe é imposta”, deixando evidente que o epistemicídio se expressa de múltiplas formas, mesmo que muitas vezes contraditórias.

Essa contradição aparece quando se estabelece os processos de assimilação cultural, em que a integração racial do negro é condicionada a concessões e negociações dentro da política, da cultura e dos processos de subjetivação psíquica. É um operador conceitual que usamos para nomear os apagamentos da presença negra dentro da História. Contribuições intelectuais de pesquisadores e pesquisadoras negros apagadas ou ocultadas de suas áreas de pesquisa e/ou atuação, conceitos e ferramentas cuja origem negra é ignorada ou omitida, a desvalorização e subjugação ativa da intelectualidade negra e sua produção teórico-crítica, além da exclusão e omissão ativa da presença de escritores negros e negras da literatura. O epistemicídio é uma ferramenta de análise teórica e filosófica acionada em reflexões onde não só a violência física é tema, ao contrário, ele dá espaço para que nos aprofundemos nas consequências de uma violência dita simbólica.

Henrique Freitas, professor, escritor e crítico literário baiano, faz essa discussão a partir da ideia de pilhagem epistêmica em seu livro *O Arco e a Arkhé* (2016), trazendo esse debate para dentro da literatura e dos estudos culturais. Para ele, a ideia de nação e literatura instituída no Brasil aconteceu por meio da pilhagem de saberes indígenas, africanos e afro-brasileiros, ocultando a participação negro-africana no desenho e na definição de grandes movimentos e tendências culturais, artísticas e literárias. Um dos exemplos que ele usa é o apagamento da influência de Lima Barreto no modernismo, que contribuiu fortemente para o fim de uma dependência cultural do Brasil com suas escolhas estéticas. Não necessariamente como resposta ou solução à pilhagem epistêmica, mas como mote para discutir as bases e as origens de escolhas estéticas negras, ele propõe o conceito de literatura-terreiro, onde empreende um esforço crítico para compreender como as produções afro-brasileiras, indígenas e africanas florescem na arte dentro de uma realidade marcada pelo racismo, pela colonialidade e pelas marcas da escravização.

A literatura-terreiro, portanto, não seria uma literatura onde suas articulações seriam associadas à ideia de negritude como força inescapável, como ele escreve, mas como traço analítico, ético e estético conectado às epistemes afro-brasileiras.

Mais do que isso, ela seria ancorada no corpo negro e em uma filosofia da ancestralidade. Não seria uma literatura temática, *sobre* religiões de matrizes africanas, por exemplo, mas uma literatura que carrega consigo marcas multimodais (oral, imagética, linguística etc.) do que o corpo negro produz e produziu no Brasil, num movimento que nega em absoluto o lugar desse *Outro*. O que podemos apreender é que dentro da literatura ainda há, apesar dos avanços, extrema dificuldade em reconhecer a produção e a influência negra em seus circuitos, sobretudo porque não basta a publicação e a circulação da produção literária de autoria negra, foco deste trabalho, é preciso refletir *como* se dá essa recepção a partir dos centros hegemônicos de poder, sobretudo o editorial, acostumado a olhar a produção literária e crítica de autorias negras exclusivamente por categorias literárias universais ou pelo olhar da falta, quando não negando-a por completo.

Partir das confabulações críticas operadas por Spivak (2010), Carneiro (2005; 2023) e Freitas (2016) diz de diferentes possibilidades genealógicas de compreender o processo de silenciamento e apagamento da produção da intelectualidade negra. Todos esses operadores críticos são caminhos. Eles informam como existe uma série de produções contemporâneas que partem de territórios geográficos diferentes para narrar como o passado organiza o presente, e isso fica evidente não só diante da repetição de mecanismos infelizmente históricos de apagamentos, mas também de como tais mecanismos operam.

Naturalmente, apesar de não serem matérias deste trabalho, eles acompanham, seguem e contribuem para diferentes abordagens-metodológicas que buscam compreender como a escravização produz a condição do negro ao longo do curso da História, marcando, portanto, os efeitos da colonização e da colonialidade na produção de conhecimento negro. Aqui é possível citar os estudos pós-coloniais, a decolonialidade, a afrocentricidade e o próprio pensamento feminista negro que embora se articulem por meio de genealogias diferentes tentam dizer como corpos dissidentes são, sim, produtores de conhecimento e, dada a ênfase deste trabalho, de literatura; não só como escritores, mas como agentes de produção editorial.

No caso da conformação negra do mercado editorial no Brasil, narrar o passado, resgatando trabalhos, ensaios, artigos, assim como organizações e iniciativas editoriais, possibilita afirmar que apesar das multifacetadas tentativas de supressão da produção literária de autoria negra (Collins, 2000) por parte do mercado editorial

mainstream existem perspectivas histórico-críticas que mapeiam o mercado editorial negro e suas produções. No Brasil, o Movimento Negro Brasileiro assume uma postura radical no sentido de atuar no combate a ideias universais mas sobretudo contra práticas sistemáticas de violência epistêmica, mostrando-se, nesse sentido, um ator imprescindível para a conformação negra do mercado editorial no Brasil.

Segundo Nilma Lino Gomes (2017), pedagoga, pesquisadora do movimento negro, mineira e ex-ministra de Estado da Igualdade Racial, o Movimento Negro Brasileiro não pode ser compreendido apenas como um conjunto de ações de mobilização política ou como um movimento político de mobilização racial, como muitas vezes é descrito na literatura dentro das Humanidades. Ela o entende, no entanto, como um fenômeno e um movimento social em que a função primordial “ é [...] destacar as dimensões reveladoras do seu caráter emancipatório, reivindicativo e afirmativo” (Gomes, 2017, p. 23). Desse modo, constituindo-se como um fenômeno, formado por entidades religiosas, culturais, políticas, artísticas e assistenciais, e, por isso mesmo heterogêneo e capaz de protagonizar divergências, podemos usá-lo para mapear como o mercado editorial de autoria negra se consolidou apesar do mapa de ausências (Dalcastagné, 2018) dentro do mercado editorial dominante (ou hegemônico) no Brasil.

2.1 A ARTICULAÇÃO CRÍTICA NEGRA

Começar a falar sobre a conformação negra do mercado editorial do Brasil a partir da fotografia de uma revista estadunidense e dos processos de violência e pilhagem epistêmicas, mas também de epistemicídio, portanto, não é uma escolha aleatória. No artigo *What White Publishers Won't Print*, de Zora Neale Hurston (1950), citado na abertura desta seção, pontua-se que a condução branca de produções artísticas, sobretudo literárias, não levava em consideração como pessoas negras comuns se comportavam e viviam. Para que elas fossem publicadas, era preciso atender a algum interesse. As únicas narrativas dignas de atenção eram aquelas em que o recorte abarcava a vida de pessoas negras de classe alta. Para Zora, isso revelava dois problemas:

Essa falta de interesse é muito mais importante do que parece à primeira vista. É, inclusive, mais significativa agora do que já foi no passado. Os interesses nacionais têm consequências sobre a pressão e a força

internacionais, e esse vazio na literatura nacional tem um peso tremendo nas agendas mundiais. A coesão e a solidariedade internas estão implícitas na compreensão contínua dos vários grupos que compõem a nação, e a ausência de conhecimento sobre o imaginário e o comportamento de vários grupos [maiorias minorizadas] não podem impedir a integração da sociedade. O ser humano, como qualquer outra espécie animal, teme e é repellido por aquilo que não compreende, e, assim, a mera diferença ganha conotação maligna, provoca medo (Hurston, 1950, p. 1, tradução nossa).²

Primeiro, não ter na literatura a ficcionalização dos usos linguísticos, culturais, políticos e estéticos de pessoas negras, ou de uma tradição histórica literária e cultural negra, revelava a impossibilidade de sequer imaginar uma nação. Não mapear a vida negra significava a não compreensão de parâmetros sociais, políticos, históricos, econômicos e culturais do próprio país, estabelecendo, portanto, um ambiente profícuo para conflitos e disputas, sobretudo internamente. Constrói-se um imaginário simbólico de nação a partir de uma literatura nacional pouco coesa, ora muito restrita, ora reduzida a estereótipos, atendendo apenas ao interesse branco (ou da branquitude) de retratar uma única faceta da vida negra, porque em geral se não escrita apenas por mãos brancas são cerceadas, editadas e controladas por mãos brancas. A produção cultural e literária produzida e veiculada nos Estados Unidos não traduzia o projeto de nação em curso ou, se trazia, não o fazia com clareza, não só porque existia apenas o interesse em narrativas específicas das minorias políticas, mas também por causa da ideia do negro como o *Outro*/objeto, ou seja, identidades que são retiradas de sua subjetividade e reduzidas a uma existência de objeto (Kilomba, 2019), dito, representado e cerceado pelo dominante.

Ora, quando só uma faceta da vida negra interessa em prol de outras narrativas temos um modo de relegar às subjetividades negras o lugar de objeto: aquele que precisa ser dito e caracterizado a partir de uma visão determinada. Isso é primordial, porque a não publicação, circulação e recepção de obras negras, tanto de ficção (prosa e poesia) quanto de não ficção (biografias, livros-reportagem, teoria crítica etc.)

² This lack of interest is much more important than it seems at first glance. It is even more important at this time than it was in the past. The internal affairs of the nation have bearings on the international stress and strain, and this gap in the national literature now has tremendous weight in world affairs. National coherence and solidarity is implicit in a thorough understanding of the various groups within a nation, and this lack of knowledge about the internal emotions and behavior of the minorities cannot fail to bar out understanding. Man, like all the other animals, fears and is repelled by that which he does not understand, and mere difference is apt to connote something malign (Hurston, 1950, p. 1).

interdita a compreensão do funcionamento da economia de um país não apenas a partir das perspectivas negras, mas também do nosso papel nesse funcionamento.

Mais do que isso, retratar na literatura apenas a vida de pessoas negras de classe alta era focar o excepcional, o fora de contexto. Como Hurston (1950) afirmou: “O negro médio, esforçado e não mórbido é o segredo mais bem guardado da América”. Reconhecer e publicar a produção literária em que esse negro escreve, sujeito e produtor da própria escrita, seria abalar a comunidade imaginada de uma nação, onde a imagem viva da comunhão entre os povos existe e é mantida com muito afinco (Anderson, 2008, p. 32). O fazer literário negro, portanto, explicita o atrito entre a nação que se imagina e a nação que existe, bem como entre a identidade nacional emulada e as identidades nacionais discursivas ocultadas, embora essa não seja a sua razão de existir, o grande “objeto” de sua análise ou ainda o mobilizador das inventividades literárias negras.

Ao contrário, se tomarmos como verdade que nossa capacidade criativa é um modo de pensar e reinventar o mundo, entendemos como a criação literária é o caminho para direcionar luz para questões que permeiam a vida negra, que além de por vezes não terem categorias analíticas nomeadas, também não têm elaboração estética em franca circulação e/ou discussão. Essa discussão me foi apresentada na universidade, por meio dos escritos de Audre Lorde, poeta, escritora e professora estadunidense, que se empenhou em pensar os usos e o poder da criação literária para pessoas negras e mulheres lésbicas. Mais tarde, o livro *cuírlombismo literário*, da poeta e tradutora brasileira Tatiana Nascimento, também me trouxe as mesmas provocações, mas agora pensando como os textos acadêmicos podem ser desenvolvidos de modo a instrumentalizar a criar e pensar novos mundos.

Em “A poesia não é um luxo”, ensaio de Audre Lorde publicado pela primeira vez em 1977 e traduzido para o português pela editora Autêntica em 2019,³ ela pontua que “[...] onde não existe linguagem, é a poesia que ajuda a moldá-la” (Lorde, 2019, p. 47), isto é, a literatura aparece para as pessoas negras, assim como para as populações indígenas, LGBTQIAPN+, pessoas pobres, comunidades de terreiro, pessoas com deficiência e outros grupos minorizados, como resposta e instrumento de articulação teórica, política e estética. Um meio de elaboração de linguagem que

³ Muito antes de ganhar uma tradução “formal” por editoras, a obra e o pensamento de Audre Lorde já circulavam entre as pesquisadoras negras a partir de traduções autônomas de redes negras, em geral publicadas no Portal Geledés.

ajuda a revelar e desvelar como a experiência dissidente narra os efeitos da colonização e das tentativas de violência epistêmica e literária para além de conceitos sociológicos e/ou econômicos, seja por meio de construção de enredo, da hibridização de gêneros, dos tipos de narradores, das quebras em poemas, da compreensão do tempo, do uso da escrevivência como mecanismo de escrita, assim como a compreensão do território e a presença do invisível (mistério e encanto) como catalisador ficcional.

Ao falar que é da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, Lorde projeta como o modo que criamos, falamos, escrevemos e produzimos linguagem é um meio para (re)estruturar e pensar as sociedades e a crítica literária, sobretudo, a partir de novas abordagens teórico-metodológicas, como a própria decolonialidade e o pensamento feminista negro, já citados. Aqui, refletir sobre as sociedades associa-se diretamente à elaboração da ideia de nação, porque “[...] a escrita de um país é a construção da identidade nacional; a construção do Estado-nação está [contada] na escrita” (Carrascosa, 2023) e, por isso, a não publicação de obras negras legitima o desconhecimento dos valores sociais, ideológicos, culturais e políticos de um país. Nas palavras de Hallewell (2012, p. 31), “[...] é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros” e, portanto, pensá-la a partir de uma pretensa universalidade é uma interdição à compreensão da vida nacional e da vida das pessoas comuns, como advoga Hurston.

Em *Notas de um filho nativo*, livro de ensaios do romancista, poeta e crítico literário James Baldwin (2020), a frase “A história do negro nos Estados Unidos é a história dos Estados Unidos — ou, mais precisamente, dos americanos”, além de ecoar o texto de Zora o sintetiza, compartilhando nas suas palavras uma (para mim) verdade que passeia no Atlântico, mostrando que nenhuma nação se constitui sem ter na literatura o verdadeiro escrutínio dos corpos físicos e das subjetividades que a constituem. Isso, é claro, desviando das acepções estereotipadas ou de qualquer ideia que torna o ôntico (a parte, a partícula, o elemento) do ser negro em ontológico (totalidade, amplitude, heterogeneidade, extensão), isto é, no completo *ser* negro, como escreve Carneiro (2005; 2023) em diálogo com Heidegger.

Desse modo, quase que como resposta, o segundo problema elencado por Hurston (1950) aparece:

Casas editoriais e diretores de teatro estão no mercado para fazer dinheiro. Eles financiarão qualquer coisa que acreditem que venderá. Eles fogem de histórias românticas sobre negros e judeus porque acreditam que conhecem a indiferença do público a tais histórias, a não ser que essas pontuem alguma tensão racial. Elas podem então ser oferecidas como um estudo sociológico, com o lado romântico apagado. Eles sabem do ceticismo geral em relação à complexidade dos afetos das pessoas negras. O americano médio simplesmente não consegue conceber e estaria apto a rejeitar tal perspectiva. Editores e produtores assumem que estão no mercado para fazer dinheiro, não para educar. Simpáticos como conseguem, não estão no mercado para serem ativistas. Prova disso é que se pode notar vários profissionais do livro avançarem, mesmo que timidamente, quando sentem que o público está pronto. O interesse do público é a chave da questão. A questão que surge naturalmente é qual a razão dessa indiferença, para não dizer ceticismo, em relação à vida pessoal das minorias escolarizadas (Hurston, 1950, p. 2, tradução nossa).⁴

Ao mesmo tempo em que Hurston (1950) discute a dificuldade da publicação e circulação de obras negras e o impacto disso para a compreensão do que é uma nação, ela mostra como existe, sim, mesmo que em volume reduzido, a edição de tais obras; contudo, elas precisam seguir critérios definidos pelo mercado editorial *mainstream*. Narrativas em prosa e verso podem ser editadas desde que se adequem a um processo de apagamento, assimilação e esvaziamento, enclausurando as realidades da multiplicidade da vida negra em uma única perspectiva: via de regra, a narração da desgraça, da miséria, da falta e do sofrimento. Para Hurston (1950), obras que humanizem as experiências e experimentações que concernem às afetividades negras, como amor, encontros, desencontros, despedidas, silêncios, dores e o próprio livre exercício da imaginação, centralizando as subjetividades, não são do interesse do público delineado por essas editoras ou é ao menos assim que o mercado editorial *mainstream* enxerga. Dentro desse mercado, cabe apenas uma literatura negra celebratória, das pessoas negras de classe alta, ou uma literatura marcada pelo não lugar das pessoas negras, em textos que reproduzem discursos de violência,

⁴ Publishing houses and theatrical promoters are in business to make money. They will sponsor anything that they believe will sell. They shy away from romantic stories about Negroes and Jews because they feel that they know the public indifference to such works, unless the story or play involves racial tension. It can then be offered as a study in Sociology, with the romantic side subdued. They know the skepticism in general about the complicated emotions in the minorities. The average American just cannot conceive of it, and would be apt to reject the notion, and publishers and producers take the stand that they are not in business to educate, but to make money. Sympathetic as they might be, they cannot afford to be crusaders. In proof of this, you can note various publishers and producers edging forward a little, and ready to go even further when the trial balloons show that the public is ready for it. This public lack of interest is the nut of the matter. The question naturally arises as to the why of this indifference, not to say skepticism, to the internal life of educated minorities (Hurston, 1950, p. 2).

preterimento, hipersexualização, animalização, agressividade etc. Para o homem negro, o estigma de frio, agressor, violento e estuprador. Para a mulher negra, o estigma de mulata, mãe negra, mula e raivosa.

Então o texto de Zora (1950) dá luz a dois movimentos: 1) existem espaços para circulação da crítica e produção literária, seja de prosa ou poesia negra, e 2) quando tais publicações são feitas por grandes grupos editoriais, além da notória maior circulação, como na obra *Play Ebony, Play Ivory*, de Henry Dumas, há tentativas de apagamento dos espaços que publicam e sempre publicarão a produção editorial negra. Isto é: Hurston (1950) narrou, de modo muito profícuo, duas grandes estratégias usadas para suprimir não só a produção editorial negra como também o conhecimento negro. Um movimento, portanto, seria o de negar o arquivo da produção editorial negra, porque a própria publicação de *What White Publishers Won't Print* e, é claro, a existência da Black World e daquela curadoria, escancara que existem, sim, textos de autoria negra em circulação; e, em paralelo, informa que existe um processo de assimilação e esvaziamento da produção literária, artística, teórica e crítica de corpos dissidentes ao serem editadas e publicadas por conglomerados editoriais.

Collins (2000; 2019) descreve que o processo de supressão do pensamento feminista negro, e aqui amplio para a atuação do movimento negro assim como para a atuação do mercado editorial de autoria negra,⁵ acontece a partir de três padrões, são eles: 1) omissão, discussão que aparece amplamente na produção teórico-crítica de intelectuais como Cuti, Miriam Alves, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez; 2) teoria sem práxis, nos dando caminhos para querer mobilizar os arquivos editoriais de grandes conglomerados editoriais que, embora visibilizem por meio de estratégias publicitárias, o trabalho de autoria negra pouco muda o volume de obras a serem publicadas em seus prelos de lançamento, e 3) supressão, por incorporação, alteração e despolitização, o que é descrito com riqueza de detalhes na produção intelectual de bell hooks (2019a, 2019b), mas também e, talvez sobretudo, tendo como o foco a conformação do mercado editorial de autoria negra no Brasil, por pesquisadoras e pesquisadores negros que buscaram mapear a existência de livrarias, iniciativas editoriais e obras literárias negras.⁶

⁵ Autoria não só no sentido da escrita, mas da tecitura e do fazer editorial, porque o processo e as formas de edição, assim como as subjetividades e os modos de existir, são múltiplos e heterogêneos.

⁶ Ao longo deste trabalho, retomamos tais produções de modo mais detalhado, de modo a compor e a aprofundar as discussões relacionadas à supressão do pensamento negro no mercado editorial.

Collins (2019, p. 35) afirma ainda que existe uma rede dita homogênea, amarrada na economia, na política e na ideologia, que se constitui como “um sistema altamente eficaz de controle social destinado a manter as mulheres afro-americanas em um lugar oprimido e subordinado”. O pensamento feminista negro permite, como abordagem teórico-metodológica, que utilizemos de uma crítica que nasce de e com mulheres negras em toda a diáspora africana para pensar as relações de poder. Notadamente, os tentáculos dessas relações alcançam todo o campo da arte, incluindo o campo literário (Bourdieu, 1996) que absorve as nuances da conformação do mercado editorial. O objetivo de tal teoria crítica é a emancipação plena de todos os corpos subalternizados, modo como atua o Movimento Negro Brasileiro.

Miriam Alves (2019) em entrevista ao programa *Bondelê*, disponibilizado no Youtube⁷, mostra como dentro do mercado editorial hegemônico existe uma expectativa para um “lugar de negro”. Apesar de não se alongar no que seria esse lugar, subentende-se que ela está discutindo os estereótipos que aparecem em torno do negro. Ao pensar na obra de Carolina Maria de Jesus, por exemplo, e como ela foi publicizada enquanto escritora — favelada, pobre, que escrevia com erros ortográficos e só — deduzimos que é o lugar do *Outro* que esse mercado deseja circular. Alves (2019) traz, em oposição a essa ideia, como teve uma infância feliz, com livros, comida e família completa, completamente distante de narrativas que trazem o homem negro como violento e que abandona a família ou de mulheres negras que passaram a vida criando as crianças de mulheres brancas, embora obviamente não negue nada disso. À Miriam Alves não existiu o lugar de falta que se deseja que os corpos dissidentes estejam.

Na verdade, Miriam Alves (2019) discute uma produção literária de autoria negra que funciona nos termos do Movimento Negro Brasileiro, descrito nas reflexões Gomes (2017): uma produção literária comprometida com a emancipação e afirmação positiva negra. Ou seja: na poesia e na prosa de Miriam Alves o que se produz enquanto matéria estética passa por um olhar que desconhece a falta e, para além de desconhecê-la, não se alinha à necessidade de narração da desgraça ou, para citar

⁷ BONDELÊ #59 apresenta Maréia, mais entrevista com a autora. Bondelê. 2019. Youtube. Publicado pelo canal Bondelê. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W--oD2cL_tg&t=1211s. Acesso em: 26 abril 2024.

James Baldwin, à necessidade de criar um “romance de protesto” (Baldwin, 2020).⁸ Alves (2019) ainda afirma que “a escrevivência não é só do lugar de falta”, já que as narrativas de autoria negra não partem de um único lugar, seja esse espaço o espaço da memória, do combate, do sofrimento ou do “contra-ataque”.

Em diálogo, Toni Morrison conta, no documentário *The Pieces I am*, da alegria que sentiu ao saber o motivo pelo qual *Paradise*, seu romance, foi proibido no Texas Bureau of Corrections: “poderia causar um motim”. Neste momento então, ela se questiona do poder de uma obra de destruir um lugar, nesse caso, o poder de destruir uma prisão. De formas diferentes, mas que obviamente caminham juntas, Miriam Alves e Toni Morrison escrevem em uma dobradiça que emancipam não só de uma narrativa de negação, de mentira, de simplificação e de homogeneização como incitam e incentivam o desejo irrevogável e inegociável de mudança. Ainda temos Baldwin (2020) descrevendo o que se ganha e, sobretudo, o que se perde em um romance de protesto. Ele afirma, de início, que literatura e sociologia não são a mesma coisa e que essa lógica prejudica o tecer da linguagem literária e joga, conseqüentemente, os corpos negros em um caos, pois, assim como Alves (2019) afirma, narrativas limitadas aprisionam e desumanizam. Para Baldwin (2020), ser negro e escrever possibilita apenas mais uma perspectiva de escrita:

Porque ser negro tem um significado, afinal, como tem um significado ter nascido na Irlanda ou na China, ou viver onde se vê o espaço e o céu, ou viver onde não se vê nada além de escombros ou nada além de prédios altos. Não temos como escapar de nossas origens, por mais que tentemos, dessas origens que guardam a chave – ah, se conseguíssemos encontrá-la – de tudo que nos tornamos depois (Baldwin, 2020, Kindle Location 433).

Alves (2019) complementa: “A literatura negra que eu faço não é cartografia da dor, não é cartografia do racismo. A literatura que eu faço é literatura, que pode passar por tudo isso, mas não se fecha a isso”. De todos os lados, existe o reconhecimento de um mercado editorial que publica a produção literária negra sem que ela precise atender a um lugar predeterminado. No entanto, existem afirmações constantes de que não existe (ou existiu) um mercado editorial de autoria negra capaz de fazer

⁸ Para Baldwin (2020), o romance de protesto seria sinônimo de um tipo de obra em que se limita a expor a consternação diante o horror da escravidão, carregada de sentimentalismo e violência, além de a escrita narrar uma luta pela humanidade, quando se deveria escrever tendo ela como verdade, como fato. Para ele, o romancista deve revelar e se dedicar a escrever uma jornada imprevisível e, por isso mesmo, humana, com ênfase no estilo e na boa construção de personagens.

circular a obra de diversos autores. Trazer a omissão como um padrão de supressão descrito por Collins (2019) ajuda a pensar nessas suposições.

2.2 O CAMPO LITERÁRIO E A CRIAÇÃO DE AUSÊNCIAS

A omissão, enquanto um modo de epistemicídio do conhecimento negro, opera promovendo discursos, falas e contribuições que omitem o trabalho de intelectuais negras. No mercado editorial, a omissão se dá a partir de um olhar que foca exclusivamente a publicação literária de grandes conglomerados editoriais, que por muito tempo recusou a produção literária de autoria negra por reconhecê-la não só pelo chamado “Outro”, mas também por assumir que os livros ora eram muito pessoais ora, se não fossem, não teriam um público de interesse, da mesma forma como narrou em Hurston na década de 1950.

A pesquisa *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*, desenvolvida pela professora de literatura brasileira e contemporânea Regina Dalcastagné, publicada no livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* em 2012, traz um “mapa de ausências” em que a partir da constatação da falta de pobres e negros como narradores, personagens e escritores de obras literárias (no caso da pesquisa, do gênero romance) desenvolve-se um mapeamento para compreender o que se sobrepõe a essas ausências, isto é, o que é publicado em detrimento delas. O trabalho recorta o período entre 1990 e 2004 e utiliza como *corpus* os romances publicados pelas editoras Companhia das Letras, Record (hoje Grupo Editorial Record) e Rocco. Para fins de transparência, Dalcastagné (2012) sistematiza os quatro critérios usados: “(1) foi escrito originalmente em português, por autor brasileiro nato ou naturalizado; (2) foi publicado pela Companhia das Letras, Record ou Rocco; (3) teve sua primeira edição entre 1990 e 2004; (4) não estava rotulado como romance policial, ficção científica, literatura de autoajuda ou infantojuvenil” (Dalcastagné, 2012, p. 151).

A pesquisa mapeou 258 romances que atendiam aos critérios predefinidos, chegando a um perfil de escritor. Quem escreve no Brasil, e é publicado por grandes editoras, é homem (120 em 165 dos escritores mapeados, ou seja, 72,7%), branco (93,9%), heterossexual, de meia idade, com ensino superior completo, mora, em geral, no Sudeste do Brasil, especificamente no eixo Rio-São Paulo (60%), e é de

classe média. Fundamental para os estudos literários, dada a amplitude do mapeamento e de sua capacidade de visibilizar a perspectiva única delineada por essa ideia de Literatura Brasileira não só a partir do perfil dos escritores, mas sobretudo das características dos personagens que neles aparecem, a pesquisa parte de pressupostos que falham em registrar que pessoas negras tinham uma produção literária.

De início, o próprio nome dado à conclusão da pesquisa, “mapa de ausências”, não leva em consideração os próprios parâmetros utilizados (como a escolha das editoras e dos informantes), além de não apresentar discussões que nos levem a entender melhor por quais motivos tais editoras se negaram a editar e publicar autores e autoras negros, indígenas, LGBTQIAPN+, fora do eixo Rio-São Paulo. A própria definição de campo utilizada já assume o não lugar e a não existência da produção, circulação e recepção de obras de determinadas autorias. Segundo Dalcastagnè (2012), “um campo é um espaço estruturado, hierarquizado, que possui um centro, posições intermediárias, uma periferia e um lado de fora”, e continua, afirmando que os critérios se basearam, também, na ideia de que a pesquisa precisava identificar obras validadas pelo campo literário brasileiro; o mesmo campo que escolheu produzir o discurso de ausências.

Bourdieu (1996, p. 64) em *As regras da arte* traz a ideia de campo na seguinte acepção: “um mundo à parte, sujeito às suas próprias leis”, que funciona dentro de um espaço estruturado e hierarquizado, dependente tanto da economia quanto da política; uma perspectiva semelhante, se não igual à adotada por Dalcastagnè (2012). Bourdieu ainda mostra que reconstruir o espaço social a partir do qual esse mundo se forma é compreender que as regras, as regularidades e os critérios se tornaram tão familiares que deixamos de reconhecê-los também como definidores do campo literário. Nesse sentido, essa familiaridade acaba por endossar os mesmos critérios de exclusão inclusive quando existe a intenção de criticá-la.

É válido dizer que a posição dos agentes que constituem o campo artístico é imposta de maneira desigual e se institui a partir de duas mediações principais. A primeira seria a mediação de mercado; onde, por meio dela, a posição no campo seria imposta e negociada por ele mesmo, “cujas sanções ou sujeições” atuam sobre as empresas literárias, seja pelas cifras de venda ou pelos postos oferecidos pelo jornalismo a todas as formas de literatura industrial. Por outro lado, teríamos uma

mediação de “ligações duradouras”, essa, por sua vez, definida a partir de um sistema de valores que é capaz de orientar o Estado (Bourdieu, 1996, p. 65), onde entrariam as forças mais simbólicas do campo.

Nesse sentido, tanto a compreensão do que é o campo literário quanto o que define as suas posições instituem a realidade social. É um jogo em que fazer ver e fazer crer mostram como as textualidades são construídas. Em relação a isso, Bourdieu (1996, p. 73) descreve:

[...] essas descrições visam fazer ver e fazer crer, fazer ver o mundo social de acordo com as crenças de um grupo social que tem a particularidade de possuir quase um monopólio da produção de discurso sobre o mundo social.

Portanto, as regras feitas pelos agentes que ocupam posições no campo literário não são orgânicas ou naturais, apesar de não serem necessariamente arbitrárias. Como o próprio Bourdieu afirma, é a imposição de um jogo baseado em bens simbólicos, tanto de natureza mercadológica quanto de significações. Tudo isso nos leva a pensar nos critérios que definiram o campo literário que a pesquisa *Personagens do romance brasileiro contemporâneo* adotou. Como o trabalho pontua, não é possível abarcar tudo por questões materiais como tempo e recursos financeiros; no entanto, as casas editoriais escolhidas para o trabalho foram definidas a partir das respostas de informantes-chave integrantes do próprio campo literário, um espaço, nos termos assumidos pela própria pesquisa, construído a partir do grau de importância de seus agentes. A autora pontua, ainda, que dentro da categoria “importante” se insere critérios como prestígio entre produtores literários e crítica, impacto na mídia e distribuição.

Ainda de acordo com Dalcastagnè (2012), “trinta ficcionistas, críticos e pesquisadores de diferentes estados foram contactados por correio eletrônico” e todos deveriam responder o nome de três editoras brasileiras mais importantes para a publicação de prosa nacional no período da pesquisa. A partir das respostas, chegou-se, como citado, a Companhia das Letras, a Record e a Rocco. É lógico que os critérios adotados para a definição das editoras são válidos e correspondem aos atores entendidos pelo próprio Bourdieu (1996) como imprescindíveis para o funcionamento do mundo literário como campo. Ali está a ideia de legitimação, de poder e de dependência tanto ao campo econômico quanto político (prestígio dos informantes e veiculação na mídia). Porém, além de não termos um perfil mais

aprofundado dos informantes, o que nos impede de saber o que eles compartilham em termos de capital simbólico para ocupar as posições dominantes nos campos e compreender qual campo ou crítica literária é essa que estamos lidando, temos uma série de critérios para o recorte das editoras em relação à publicação de romances no intervalo da narrativa que embora legítimas não são naturais. Poderíamos, por exemplo, adotar aspectos como discussão de nação e multiplicidade de vozes por meio de artifícios da linguagem e do que entendemos como valor estético.

Como o trabalho citado teve muita circulação, escapando do próprio ambiente acadêmico e editorial, as críticas acabaram por se perder. Escolher dar ênfase a editoras e grandes conglomerados editoriais, sem trazer para a cena as discussões e publicações feitas por uma intelectualidade negra, sobretudo, relegou às produções literárias de autoria negra já existentes um não-lugar e mais apagamento. Por qual motivo buscaríamos presença em um espaço que historicamente escolheu não abarcar nosso fazer literário? Por outro lado, a publicação *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira*, resultado da pesquisa desenvolvida por Luiz Henrique Oliveira e Fabiana Cristine Rodrigues (2022) iniciada em 2014, ao trazer a trajetória do romance, do conto, da poesia e da não ficção (produzida por autores de ficção) afro-brasileiros, visando compreender as dinâmicas editoriais da literatura de autoria negra no Brasil entre 1859 e 2020, apresenta um mapeamento com obras de autoria negra publicadas no intervalo da pesquisa, além de contribuir para pensarmos quais posições e em qual lugar a produção literária de autoria negra ocupa no mercado editorial e na literatura brasileira.

Com o trabalho, os autores puderam, por exemplo, analisar o papel histórico de redes de publicação negras, registrando informações como autoria, título de obra, ano de lançamento, casa editorial publicadora e período histórico, que se tornou no decorrer da pesquisa o principal parâmetro adotado para compor os resultados apresentados. Essa iniciativa nega em absoluto a reprodução do discurso da ausência, inclusive a obra discute os campos literário e editorial, afirmando como as relações que os organizam “ainda que permitam algumas subversões e estejam sujeitas a alterações, alguns dos pressupostos que o fundamentam e garantem a sua existência não são passíveis de questionamento” (Oliveira; Rodrigues, 2022, p. 40), isto é, o que entendemos como *mainstream* e cânone, em geral, permanece fixo, por mais que existam obras e agentes literários negros que eventualmente apareçam ou

ocupem posições nesses circuitos. A própria existência dessa pesquisa mostra como é preciso “correr por fora” para visibilizar outras forças que atuam nesse campo literário, dividido quase sempre entre centro e periferia, existente e não existente, presente ou ausente.

No artigo “Afetar a cena literária: política, afinidade, estratégias e autogestão entre os autores contemporâneos”, publicado no livro *Palavras da crítica contemporânea*, Milena Britto descreve, a partir de sua experiência como coordenadora da comissão de um prêmio do estado da Bahia, as dinâmicas envolvidas para a seleção de projetos de literatura a serem premiados com até cem mil reais. Naquela comissão, a pesquisadora observou como a presença de autores de minorias políticas possibilitou um resultado mais diverso do ponto de vista estético e racial/étnico, já que sem as pontuações que uma autora negra e um autor indígena fizeram no grupo, o resultado do edital teria “baixa presença de autores negros e outras minorias” (Britto, 2017, Kindle Location 1418). Apesar de existirem regras que precisavam ser obedecidas, o afeto tanto em relação às obras em avaliação quanto aos agentes que ocuparam as posições de poder nesse jogo foi um aspecto que possibilitou uma rasura nos processos de legitimação da literatura e do campo literário, impedindo mesmo que momentaneamente mais ausências. Ali, se não existisse um desejo de visibilizar a produção literária de autoria negra, reparando a invisibilidade provocada por critérios que reproduzem uma lógica de epistemicídio, o jogo posto teria diferentes repercussões.

Ao inserir critérios e novos agentes dentro das posições do campo literário ali instituído, mudando a rede de sociabilidade e afetos comuns, recusando, de certa forma, as regras do jogo, “as regras da arte”, a configuração estruturada, hierarquizada e legitimada que define/organiza a produção literária entendida como boa, relevante, contemporânea etc. mudou, pondo em questão “não uma maneira de jogar o jogo, mas o próprio jogo” (Bourdieu, 1996, p. 196). Sobre isso, Britto (2017) afirma:

Os lugares comuns do rito institucional, em conformidade com leituras domesticadas e hegemônicas, dos saberes oficiais e suas hierarquias, podem ser rompidos por obras audazes e desafiantes. As tradições no campo da literatura e das artes, em grande parte advindas de posições elitistas ou modelo estabelecidas em um mercado cultural, para serem rasuradas, precisam de uma reunião de forças capaz de provocar o “movimento” de uma grande parte do campo, pois se faz necessário reinventar a recepção das obras [...] (Britto, 2017, 1420).

Nesse sentido, podemos pensar a constituição dessa crítica a partir da discussão feita por Mário Augusto Medeiros da Silva (2023, Kindle Location 5326), professor-associado da Universidade Estadual de Campinas, escritor e crítico literário, em *A descoberta do insólito*:

a crítica literária e a técnica enciclopedista brasileiras têm sido pautadas menos pelo método científico e mais pelo gosto individual. A análise da lacuna, portanto, pressupõe uma crítica dos condicionamentos sociais do julgamento.

Azevedo (2021), professor, escritor e crítico cultural que tem a teoria marxista negra e a literatura como focos de estudo e pesquisa, complementa e chama esse movimento de criticar as posições e os agentes do campo literário de “crítica da crítica”. Para ele, explorar não só o território e o *corpus* do que vem sendo produzido, mas também as perguntas que estão deixando de ser feitas e habilitadas, inicia um debate sobre a formação da própria crítica e do próprio campo literário. O autor afirma que “aceita-se a substituição de certas peças do tabuleiro, mas nunca a eliminação do tabuleiro”.

Olhando para a pesquisa *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*, temos a exata tradução deste dilema: discutimos a ausência e tipo de presença (qualitativa) de pobres e negros como narradores, personagens e escritores de obras literárias dessa que chamamos de Literatura Brasileira, porém não debatemos os pilares que geram as ausências e presenças. Sem ter uma análise mais profunda dos informantes e adotando como base obras de grandes editoras incorreremos, quase que certamente, no apagamento de produções literárias de autoria negra porque os próprios agentes *definem* o que é literatura, quem a define, quem a faz e quais critérios ela precisa ter para ser entendida como tal. Não há margem para que o suposto Outro também articule e inscreva no campo literário a sua própria voz, dando espaço para uma movimentação do campo como Britto (2020) narra na sua experiência coordenando a seleção de projetos literários.

A compreensão desse jogo dentro do campo de poder no qual o campo literário está circunscrito é aprofundada por Azevedo (2021):

O argumento aqui é de que não há uma comunicação, porque emissor e receptor são os mesmos receptores: a classe média burguesa. Assim, no Brasil, a classe uniu-se em torno de um esforço sociopolítico para proteger a si mesma e seus interesses. Naturalmente, a suposta crítica ao cânone,

representada em produções teóricas que se apresentam como alinhadas às causas das minorias (em especial com denúncias da ausência do negro como figura ativa da literatura nacional) é produzida por essa mesma burguesia, nascida sob a batuta dos movimentos de dependência (Azevedo, 2021, p. 36).

Dessa forma, se a produção literária do Brasil é definida e analisada a partir dos mesmos agentes que a criam não há espaço para reconhecer produções literárias negras desenvolvidas ao longo do tempo, nem as editoras e as iniciativas editoriais que possibilitaram essa existência, como faz a pesquisa *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira*. Durante os catorze anos de homogeneidade racial identificados na pesquisa de Dalcastagné, por exemplo, pessoas negras publicavam e traduziam coletivamente dentro e fora do Portal Geledés. Conceição Evaristo estreou nos *Cadernos Negros* e publicou, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte, o romance *Ponciá Vicêncio* em 2003.⁹ Portanto, é possível afirmar que não só existe outros processos de conformação do mercado editorial que não estão, necessariamente, disputando um lugar de centro, mas que ele tem narrado o Brasil a partir de uma visada estética, cultural e política que não aparece dentro deste sistema literário excludente.¹⁰

2.3 COMEÇO, MEIO E COMEÇO NEGROS DO MERCADO EDITORIAL DO BRASIL

Felisberto (2011) afirma em *Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*, sua tese de doutorado, que ter Francisco de Paula Brito como marcador inicial do mercado editorial do Brasil é um dos principais indícios que nos move a reivindicar que a conformação do mercado

⁹ Para conhecer outros autores e autoras, bem como obras de autoria negra publicadas no período da pesquisa *Personagens do livro brasileiro*, ver: OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristine. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

¹⁰ Em *Literatura e exclusão* (2017) e *Literatura e periferias* (2019), publicações posteriores coordenadas por Regina Dalcastagné, vemos um esforço de cartografar as publicações e iniciativas editoriais negras, indígenas e LGBTQIAPN+; talvez buscando compensar (ou apenas acrescentar) o que foi feito na pesquisa que discutimos anteriormente. Além disso, em ambos os textos há a afirmação da urgência, para a própria manutenção da literatura brasileira sobretudo a contemporânea, de refletir sobre as possibilidades da literatura, expandindo as perspectivas para além dos arquivos editoriais produzidos por grandes editoras, listas de mais vendidos e premiações. Ambas as publicações trazem textos de diversos pesquisadores, que discutem slams, formação de cânone, saraus, gênero e raça na literatura etc. Para saber mais: EBLE, Laetícia Jenser; DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017; DALCASTAGNÉ, Regina; TENNINA, Lucía. **Literatura e periferias**. Porto Alegre: Zouk, 2019.

editorial do Brasil é a conformação do mercado editorial de autoria negra. Aqui, fazer o resgate desse arquivo é um dos caminhos para contribuir com uma fotografia dos trabalhos da intelectualidade negra, que afirmando a sua presença na literatura brasileira, registrou, ao longo do tempo, uma série de dramaturgos, romancistas, poetas e contistas que atuaram e atuam dentro do campo estético para escrever as verdades que nos são significativas (Lorde, 2019), além de escancarar as presenças negras e as obras de autoria negra que foram apagadas na história.

Mapear as obras de autoria negra, sobretudo no período da pós-redemocratização e pós-governo Lula, registra a vontade de romper o silêncio do arquivo (Hartman, 2020) editorial, narrando as contra-Histórias da escravidão e da colonialidade do poder-saber que atualiza constantes mecanismos de supressão. O que começou com Francisco de Paula Brito na Sociedade Petalógica se transformou no curso da História da imprensa e do mercado editorial negros. Na epígrafe que abre o capítulo dedicado a Francisco de Paula Brito na obra *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell (2012), temos Machado de Assis afirmando que Paula Brito foi o primeiro editor digno dessa alcunha no país. Nascido no interior do Rio de Janeiro, o editor era um autodidata; aprendeu a ler e a escrever com a irmã, Ana Angelina das Chagas, e aprofundou suas leituras não só nas instituições e tipografias pelas quais passou, mas também no convívio com os amigos e com o avô materno, que o criou depois do falecimento de seus pais.

Livreiro e tipógrafo experiente, tendo atuado nas três melhores tipografias do Rio de Janeiro, Paula Brito, como era chamado, ficou conhecido pela capacidade de reunir personalidades de todos os campos e lados da política, além de ser o primeiro editor não especializado “genuíno” do Brasil. Ele produziu para o leitor comum, trazendo a literatura para os círculos de leitura do país. Pensando nos moldes do mercado editorial atuais, ele também foi pioneiro ao publicar autores sem nenhum custo adicional para produção editorial, pagando-os pelo trabalho realizado, além de publicar obras voltadas às mulheres, assim que a alfabetização feminina se tornou desejada. Segundo Hallewell (2012, p. 160), “o volume de publicações de Paula Brito dirigidas às mulheres, a começar pelo primeiro lançamento, em 1832, [...] torna evidente que o editor estava consciente da existência de um novo público leitor”, contribuindo, como consequência, para a “valorização da condição da mulher”.

De acordo com Martins (2008 apud Felisberto 2011), Brito foi essencial para a mudança dos “ares europeus” que caracterizavam a cena editorial do Brasil. Até ali a primeira leva de editores era formada por imigrantes, como Plancher, com quem o próprio Paula Brito trabalhou. Ademais, nesta época, o que entendemos hoje como literatura brasileira praticamente não existia, tendo sido Paula Brito responsável por encorajá-la. Registra-se que ele tenha editado cerca de 372 obras não periódicas, sendo 214 edições de ficção, contando cem textos dramáticos. Desse volume, contava-se treze originais nacionais, que embora seja um número pequeno para o total publicado, foi importante para a consolidação da literatura nacional e para o editor em questão, que havia assumido o risco da publicação de autores brasileiros por meio da Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, a primeira casa editorial brasileira que teve como fundador Paula Brito.

Apesar do grande trabalho como editor, Francisco de Paula Brito é mais conhecido pela criação da Sociedade Petalógica, uma sociedade secreta abolicionista, que reunia intelectuais, jornalistas e profissionais liberais dentro de uma loja maçônica para a discussão do significado da mentira no campo político e social e dos caminhos para dar fim ao processo de escravização das pessoas negras no Brasil, além de contribuir para encontros culturais e artísticos no Rio de Janeiro naquele momento.

A importância de Francisco de Paula Brito no mercado editorial e na imprensa já foi apontada em vários trabalhos, dentre eles a pesquisa de Bruno Guimaraes Martins, citado na tese de Fernanda Felisberto (2011), mas também na tese *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*, de Rodrigo Camargo de Godoi (2014), e em pesquisas que resultaram em livros como *A descoberta do insólito: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2020)*, de Mário Augusto Medeiros da Silva (2023), e *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira*, de Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristina Rodrigues (2022), citadas anteriormente.

Ambos os trabalhos mostram a importância deste ponto de partida como registro da reação e articulação negras para a produção, circulação e recepção de obras de autoria negra, mas também do combate “às diversas formas de opressão do período escravista no Brasil” (Oliveira; Rodrigues, 2022). Para Mário Augusto Medeiros da Silva (2023), crítico literário, contudo, o mapeamento da produção literária negra é marginal, faltando artigos, trabalhos de conclusão, dissertações e

teses que juntem o que "é disperso, desconhecido e invisível" em um amplo intervalo de tempo.

O fim da Tipografia Dous de Dezembro em 1857 anuncia um grande vácuo de arquivos que detalhem os percursos da edição e produção editorial negras, da mesma forma que temos dificuldade para identificar na historiografia literária a poesia e a prosa negras. No que se diz respeito à prosa, mapear a publicação de romances é ainda mais difícil. No *Silêncios PrEscritos* de Fernanda Miranda (2019), ela conjectura motivos para o "travamento da prosa ficcional", e a verdade é que não há tempo. Como aponta Oswaldo de Camargo (1987), "O romance exige escravidão literária". Apesar disso, diversos pesquisadores, negros ou não, registraram o fazer literário negro, buscando, a partir de critérios como autoria, narrativa e contexto, independentemente de as publicações ocorrerem por meio de casas editoriais ou de publicações independentes, fazer reconhecimentos da crítica editorial negra; mapeando por consequência o mercado editorial negro.

É possível citar, por exemplo, trabalhos como *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*, de Oswaldo de Camargo (1987), *BrasilAfro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea*, de Miriam Alves (2010), *Literatura e afrodescendência no Brasil*, de Eduardo de Assis Duarte (2011), *O dicionário literário afro-brasileiro*, de Nei Lopes (2015), *A poesia afro-brasileira*, de Roger Bastide (1945), *Literatura negro-brasileira*, de Cuti (2010), *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura e bibliotecas no Brasil*, coletânea organizada por Cidinha da Silva (2015), assim como obras de brasilianistas, como *Raça e cor na literatura brasileira*, de David Brookshaw (1983), *O negro na literatura brasileira*, de Raymond Sayers (1958), *A trajetória do negro na literatura brasileira*, de Domício Proença Filho (2004), além de *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*, de Florentina da Silva Souza (2006).

O mercado editorial de autoria negra propõe-se, desde a publicação de *Úrsula*, romance de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, a estruturar a produção editorial brasileira a partir de um conjunto de narrativas capazes de rasurar as memórias instituídas pela tradição literária ocidental sobre as experiências e vivências da população negro-brasileira, tanto pela literatura produzida quanto pelo modo de fazer livro. Assim os projetos editoriais de autoria negra, apesar de fora do mercado editorial *mainstream*, sempre buscaram estratégias de publicação, como é

possível reconhecer em iniciativas de autopublicação, publicações coletivas (coletâneas e antologias), produção de livros artesanais e/ou criação de editoras. Há também a atuação na formação de um público consumidor de livros presentes em qualquer mercado, independentemente de quais sistemas literários eles estejam em diálogo, seja ele “hegemônico” ou “periférico”, nutrido pela atuação dos movimentos negros. A professora-titular da Universidade Federal da Bahia Florentina da Silva Souza (2006), pesquisadora dos Cadernos Negros e dos jornais do MNU, afirma:

Diversificado, necessário e produtivo para a construção de identidades, os movimentos negros no Brasil têm-se mobilizado para a realização de rituais de afirmação como celebração de datas, resgate de acontecimentos históricos, releitura e organização de arquivos que contestam a pretendida homogeneidade das histórias registradas e resgatadas pela memória cultural instituída, a promoção de atos públicos de protesto e de denúncia com vistas a interferir na base de construção da memória, na disposição de forças políticas da sociedade e a intervir no desenho da autoimagem do afro-brasileiro (Souza, 2006, p. 14).

O recorte temporal dos trabalhos citados acima indica os momentos em que essas estratégias de publicação mais se organizaram. De modo geral, o fim da década de 1940, e todo o período entre 1950 e 1990, incluindo um boom nos anos 1980, aglutinou publicações de literatura, mas também de crítica literária, acompanhando o momento histórico, evidenciando uma constância de publicações apesar do volume diminuto. Segundo Alves (2010, p. 34), antes disso,

[...] no período dos anos 1910 a 1940, uma série de jornais publicados como Kosmos, O Clarim da Alvorada, O Menelik e A Voz da Raça, em São Paulo, trouxeram de diferentes contextos a necessidade de formação de um pensamento político negro.

Esses jornais não focavam na produção literária, mas foram catalizadores para o maior registro histórico de produções literárias de autoria negra durante o século XX. Ademais, o movimento de direitos civis nos Estados Unidos e o fim da ditadura empresarial-militar no Brasil foram essenciais para uma série de publicações na década de 1960 e 1980.

Alves (2010), mapeando as contradições do regime militar, assim como as reações e as consequências na economia, na cultura e na política, diz ainda que, apesar de todas as mobilizações e reivindicações estudantis contra o sistema, as questões raciais não entraram nas pautas exigidas contra a ditadura militar, embora coletivos e organizações negras estivessem ampliando sua atuação justamente a

partidos políticos e organizações de esquerda. Na ditadura militar, o debate racial foi marcado como uma questão de segurança nacional, pois os militares temiam que o movimento negro gerasse os mesmos conflitos e disputas que ocorriam nos Estados Unidos naquele momento. Temiam, também, a fundação de um partido como o Partido dos Panteras Negras.

Toda essa retração e monitoramento foi mais um fator que levou iniciativas negras a se organizarem para viabilizar discussões político-sociais em torno de atividades e políticas culturais. A Imprensa Negra se fortaleceu, e inúmeros jornais, com tiragens em torno de três e cinco mil exemplares, passaram a ser publicados de modo periódico. Prova disso, são as publicações *Cadernos Negros* (1978) e o *Jornal do Movimento Negro Unificado* (1981), o *Jornal do MNU*,¹¹ que desde sua criação atuam em processos de editoração com fundamentos que divergem de lógicas excludentes e assimiladoras, prezando pelo plural de vozes, escritas e agentes em toda a produção editorial.

Criado pelo Quilombhoje Literatura, coletivo que objetiva “colocar mais africanidade na literatura brasileira”, os *Cadernos Negros* (CN) publicam, sem interrupções, desde 1978. Cada edição anual do periódico publica poemas nos volumes de número ímpar e contos nos volumes de número par, publicando autores negros de todos os estados brasileiros. Os *Cadernos Negros*, como o próprio site do Quilombhoje descreve, foi o grande marco da atuação literária de pessoas negras no campo literário, buscando não só adentrá-lo, mas construir obras que se mostraram duradouras. O CN já publicou escritores como Cuti, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Oswaldo de Camargo, Esmeralda Ribeiro, Paulo Colina, Miriam Alves, Abelardo Rodrigues, dentre outros participantes que, de algum modo, militaram ou militam em grupos do movimento negro no Brasil.

Souza (2006) escreve que o Quilombhoje, no volume 8 dos *Cadernos Negros*, traz um posfácio intitulado “Um pouco de história”, em que o coletivo registra as motivações e os objetivos do grupo com a publicação e manutenção do periódico, mostrando “preocupação explícita com a sistematização e a construção da memória do periódico”. Mais tarde, no volume 16, aparece outro texto de mesmo nome, “Um

¹¹ É possível encontrar parte dos arquivos do *Jornal do MNU* no acervo digital disponibilizado no site *Negritos*. O projeto tem como objetivo disponibilizar jornais da imprensa negra do Nordeste, que integram o MNU, por meio da digitalização de arquivos. Para saber mais, acesse: <https://negritos.com.br/acervo/jornais/>.

pouco de história 2”, em que o grupo mais uma vez deixa evidente que o periódico é uma ferramenta para construir um “arquivo da experiência do grupo”. Todo esse cuidado para notabilizar o arquivo também é descrito por Miriam Alves. Para ela, a produção literária de autoria negra não é novidade, não à toa a repetição ao longo do tempo de artigos, dissertações, teses e livros que se debruçam a mapear essa presença. Alves (2010) argumenta:

Esse trabalho de fôlego de catalogação de escritores afro-brasileiros desde os séculos passados até a contemporaneidade prova e deixa pública uma realidade escamoteada nos cânones da Literatura Brasileira, ou seja, a escrita do negro brasileiro. Entre tantos argumentos para justificar esta ausência, é declarado o desconhecimento desta produção como também a qualidade literária [...] (Alves, 2010, p. 44).

O esforço de catalogação dos *Cadernos Negros* assim como de outras iniciativas negras afirma não só a presença de obras literárias de autoria negra, mas também o esforço de omissão perpetrado pelo campo literário brasileiro, abrangendo autores, críticos, mídia e os agentes de publicação, como as editoras, independentemente do porte que elas tenham, se são ou não conglomerados editoriais. Nesse sentido, as iniciativas negras, independentes, surgem como reflexo da ampliação das redes de sociabilidade negras que buscavam driblar a estruturação da omissão que as produções literárias de autoria negra enfrentam.

Contemporâneas aos *Cadernos Negros*, essas iniciativas estão inscritas dentro de um cenário editorial nacional, marcado por editoras como Pallas (Rio de Janeiro, 1975), Mazza Edições (Belo Horizonte, 1981), Nandyala Editora (Belo Horizonte, 2000), Ciclo Contínuo Editorial (2009), Malê (Rio de Janeiro, 2015) e Editora Ogum's Toques Negros (Salvador, 2014) que, coletivamente, possuem como objetivo central circular a produção literária negro-brasileira, rasurando a memória coletiva nacional, registrando perspectivas e imaginários negros. Além de, é claro, preconizar um mercado editorial nacional que fuja da “asfixia da literatura” de autoria negra, isto é, que publique, circule e valoriza uma produção literária com ênfase na estética, no documento e na memória.

A Pallas Editora é uma editora carioca fundada em 1975, antes mesmo dos *Cadernos Negros*. Como ela mesmo reivindica, a Pallas, apesar de não gerida por pessoas negras, esteve na vanguarda da cultura afro-brasileira. Voltada ao universo de “temas afrodescendentes”, a editora foi criada por Antonio Carlos Fernandes,

sendo administrada hoje por Cristina Fernandes Warth, e tem como objetivo registrar, recuperar e compreender os saberes africanos na diáspora em todas as suas facetas (linguísticas, visuais, filosóficas, religiosas etc.). Dentre os autores que compõem o acervo da Pallas, temos nomes como Cidinha da Silva, Nei Lopes, Ondjaki, Conceição Evaristo, Eliane Alves Cruz e Joel Rufino dos Santos.

A Mazza Edições, fundada em 1981 por Maria Mazarello Rodrigues, um nome importante dentro do mercado editorial brasileiro, é uma editora mineira, de Belo Horizonte, que busca refletir em seu catálogo, ao longo dos mais de quarenta anos de atuação, um acervo tanto de ficção quanto de não ficção capaz de fomentar uma sociedade baseada na ética, justiça e liberdade. Maria Mazarello é uma mulher negra, editora, militante e intelectual cuja vida é dedicada ao enfrentamento da desigualdade social e do racismo. Ciente da história de escamoteamento da produção literária negra do mercado editorial, Maria Mazarello colocou a Mazza para atuar, como aponta no site da editora, “em sentido crítico para oferecer aos leitores e clientes obras que contribuam com uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro a ser construído” (Oliveira; Rodrigues, 2022, p. 174). Hoje a Mazza Edições também conta com o selo Penninha Edições, focado na publicação de obras infantis e infantojuvenis; o nome do selo é uma homenagem à mãe de Maria Mazarello, Amarilles Pena Rodrigues.

Também mineira, a Nandyala foi fundada nos anos 200 por Íris Amâncio e Rosa Margarida em Belo Horizonte. Segundo o site da editora, *nandyala* significa “nascido em tempo de fome” e atua para produzir “um novo conceito em publicações no universo de Língua Portuguesa”. No seu catálogo, é possível encontrar obras de literatura infantil, juvenil, afro-brasileira e africana, além de publicações com ênfase na discussão de relações raciais, de gênero e classe, além de filosofia africana. Dentre os autores que estão no acervo, temos Miriam Alves, Conceição Evaristo, Lia Vieira e Cidinha da Silva.

Segundo o Portal LiterAfro, o Ciclo Contínuo Editorial é uma editora independente que se dedica à publicação de obras literárias e pesquisas na área das Humanidades, com enfoque especial na produção cultural afro-brasileira. Fundada em 2009 por Marciano Ventura, ela se mantém pela venda de livros e das atividades realizadas pela editora e pelos próprios autores. Dentre os autores que a compõem,

estão nomes como Lino Guedes, Gerson Salvador, Oswaldo de Camargo, Fábio Mandigo, entre outros.

Criada em 2015 por Vagner Amaro e Francisco Jorge, a Malê é, dentre as iniciativas editoriais conhecidas, a de maior porte. De acordo com o Portal Literafro, ela foi planejada com o objetivo de aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negros contemporâneos, assim como de ampliar o acesso a obras e a contribuir com a modificação das ideias dos indivíduos negros no Brasil. Ademais, os editores que integram a Malê acreditam na bibliodiversidade como forma de democratização da leitura, entendendo que isso passa pela edição e produção de obras de autoria negra. Em entrevista ao podcast PublishNews em 2020, Vagner Amaro afirmou que não basta receber e produzir originais, é preciso que os livros circulem, que estejam nas livrarias, inscritos nos prêmios e em editais governamentais.

A Editora Ogum's Toques Negros, embora hoje editora, é resultado de uma página no Facebook, sendo administrada por Guellwar Adún e Mel Adún. Inicialmente, a página nasceu com o objetivo de divulgar literatura negro-brasileira, tornando-se, mais tarde, em uma plataforma de letramento negro literário e, por fim, em uma editora. A estreia da editora ocorreu com a publicação da Coletânea Poética Ogum's Toques Negros, uma obra coletiva de poesia negra que, dentre outros temas, "dá um não rotundo à heteronormatividade". Nesse movimento, a Ogum's afirma que nasce do reconhecimento da falta de obras de autoria negra, sobretudo em livrarias, convergindo as motivações que deram origem a editora Malê. Nordestina, baiana, negra e brasileira, a editora reivindica a sua radicalidade ao se reconhecer diaspórica e comprometida com a publicação prioritária de escritoras negras e negros do Brasil e da diáspora africana.

Essa breve caracterização de casas editoriais traz, ao lado dos Cadernos Negros e do Jornal do MNU, a prova de que existe um mercado editorial de autoria negra, tanto pelo registro da publicação autônoma de escritoras e escritores negros quanto pela atuação de editoras com ênfase em literatura negra. Oliveira (2018; 2022) entende essas iniciativas editoriais como quilombos. Para ele, quilombos editoriais são "um conjunto de iniciativas no campo editorial, comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico" (Oliveira; Rodrigues, 2022, p. 166).

Apesar de entender de onde parte a definição, acredito que firmar a atuação de arquivos editoriais negros com o objetivo de reagir diante ao imaginário social hegemônico gere um ruído na própria tessitura literária, já que os textos passam a ser vistos apenas por um viés de formação em vez de também estético, como intelectuais como Miriam Alves, Jorge Augusto e Luiz Mauricio Azevedo pontuam. De qualquer modo, a pesquisa *Os quilombos editoriais*, do professor Luiz Henrique Silva de Oliveira (2018; 2022), é essencial pois sistematiza, para além das editoras descritas acima, as iniciativas editoriais que, em geral, publicam em maior volume no Brasil; vale pontuar que a maioria delas está organizada em torno do eixo Rio-São Paulo.

O quadro abaixo elenca outras editoras no país que publicam textos literários e críticos negros, mas que não tem maior expressão nacional, sobretudo no que diz respeito à distribuição e à recepção.

Quilombo editorial	Editor (a) (es) (as)	Endereço web
Kuanza Edições	Cidinha da Silva	www.kuanzaproducoes.com.br/
Oriki	Debora do Nascimento Daniel Brazil Lourence Alves	www.orki.com.br/
Mjiba	Elizandra Souza	www.mjiba.com.br
Figura de linguagem	Fernanda Bastos	www.editorafiguradelinguagem.com.br
Kitabu	Fernanda Felisberto	www.kitabulivraria.com.br
Reaja BA	Hamilton Borges	www.reajanasruas.blogspot.com
Kitembo	Israel Neto	www.coesaoindependente.com.br/ editora/kitemboliteratura

Organismo	Jorge de Souza Araújo (sic) ¹²	www.editorasegundoselo.com.br
Dandara (editora)	Joselicio Freitas dos Santos Júnior (Juninho)	www.dandaraeditora.com.br
Aziza	Luciana Soares	www.azizaeditora.com.br
Oralituras	Maitê Freitas	www.oralituras.com.br
Anansi	Pedro Augusto Santos	www.anansibooks.com.br
Conexão	Priscilla Mina	www.conexao7.negocio.site
Padê (editora)	tatiana nascimento	www.pade.lgbt
Aldeia das palavras	Cristiane Sobral	www.instagram.com/editoraladeiadaspalavras
Escola de poesia (Selo Orisun Oro)	Eliane Marques	www.facebook.com/escoladepoesiaamericana
Quilombhoje	Esmeralda Ribeiro Márcio Barbosa	www.quilombhoje.com.br/site

Fonte: Oliveira; Rodrigues (2022. p. 178).

Esse quadro, embora enxuto no número de editoras, traz consigo uma imagem que Cuti resumiu no *Literatura negro-brasileira* (2010, p. 13):

Sob o manto de um silêncio midiático, livros individuais, antologias de poemas, contos e ensaios e obras de referência vêm se somando para revelar um Brasil que se quer negro também no campo da produção literária, pois o país plural se manifesta no entrelaçamento das ideias e dos intercâmbios de pontos de vista.

¹² Trata-se de Jorge Augusto Silva, editor da Segundo Selo.

2.4 PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO E O MERCADO EDITORIAL

A literatura e a crítica literária são lugares de criação de mundos para pensadoras do feminismo negro. Em “A transformação do silêncio em linguagem e em ação”, Audre Lorde (2019) fala da necessidade de interromper o silêncio por meio da escrita, já que ele, por si só, não é capaz de entregar às comunidades negras e, sobretudo, às mulheres negras, nada. Romper com “as tiranias do silêncio” é a tônica da escrita do ensaio que, de modo geral, enxerga na produção intelectual de feministas negras um caminho para colaborar com a transformação de mundos e articulação de novas possibilidades tanto no campo político quanto no campo artístico. Responder ao clamor da escrita é, para Lorde, um meio de reagir às tentativas de silenciamento do pensamento feminista negro.

A escrita de mulheres negras, portanto, é também uma ferramenta capaz de nomear aquilo que ainda não tem nome. Essa nomeação pode acontecer tanto por meio da ficção, poesia inclusa, quanto da não ficção. Glória Anzaldúa (2000), no clássico “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, elenca motivos pelos quais devemos seguir com a escrita, tendo ou não um teto todo nosso ou das dificuldades que encontremos nessa jornada. Anzaldúa (2000) pede para que esqueçamos o quarto para escrever e utilizemos o espaço e o tempo que nos resta para escrever e refletir sobre aquilo que é necessário. Para ela, a cozinha, o ônibus e o trabalho são todos lugares ideais de escrita quando todo o resto, mesmo que básico, não é a realidade para as mulheres do terceiro mundo. Evitar as distrações para priorizar a escrita, porque não há nada a perder em um mundo em que “não querem nos conhecer” e não se preocupam em aprender nossa língua, deve ser encarado como uma tarefa importante e urgente. Anzaldúa (2000, p. 229) escreveu:

É improvável que tenhamos amigos nos altos postos da literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista de mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. [...] Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito.

Nesse trecho, Anzaldúa faz uma discussão que ecoa no *Irmã Outsider*, de Audre Lorde, publicado pela primeira vez em 1984, mas somente em 2019 no Brasil,

assim como aparece no trabalho de crítica literária de Toni Morrison, *Playing in the Dark*, publicado em 1992, e no *Remembered Rapture: the writer at work*, de bell hooks, publicado em 1999, ambos ainda sem tradução para o português brasileiro. Embora sempre se confrontando com uma crítica literária e cultural marcadamente machista e sexista, além de um imaginário literário branco, escrever sempre foi uma das únicas alternativas para as pensadoras do feminismo negro. É por isso que, dentro da tradição do pensamento feminista negro de toda a diáspora, escrever independentemente das circunstâncias serviu como um catalizador não só para o fortalecimento das discussões políticas, culturais e artísticas de pessoas negras, mas também para a articulação de iniciativas editoriais publicadoras de produções de autoria negra, além, é claro, de incitar mulheres negras a escrever teoricamente sobre os percalços para a publicação dessas obras.

A narração dessas dificuldades sempre deixou evidente os mecanismos do mercado editorial dominante para recusar produções negras. No capítulo "Women who write too much", de *Remembered Rapture*, bell hooks (1999) afirma como o mercado editorial mainstream só reconheceu o seu trabalho depois que pequenas editoras deixaram evidente que existia um público leitor para o que ela escrevia. Para que o trabalho de não ficção dela circulasse, uma rede negra atuava, sobretudo dentro das universidades. Fora delas, eram os círculos de leitura negros, pequenas editoras e editoras independentes que faziam o seu trabalho maior e desejado.

No Brasil, é inegável o papel do Portal Geledés, cuja fundação devemos a Sueli Carneiro, para a divulgação do trabalho intelectual de pessoas negras da diáspora, sobretudo do que chamamos Norte Global. Antes mesmo de editoras, médias e grandes, do eixo Rio-São Paulo enxergarem na produção intelectual de Audre Lorde, bell hooks, Toni Morrison, Patricia Parker, Dionne Brand, Grada Kilomba, Tanya Saunders, por exemplo, valor crítico, mas principalmente financeiro, mulheres e homens negros de todo o Brasil seguiam no esforço tradutório e, muitas vezes, arquivológico, de modo independente, para que mais pessoas pudessem acessar o pensamento negro.

A articulação dessa rede passa, no Brasil, pela atuação de Lélia Gonzalez, Luiza Bairros e Sueli Carneiro, que discutem a supressão do pensamento feminista negro e o ativismo intelectual contra essa supressão. Cidinha da Silva sempre escreveu de modo contundente sobre os percalços para a circulação e recepção das

produções de autoria negra, dando luz às possibilidades de elaboração de políticas públicas para o mercado do livro com ênfase na produção negra, ainda tão escamoteada.

Quando Miriam Alves (2019) escreve sobre a “asfixia da literatura”, ela traz uma fotografia de como esse escamoteamento pode ocorrer. Veicular como novo algo que o movimento negro já fazia em prol da lucratividade do mercado e da reificação de obras de autoria negra, assim como a expectativa de um tipo específico de texto, como narrou Zora Neale Hurston (1950), ao mesmo tempo que evidencia um certo cinismo de um mercado editorial que, ignorando a própria história de apagamento, apresenta como grande novidade um trabalho editorial e intelectual que ajudou a compor o pensamento feminista negro como a teoria social crítica descrita por Patricia Hill Collins (2019).

hooks (1992, Kindle Location 495) também chama a atenção em *Remembered Rapture* para a diferença que existe entre o que é publicado pelo mercado editorial *mainstream* e o que é publicado por editoras pequenas ou independentes. Para ela, muitas vezes, tratando-se da publicação de textos de mulheres, a ênfase está em uma discussão geral sobre gênero, não necessariamente feminista ou não necessariamente uma que traga discussões racializadas e socialmente localizadas, o que é impeditivo para escritas dissidentes, sobretudo as de não ficção que ainda carecem de muito a ser escrito.

Distrair-se com o que seriam possibilidades de publicação e visibilidade ainda é, mesmo com o recente aumento da presença negra no mercado editorial, um não esquecer, principalmente porque a memória enquanto espaço de disputa é uma prerrogativa de movimentos emancipatórios. Gonzalez (1988) aponta que, por vezes, interpretações ou buscas equivocadas podem gerar o esquecimento da opressão racial e da exploração de classe e de um “processo de expropriação socioeconômica e de apropriação cultural que as classes dominantes brancas têm exercido contra mulheres e homens negros” (Gonzalez, 2020, p. 268).

Talvez o propósito tenha sido um alerta, talvez não, mas o fato é que o pensamento feminista negro enquanto teoria social crítica narra o quanto não há consciência política, racial e social, assim como inocência ou boas intenções gratuitas em projetos de transformação social, aqui pensando o mercado editorial, que não

tenham passado por escolhas de aprofundamento de desigualdade e de miséria para a população negra de modo geral.

A tese de Sueli Carneiro, publicada pela Zahar, selo da Companhia das Letras, em 2023, foi publicada inicialmente em 2005, bem antes de uma mobilização do mercado editorial hegemônico para as publicações de autoria negra. Antes, qualquer produção literária, para ser considerada “boa”, precisava ter autoria branca e, portanto, entendida como “universal”. Antes, a diferença negra precisava ser ocultada, negada e escondida, perpetuando mapas de ausência e asfixia da literatura, já que a negação da sua existência era e ainda é, considerando o mapeamento de iniciativas editoriais e curatoriais negras, a norma.

2.5 A CONFORMAÇÃO NEGRA DO MERCADO EDITORIAL EM SALVADOR

Observar as vicissitudes do mercado editorial de autoria negra em Salvador é fundamental para entender a importância do seu modo de articulação enquanto acervo documental de memória e, sobretudo, para cartografar as iniciativas editoriais da cidade que, por muitas vezes, tornam-se editoras. A Editora Ogum's Toques Negros, citada anteriormente, nasceu a partir de uma página de letramento literário negro no Facebook. Nesse mesmo movimento, vemos outras iniciativas que movimentam a cena literária de Salvador desenvolvendo mais e mais projetos editoriais, como o Sarau da Onça, o Slam das Minas, o Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras e o Reaja: Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto.

A pesquisa “Publicações na Bahia: mapeamento e diagnóstico de editoras baianas”, que resultou na publicação *Econocriativa: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas*, desenvolvida por Calila das Mercês Oliveira, Raquel Machado Galvão e Roberto Henrique Seidel (2015) com apoio do governo do Estado da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, foi pioneira ao trazer questionamentos sobre como funciona a cadeia do livro na Bahia. Lançada em 2016, a publicação digital abarca discussões, mesmo que introdutórias, sobre produção, criação, distribuição e consumo, além de difusão, especificamente de literatura na Bahia. O trabalho também dedica um espaço para trazer como feiras, bienais, eventos literários e slams são instrumentos de divulgação de escritores no estado.

De cara, essa menção à atuação para o significado dessas iniciativas e espaços nessa área já evidencia como a pesquisa desenvolvida conseguiu trazer elementos de tudo que compõe a conformação negra do mercado editorial de Salvador. Hoje, a partir de trabalhos como *Mulheres negras no Slam das Minas BA: um espaço de insubmissão e resistência*, dissertação de Amanda Julieta (2021), e *Perspectivas sobre intelectualidades negras baianas nas ausências e presenças na Festa Literária Internacional de Cachoeira*, de Joice de Oliveira Faria, já temos uma ampla discussão do que esses espaços significam, reconhecendo tanto suas potências, quanto suas contradições.

Julieta (2021) reconhece os slams, para além de espaços de performances poéticas, como lugares de insubmissão, “conjuração de outros modos de existência”, num caminho emancipatório e de liberdade, e na configuração de *espaços seguros*, ideia caracterizada por Patricia Hill Collins (2019), que é especialmente importante, como aponta Julieta, para interromper práticas de silenciamento e supressão do pensamento de mulheres negras no curso da história. Ela ainda diz como espaços como os slams são capazes de subverter as dinâmicas do mercado editorial, fazendo com que produções literárias tenham lugar para além do que é definido por um centro editorial.

Com edições localizadas em Salvador, o Slam das Minas BA traz um pouco da dimensão que os slams têm para publicações de autoria negra em Salvador. Apesar dessa cultura ter nascido com o Slam da Onça, bebendo de organizações artísticas negras anteriores, como o Sarau Bem Black, organizado por Nelson Maca no Pelourinho, a consolidação de slams evidencia como a produção poética realizada em espaços periféricos, marginalizados, contribuem para o autogerenciamento e para a organização da produção artística, literária e crítica de autoria negra das periferias de Salvador. Julieta (2021, p. 44) descreve:

É através da palavra performatizada que circulam – entre bairros, cidades, estados e até mesmo países e continentes diferentes – as ideias, memórias e as narrativas das marginalizadas/marginalizados, trocas de um intenso fluxo cultural contemporâneo que se torna possível pelo trânsito físico de poetas entre comunidades e, sobretudo, pela facilidade do trânsito virtual proporcionada pelo desenvolvimento e popularização dos meios tecnológicos.

Isto é, em Salvador, também a partir da atuação dos slams, temos o exercício de não esquecimento e o fortalecimento de organizações negras para a transformação

social e política, que se estruturam por meio da fala e da escrita, movimentando uma cena editorial articulada, antes de tudo, dentro dos territórios periféricos. Disso, resultam, por exemplo, zines e plaquetes, uma estratégia muito similar à usada pelo Movimento Negro Unificado antes e pós-redemocratização.

Por outro lado, a pesquisa de Faria (2020) mostra como a Festa Literária Internacional de Cachoeira, a Flica, realizada em Cachoeira, cidade localizada no Recôncavo da Bahia, é permeada por contradições. Embora seja um território negro, são autores brancos, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, que encabeçam a festa. A pesquisa recortou temporalmente as festas ocorridas em 2011, 2012 e 2013, a fotografia de um cenário de mais de dez anos atrás. No entanto, apesar de mais enegrecida, os elementos que compõem esses espaços de poder dentro da literatura continuam a funcionar nesse mecanismo, onde, muitas vezes, autores locais são esquecidos em prol de agentes que ocupam posições do mercado editorial do eixo Rio-São Paulo.

Nesse sentido, os encaminhamentos dados pela pesquisa “Publicações na Bahia” (Oliveira; Galvão; Seidel, 2015) trazem o cenário em que se dá a produção literária na Bahia a partir do ambiente da economia criativa do estado. A pesquisa se concentrou em mapear as editoras baianas a partir de entrevistas e do preenchimento de um formulário de pesquisa. Treze editoras foram entrevistadas, são elas: Editus (Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz), UEFS Editora (Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana), Edufba (Editora da Universidade Federal da Bahia), Eduneb (Editora da Universidade Estadual da Bahia), editoras Labirinto e Escritório, Galinha Pulando, Via Litterarum, Organismo, Solisluna, Mondrongo, Casarão do Verbo, p55 Edições e Curviana.

As perguntas do formulário ajudam a entender o funcionamento e a estrutura das editoras, além dos recursos financeiros e simbólicos disponíveis. Divididas em dez categorias, o formulário foi construído para recolher informações relacionadas à produção das obras, consumo e distribuição, processos para criação e difusão, além da participação ou não em políticas públicas para o livro e para a cultura de modo geral, além do tipo de relação comercial e trabalhista com autores e profissionais do livro (editores, preparadores, diagramadores, revisores etc.). Do total de editoras da pesquisa, 58% estavam localizadas em Salvador à época, aspecto importante para visualizar o quanto as iniciativas editoriais ainda estão centralizadas na capital apesar

das constantes ações para popularização do mercado e da cadeira do livro em todo o estado, como mostram os festivais e feiras de literatura que hoje ocorrem em Mucugê, Lençóis, Cachoeira, Palmeiras (Vale do Capão), Camaçari (Praia do Forte), Canudos, Rio de Contas, Feira de Santana, dentre outras.

Além disso, o trabalho faz duas decupagens de dados especialmente importantes para esta pesquisa: primeiro, o foco dos gêneros literários publicados, e, segundo, o pagamento ou não de direitos autorais e, conseqüentemente, os acordos realizados entre os autores. Em relação ao gênero das publicações, identificou-se que a poesia é líder dos gêneros publicados, seguida pelo conto, pelo romance, pela crônica e, por fim, por livros acadêmicos.¹³ Ainda no que diz respeito à temática, foi observado que a maior parte das obras são de literatura, artes e questões infantojuvenis. Em relação aos direitos autorais, 69% das editoras alegavam pagar os direitos para os autores, 16% não pagava e 15% o faziam eventualmente. Ademais, a pesquisa informa que é uma prática comum nas editoras baianas e seus autores a firmação de um contrato, formal ou não, onde parte da tiragem da produção dos livros era repassada aos autores para comercialização própria dos exemplares.

Assim como a análise da Flica realizada por Faria (2020), sinalizando a exclusão de autores locais, e, conseqüentemente, da produção literária de autoria negra, visibiliza, por um lado, como a formação do mercado editorial brasileiro e da Bahia reforça as posições do campo literário, por outro, ao indicar que a poesia é o gênero literário mais publicado na Bahia, a publicação *Econocriativa* nos faz pensar se a predominância do gênero não é reflexo dos agentes que compõem o mercado editorial da Bahia, especialmente de Salvador, já que a cena editorial é fortemente estruturada por meio da realização de saraus e slams nas periferias e também de organizações e coletivos negros que circulam nas universidades e nas organizações públicas tal produção. É importante pontuar, inclusive, que apesar de não integrar a pesquisa, não é à toa que o primeiro lançamento da editora Ogum's Toques Negros foi uma coletânea poética. Isso desconsiderando a força da autopublicação na cidade, onde muitos autores e autoras, de modo independente, editam e imprimem os próprios livros.

¹³ O trabalho não especifica de qual área são os livros acadêmicos e se são considerados acadêmicos apenas os livros publicados por editoras universitárias.

A dificuldade para a publicação de romances, que exige dedicação exclusiva, além das limitações de recursos financeiros para impressão e inserção em veículos de comunicação, traduz percalços comuns a agentes negros da escrita. Ao mesmo tempo, embora a pesquisa não traga um mapeamento qualitativo do que era e é publicado, discorrendo sobre o perfil dos escritores como Dalcastagné faz, existe um fazer editorial em Salvador que foi organizado a partir do discurso de miscigenação e de democracia racial em convívio com a publicação quase sempre independente negra.

A editora Corrupio, fundada por Arlete Soares, criada para ser “a editora de um autor só”, Pierre Verger, trouxe para o mercado editorial de Salvador, e do Brasil, embora por mãos brancas, uma Salvador “negra”. Nas obras, um catálogo “com enfoque na cultura afro-baiana” (Limão, 2021, p.106), composto por nomes como Gilberto Gil, Zélia Gattai, Carybé e Mabel Veloso, agentes importantes da cultura baiana e de Salvador que compuseram uma importante elite intelectual da época.

A ideia de como se deu e de como se dá na pós-redemocratização essa conformação negra do mercado editorial de Salvador é formada em torno de uma discussão do que é ou não esta conformação negra, quais características ela tem ou pode ter, já que ao menos a acepção de um mercado editorial negro não passa, necessariamente, por um esforço de registrar a produção literária de autoria negra criando um arquivo editorial que traz as contra-Histórias da escravidão ou por um esforço emancipatório de liberdade das pessoas negras.

Ao contrário, por muitas vezes as publicações realizadas em Salvador aprofundaram um imaginário de rejeição e violência simbólica contra a presença negra na cultura e na produção literária por meio da commodificação, isto é, tornar mercadoria, o que era feito *sobre* o negro, tornando-os *infans*, aqueles que não têm fala própria, e centralizando um discurso onde por ser “bem tratado” e “visto” não poderia existir a atuação de mecanismos dessa produção literária em Salvador.

3 TRANSFORMAÇÃO DO MERCADO EDITORIAL: REDLINING CULTURE

Em entrevista para compor a tese “Que pode a minha poesia contra isso?: edição, mercado e racismo nos bastidores de *Kalunga*, de Lande Onawale”, de Rodrigo Maciel (2022), Jorge Augusto, professor, crítico cultural, pesquisador do modernismo negro e editor da editora Segundo Selo, afirma que precisamos compreender como a estrutura racista brasileira tem atuado no mercado editorial, já que temos acompanhado “um crescente e já enorme interesse das editoras grandes e sudestinas pela publicação do pensamento negro” (Augusto apud Maciel, 2022, p. 315).

Em outro momento, ele sinaliza que “as formas de contingência e colonização das obras negras não mudaram de Lima Barreto pra cá” (Augusto apud Maciel, 2022, p. 316). Para ele, é praticamente impossível que autores e autoras negras tenham uma obra inédita publicada, isto é, para que essas obras sejam lançadas no mercado é preciso a garantia, ao menos para as editoras sudestinas, de um público, mais comprador do que leitor. Assim como outros intelectuais negros, como hooks e Morrison, Jorge Augusto aponta que:

as grandes editoras se alinham com os discursos progressistas de esquerda e investem em traduções e publicações negras de caráter altamente rentável ou de importância decisiva para manter o controle sudestino no debate epistemológico e político. Então por um lado a barreira de publicação continua, e, por outro, há um grande movimento de inclusão e de visibilização controlada para aqueles que ultrapassam a barreira de contenção (Augusto apud Maciel, 2022, p. 316).

É fato que existem outros fatores que mobilizam o mercado editorial *mainstream* a olhar para obras de autoria negra, independentemente se os autores e autoras tenham ou não um público-leitor. As discussões em torno da ideia de “tendência de mercado” ou de “estudos de tendência” no mercado editorial é uma bússola que por vezes orienta casas publicadoras, sobretudo os conglomerados editoriais, a decidirem quais obras devem receber investimento para publicação. Como o próprio nome diz, é uma tendência, mutável, e pode, portanto, sofrer alterações de direção a qualquer momento.

Em *Redlining culture: a data history of racial inequality and postwar fiction*, Richard Jean So (2021), professor associado do Departamento de Inglês da McGill University, propõe-se a analisar a desigualdade racial no mercado editorial por meio

de dados da Random House durante os anos de 1950 a 2000, período de um suposto boom de obras raciais (termo usado por ele) nos Estados Unidos.

Para essa análise, ele introduz a ideia de *redlining culture*. O conceito remonta a uma expressão que se popularizou nos Estados Unidos por volta de 1930. Compreendida como uma prática adotada pela Federal Housing Administration [Administração Federal de Habitação], “redlining” descreve modos arbitrários de rejeição ou restrição de serviços financeiros como empréstimos bancários para bairros específicos, motivados pelo perfil de seus residentes, ora pessoas pobres ora pessoas alvo de racialização (negras, asiáticas, latinas etc.). A prática fora criada como meio de garantir o pagamento de hipotecas, por isso a agência estabeleceu em um mapa, demarcado por linhas vermelhas, áreas consideradas de risco para a concessão de financiamentos e/ou empréstimos. Segundo Jean So (2021, Kindle Location 97), as linhas vermelhas separavam áreas aceitáveis das não aceitáveis da cidade.

Durante o período em que o mapa esteve em vigor, o Harlem estava dentro de uma área vermelha e, embora a prática tenha sido abandonada em 1960, seus efeitos ainda eram sentidos em 1980. Toni Morrison, editora da Random House à época, passou a conhecer a expressão apenas em 1970. Para ela, dentro do mercado editorial acontecia a mesma limitação e interpretação do mercado imobiliário e dos serviços financeiros. Nas palavras da própria Morrison, “the market can only receive one or two Black women writers. Dealing with five Morrison would be problematic”, e, apesar de seu trabalho como editora ser aclamado hoje, ele não alcançou naquele momento o efeito que desejava, pois ela não havia conseguido produzir, de modo robusto, nada que afetasse e/ou mudasse a ausência negra no mercado *mainstream* do qual participava, problema de ordem evidentemente estrutural.

Apontando essas questões, Richard Jean So traz a ideia de *cultural redlining*, reafirmando o já sabido *modus operandi* do mercado editorial, que, apesar de não declarado, tem um número limitado de autores alvo de racialização, negros principalmente, que podem ser publicados por vez. O autor questiona-se então quais linhas vermelhas veríamos se desenhassemos um mapa do campo literário norte-americano. Seu trabalho consistiu em mapear essas limitações no pós-Segunda Guerra Mundial. De início, os primeiros dados que ele apresenta trazem o seguinte cenário:

RACE	PUBLISHING (%)	BOOKS REVIEWS (%)	BEST-SELLER (%)
White	97%	90%	98%
Black	2%	6%	0.5%
POC ¹⁴	1%	4%	1.3%

Fonte: Jean So, 2020, Kindle Location 129.

No quadro, podemos ver que durante o período definido, cerca de 97% das obras lançadas pela Random House foram de pessoas brancas, assim como cerca de 90% das críticas literárias (recepção crítica), e, por último, mas não menos importante, 98% das obras publicadas por pessoas brancas se tornaram bestsellers, isto é, sucesso de vendas em volume. Embora a pesquisa realizada demonstre uma maioria branca, durante o período pesquisado, o autor identificou que muitos pesquisadores entenderam o período em questão como um “boom” de publicação de obras de autoria negra (African American).

Apesar de não desconsiderar que o aumento de publicações de autoria negra tenha acontecido, os dados são bem robustos ao apontar que, se isso aconteceu, foi de maneira bastante tímida. Segundo Jean So (2020), naquele momento muitos pesquisadores acreditavam que o multiculturalismo tinha tido o seu triunfo. Jean So (2020) acredita que a desigualdade racial não foi mapeada por esses estudiosos em prol de uma narrativa forjada a partir da ideia do fortalecimento do multiculturalismo, que começou dentro dos muros da academia, expandindo-se para a sociedade como um todo, mas falhando em mapear como isso reverberou na publicação, circulação e recepção de tais obras, que, para ele, não foram tão significativas. Ao contrário, seguiu punindo pessoas alvo de racialização.

Minha preocupação é que a primeira história tenha eclipsado a segunda — a história da desigualdade racial e da literatura americana do pós-guerra — ou pelo menos a tenha tornado difícil de ver. Sugiro que ambas as histórias podem ser verdadeiras ao mesmo tempo; uma não precisa anular a outra. Mas também acredito que sabemos muito pouco sobre a segunda história e que uma maior consciência dela pode nos levar a uma poderosa reorientação

¹⁴ A sigla POC, em inglês, significa “people of color”. Em português, entendemos como pessoas alvo de racialização, mas que não necessariamente são pessoas negras, por exemplo: pessoas amarelas.

da nossa primeira narrativa acadêmica (Jean So, 2020, Kindle Location 129) (tradução nossa).¹⁵

3.1 AS OBRAS MAIS VENDIDAS E A (NÃO) BIBLIODIVERSIDADE

Se olharmos para a lista das vinte obras de ficção nacionais mais vendidas no Brasil divulgadas mensalmente pelo PublishNews,¹⁶ observamos que a primeira obra de autoria negra que aparece no catálogo no ciclo 2019-2023 é *Amoras* (Companhia das Letras, 2018), do rapper Emicida. Ela só aparece nessa listagem em maio de 2020, coincidentemente o mesmo mês do assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, quando ocorreu uma grande mobilização “antirracista” no Brasil.

Nos meses seguintes obras como *Um defeito de cor* (Record, 2014), de Ana Maria Gonçalves, *Olhos d’água* (Pallas, 2014), de Conceição Evaristo, já premiada pelo prêmio Jabuti em 2015, *O pequeno príncipe preto* (Nova Fronteira, 2020), de Rodrigo França, que havia participado no ano anterior do Big Brother Brasil, um dos realities shows de maior audiência no Brasil, *Quarto de despejo* (Ática, 2015), de Carolina Maria de Jesus, autora presente há muitos anos no imaginário literário brasileiro, *Torto Arado* (Todavia, 2019), vencedor do Prêmio Leya em 2019 e do Jabuti em 2020, e *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (Companhia das Letras, 2020), também do rapper Emicida,¹⁷ além de *Dom Casmurro*, clássico de Machado de Assis, porém a presença de autoria branca tanto em 2020 quanto em 2021, 2022 e 2023 é esmagadora.

É verdade que as obras citadas, exceto *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, já haviam sido publicadas, mas não há como não fazer uma ligação entre as reivindicações por mais obras de autoria negra no Brasil e o assassinato de George Floyd. Isso, é claro, revela o comportamento do leitor que vai em busca desses títulos para sanar uma falta de letramento racial, porém também revela como o crescimento de edição, publicação e venda de livros de autorias alvos de racialização se solidificam a partir de extrema pressão social que se fortifica com grande

¹⁵ My concern is that the first story has eclipsed our second story — the story of racial inequality and postwar American literature — or at least rendered it hard to see. I suggest that both stories can be true at the same time; one need not cancel out the other. But I also suggest that we know far less about the second story and that a greater awareness of it can lead to a powerful reorientation of our first scholarly narrative (Jean So, 2020, Kindle Location 129).

¹⁶ O PublishNews é a maior e principal plataforma de jornalismo focada no mercado editorial do país.

¹⁷ As informações citadas são baseadas na coleta realizada no site PublishNews. O quadro com todas as vinte obras nacionais mais vendidas no Brasil se encontra disponível em: [Ciclo 2019-2023 Livros de ficção nacional](#).

repercussão midiática e apelo mercadológico. Caso contrário, os dados relacionados ao genocídio da população negra, considerando, sobretudo, as áreas de segurança pública e saúde, também seriam mote para o aumento da publicação de obras de autoria negra, dentro do mercado editorial *mainstream*. Mas não é, não são.

No Brasil, Maciel (2022) mapeou não um *boom* da publicação de obras de autoria negra, mas do mercado editorial brasileiro como um todo entre 1991 e 2012, com reconhecível destaque para o período entre 2002 e 2012, durante e pós-governo Lula. Na pesquisa, vemos que as questões econômicas, com a criação do Plano Real de Fernando Henrique Cardoso (FHC), e sociais, como a criação de mais universidades e institutos federais, sobretudo no segundo governo Lula, foram decisivas para o registro de um aumento no consumo de livros e na queda do analfabetismo. Neste momento, em que “uma nova política desenvolvimentista” foi estabelecida, com resultados inegáveis como a redução de pobreza e a erradicação da fome, as condições necessárias para o fortalecimento do público-leitor e do mercado do livro se consolidaram.

Outro ponto discutido por Maciel é o aumento significativo do ingresso de jovens negros nas universidades a partir de 2003, não deixando de apontar, claro, o papel da juventude universitária negra que concentrava esforços para expandir debates sobre a presença e permanência negras na universidade, pautando questões como restaurante universitário e lei de cotas. Cidinha da Silva (2022), escritora e editora da Kuanza Edições, em entrevista a Maciel, também enfatiza:

O fenômeno recente do primeiro governo Lula (2003) para cá que foi a volta dos concursos para docentes nas universidades (Fernando Henrique passou 8 anos sem realizá-los) e a criação de novas universidades federais (18 no governo Lula e primeiro mandato Dilma) e mais de 100 institutos federais de ensino superior, nesse cenário, muitos professores negros foram aprovados em concursos, passaram a integrar grupos, criaram outros e passaram a liderá-los. Isso faz uma diferença na pesquisa, na relação com as autoras e autores negros (Silva apud Maciel, 2022, p. 303).

Porém, ao ser questionada sobre o *boom* do mercado editorial mapeado pela pesquisa, Cidinha da Silva (2022), apontando não reconhecer os elementos para aquela conclusão, prefere não responder. Essa resposta, embora não contrarie os aspectos da pesquisa, pode sugerir que esse movimento não foi visto por todos os agentes do mercado editorial, sobretudo do mercado editorial negro e independente.

Os resultados das pesquisas desenvolvidas tanto por Jean So (2020) quanto por Maciel (2022) colocam em cena elementos que ajudam a compreender uma transformação do mercado editorial a partir de dois momentos históricos: 1) pós-Segunda Guerra Mundial, que reverberou no modo de fazer livro em todo o mundo, pois acompanhou a formação de conglomerados editoriais, 2) política desenvolvimentista brasileira, que ajuda a entender como o mercado editorial do Brasil começou a estabelecer uma nova relação com o livro, sobretudo com o “surgimento” de uma nova classe média favorecida pelas políticas públicas do governo Lula.

Isso afeta a antiga ideia de função do editor e do livro para grandes editoras, pois esses setores aparecem para grandes grupos da comunicação como novas possibilidades de expansão mercadológica, marcando o surgimento dos conglomerados editoriais e trazendo exigências de metas financeiras para os editores. É nesse momento em que a busca por tendências de mercado cresce, uma dando espaço a outra conforme as demandas sociais mudam. O trabalho mobilizado por projetos literários nos quais editores acreditavam, a curto e a longo prazo, vai ficando para trás, deixam de ser prioridade em prol da promoção de best-sellers.

A formação de conglomerados editoriais é amplamente discutida por André Schiffrin (2006) em *O negócio dos livros: como as grandes corporações decidem o que você lê*. Partindo da própria experiência de trinta anos como editor da Pantheon, ele descreve com o mercado editorial dos Estados Unidos, mas também europeu, foi se transformando ao longo dos anos, dando lugar a um modo de fazer livros guiado pelo lucro e não mais por uma qualidade social e artística, embora a ideia de “qualidade social e artística” ainda estivesse associado a um tipo de obra feita e produzida por um grupo específico de pessoas. A saber: homens brancos, de classe média, altamente escolarizados, do Norte Global e heterossexuais. Pensando mais detidamente na formação de conglomerados editoriais, tanto Schiffrin (2006) quanto Jean So (2020) afirmam que o mercado editorial mudou profundamente no pós-guerra devido ao modo de ver o livro e ao processo de fusão de editoras, em uma ampla concentração de mercado e, conseqüentemente, de conteúdo.

Se antes os editores eram livres para publicar o que quisessem movidos pelo valor cultural, histórico e social de uma obra, agora o lucro deveria guiá-los: o que e quem vende mais? Quais os gêneros mais vendáveis? O que pode tornar uma obra best-seller? Qual a capacidade de determinada obra ser adaptada para o cinema e/ou

televisão? O modo “caseiro” de fazer livro, de modo quase artesanal, passou a ser fortemente contraindicado.

Como nós podíamos publicar sem nos preocupar se cada livro novo daria lucro imediato, ou mesmo se seria uma promessa de lucro com a próxima obra de um autor, nossos critérios para contratar um livro eram assaz simples. Acima de tudo, procurávamos novas obras que oferecessem um tipo de excitação intelectual que faltava à vida norte-americana desde a década de 1950. [...] Assim, nós nos descobrimos na feliz posição de admirar pessoas que frequentemente eram rejeitadas ou negligenciadas pelos outros (Schiffrin, 2006, p. 56).

Jean So (2020) complementa:

Escritores, críticos e pesquisadores ficaram previsivelmente indignados com aqueles acontecimentos e protestaram ferozmente contra a comodificação da literatura. Especificamente, lamentaram o fato de os livros serem agora julgados pela sua rentabilidade, pelo seu estatuto de produtos comerciais, e não como um bem social que tinha a responsabilidade de esclarecer o público. Os editores estavam agora sob forte pressão para adquirir e promover best-sellers, livros com potencial para adaptação cinematográfica em particular (tradução nossa).¹⁸

No entanto, para além de mudar a função do editor, tornando-o um agente de edição, mas também de comunicação, publicidade e venda, a formação de conglomerados fez com que grandes empresas passassem a se interessar por obras mais diversas, não só em termos de gêneros literários, mas também de autores. Esse movimento também impulsionou o surgimento de editoras menores, independentes, para cobrir nichos de mercado que não necessariamente gerariam bestsellers óbvios.

De qualquer modo, Schiffrin (2006) sinaliza, a partir de um texto bastante pessoal, como as fusões entre editoras contribuiu para a formação de grandes monopólios editoriais, fazendo com que casas editoriais dobrassem de tamanho e de lucro por meio da compra de pequenas editoras, provocando a diminuição e, por vezes, o desaparecimento de um modo de fazer editorial independente. Além disso, a exigência por um volume de obras publicadas anualmente se tornou maior do que nunca visto.

¹⁸ Writers, critics, and scholars were predictably outraged by this turn of events fiercely protested the commodification of literature. Specifically, they lamented the fact that books were now judged by their profitability, their status as commercial products, rather than, as it once was, as social good that bore a responsibility to enlighten the public. Editors were now under severe pressure to acquire and promote bestsellers, books with the potential for film adaptation in particular.

Um dos highlights da obra traz uma verdade bem evidente para as produções literárias de autoria negra e seus agentes: o tamanho do mercado não garante diversidade de conteúdo, o inverso disso. A bibliodiversidade, entendida como “a diversidade cultural aplicada ao mundo do livro” (Muniz Jr., 2010, p.16) deve ser ativamente garantida pelos editores independentes, sendo eles, portanto, importantes atores na manutenção e existência da bibliodiversidade, como destaca a Aliança Internacional de Editoras e Editoras Independentes¹⁹ nas Declarações de Dacar (2003), Guadalajara (2005) e Paris (2007).

Em um movimento para mapear o tamanho do mercado editorial, tanto em termos quantitativos (econômicos) quanto qualitativos (sociais), suprimindo o apagão de informações que caracteriza fortemente a indústria do livro, o relatório *Global Publishing Industry in 2022*, em sua quinta edição, traz o cenário global do mercado editorial, compartilhando informações como receita, títulos publicados e ISBNs gerados anualmente a partir das informações coletadas a partir de cinco fontes e/ou grupos de fonte do setor, são elas: 1) pesquisa do mercado editorial, 2) pesquisa de depósitos legais, 3) dados da Nielsen BookScan, 4) International Standard Book Number (ISBN), e 5) dados de pesquisa desenvolvida pela International Publishers Association em parceria com a Nielsen BookData.

Na introdução do relatório, vemos a organização sinalizar a dificuldade de fornecer uma visão geral da indústria do livro de modo consistente e comparativo. Como os dados não são unificados e nem todos os países integram e/ou colaboram com os bancos de dados existentes em seus países, a possibilidade de compreender o tamanho do mercado, para além dos discursos e de iniciativas publicitárias, assim como suas tendências de interesse e publicação, fica bastante comprometida. Os Estados Unidos, por exemplo, não alimentam os dados da Nielsen BookScan,²⁰ agência fundamental no universo do livro, pois fornece uma série de dados e serviços

¹⁹ Aliança Internacional de Editoras e Editoras Independentes é um coletivo que reúne cerca de 980 editores independentes ao redor do mundo e se organiza a partir de seis redes linguísticas (anglófona, árabe, francófona, espanhola, lusófona e persa), buscando promover e fomentar a bibliodiversidade editorial por meio da organização de fóruns de discussão, iniciativas de apoio e fomento, divulgação de guias para editores e editoras independentes, além de criar projetos com o Observatório da Bibliodiversidade. Para entender mais da atuação da Aliança, acesse: <https://www.alliance-editeurs.org/?lang=fr>.

²⁰ A agência, embora importante para o mercado, é plataforma de compilação de dados com assinatura cara, com pouca transparência e disponibilização de dados para pesquisadores, sobretudo os independentes. Em geral, só as grandes editoras, integrantes de conglomerados editoriais, ou aquelas com longevidade no mercado, têm a assinatura e podem acompanhar semanalmente o desempenho das vendas dos seus livros.

úteis ao mercado, como os valores da venda geral de livros por cada editora, quais livros vendem menos ou mais, qual receita as vendas geram e, claro, qual fração do mercado é ocupada por cada editora. Tudo isso de modo mais consistente, porque conseguem abarcar, inclusive, a venda para/por grandes players, como a Amazon. Além disso, os dados coletados pela Nielsen BookScan possibilitam uma compreensão estatística do controle de conteúdo, assim como o perfil dos agentes literários (editoras e grupos) que controlam as listas de mais vendidos em um país.

De acordo com o relatório, os Estados Unidos registraram mais de três milhões de ISBNs no ano de 2022, seguidos pelo Japão com quase um milhão de registros, pela Coreia do Sul com quase 340 mil e da Alemanha com quase 300 mil registros. O Brasil aparece na quinta posição, com quase 180 mil registros, um aumento significativo em relação ao ano anterior, 2021, que teve 114 mil ISBNs registrados. Resgatar dados como esse foi um exercício que André Schiffrin também fez para questionar, a priori, a bibliodiversidade a partir do tamanho do mercado. Apesar dos novos títulos registrados no ano de 2022 nos Estados Unidos serem impressionantes, o número de livros disponíveis por habitantes ainda é pequeno.

Ao buscar analisar o perfil das publicações da Random House por meio de dados quantitativos, Jean So (2020) pôde afirmar que, embora certas sutilezas possam e fiquem de fora, partir desses dados torna a pesquisa mais robusta e tende a traduzir com maior clareza os momentos do mercado do livro. O aumento da publicação de obras de autoria negra descrita pelo multiculturalismo, por exemplo, não se traduz em dados. O mercado do livro, sobretudo quando dominado por grandes editoras com muitos investimentos dedicados à publicidade, pode acabar nublando o que é ou não mais publicado e vendido, podendo ou endossar a narrativa da diversidade ou invisibilizar os reais esforços para a publicação e circulação de determinada obra.

Além disso, as metodologias comumente usadas para definir os momentos, essas tendências, como leitura de obras, não conseguem abranger um volume muito alto do que é publicado anualmente, então as leituras e percepções acabam por ser sempre parciais. Da mesma forma, se pensarmos o Brasil, o fato de a Câmara Brasileiro do Livro (CBL) não solicitar das editoras a identificação racial de seus autores no ato da solicitação do ISBN é mais uma prática que nubla a visão do mercado. Se tivéssemos essa pequena mudança no processo de licitação, teríamos

uma leitura mais fidedigna das práticas editoriais do mercado do livro do Brasil no que diz respeito à raça e à localidade.

O pós-guerra que Jean So (2020) descreve também como foi o momento da efervescência da luta por direitos civis nos Estados Unidos, além, é claro, de ter sido a época em que movimentos como o *Black Arts Movement* floresceu, dando projeção ao trabalho de inúmeros artistas negros. No entanto, isso pode não ter afetado o mercado do livro como os pesquisadores do multiculturalismo sinalizaram à época.

A partir de uma abordagem quantitativa, que pode ser lida isoladamente ou a partir de seu contexto histórico, percebe-se que a bibliodiversidade fica permanentemente comprometida, tanto porque o volume de obras não reflete diversidade de autores, personagens e narradores, quanto porque livros podem se tornar bestsellers, isto é, um único título pode ser vendido inúmeras vezes. Nesse caso, se cada ISBN representa uma nova obra em circulação, boa parte das pessoas terão à sua disposição os mesmos títulos, podendo mudar conforme a disponibilidade de acesso a Amazon e a livrarias de rua, assim como a exposição de material de promoção publicitária, dando uma ênfase maior a livros específicos (mesmo ISBN, mesma obra).

Voltando às listas com os vinte livros de ficção mais vendidos no Brasil divulgadas pelo PublishNews no ciclo 2019-2023, vamos identificar um grupo pequeno de obras de autoria negra, de pessoas que já detinham reconhecimento literário ou que ganharam visibilidade (não necessariamente o reconhecimento devido) por causa do momento histórico em que vivemos. As obras, citadas posteriormente, são as seguintes: *Um defeito de cor* (Record, 2014), *Olhos d'água* (Pallas, 2014), *O pequeno príncipe preto* (Nova Fronteira, 2020), *Quarto de despejo* (Ática, 2015), *Torto Arado* (Todavia, 2019), *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (Companhia das Letras, 2020). As que aparecem nas listas nos anos seguintes a 2020 são *O avesso da pele* (Companhia das Letras, 2020), de Jeferson Tenório, e *Doramar e a odisseia* (Todavia, 2021) e *Salvar o fogo* (Todavia, 2023), ambas do fenômeno Itamar Vieira Jr. Basicamente os autores que podemos julgar ser do grande conhecimento do público, que se autodeclaram ou são identificados²¹ como

²¹ A declaração de que os autores e as autoras citadas se identificam como negras parte de declarações públicas e de suas obras.

negros, são Emicida, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Jeferson Tenório, Rodrigo França, Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus e Itamar Vieira Junior.

É claro que nessa recorrência existe o interesse do público-leitor por essas obras, assim como existe o investimento das próprias iniciativas editoriais que convidam tais autores, os mesmos autores, para feiras e eventos literários. As editoras também investem em posições privilegiadas nas gôndolas de livrarias, o que repercute na atitude dos próprios livreiros, que precisando que as vendas aconteçam, promovem e privilegiam essas autorias em suas vitrines, visando garantir a “compra certa”. Isso sem contar nas conexões das editoras com circuitos privilegiados de discussão e promoção literária e o Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) que expande, divulga e garante a circulação dessas obras.

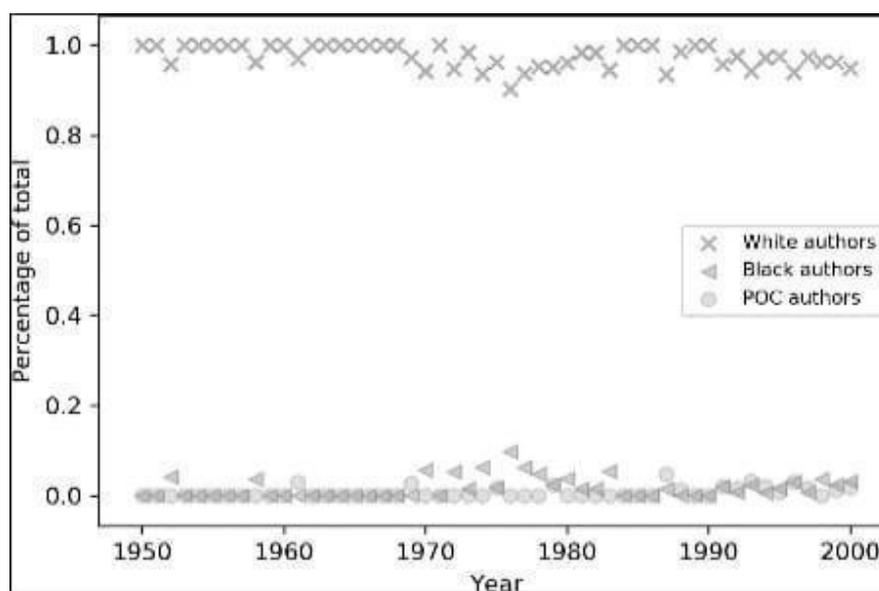
Ou seja: a recorrência de tais autores não é efeito do acaso, assim como a ausência de mais nomes de autoria negra não é. Para além da publicação, o apoio e o recurso de marketing fazem toda a diferença para a longevidade e a circularidade de uma obra. Isso passa pela compreensão da diversidade de leitores da cadeia do livro, que obviamente não são só brancos, e, os negros, também por óbvio, são diversos. O que significa que as estratégias para encontrar o leitor para aquela obra precisa, necessariamente, ter mais de uma possibilidade. A repetição de determinados nomes de autoria negra também acontece porque, julgo, os leitores se repetem.

A bibliodiversidade passa também pela compreensão da diversidade de leitores. Livros de fantasia, ficção, literatura contemporânea, poesia, autobiografia, escrita ficcional etc. não necessariamente comunicam ao mesmo leitor por ter em comum uma autoria negra. A bibliodiversidade, portanto, segue comprometida, pensando-a não só como essa diversidade cultural nos livros, mas como conceito que dá luz a não publicação de obras calcadas em critérios de raça, classe, gênero e regionalidade. Nesses termos, parece que o leitor ideal para obras negras de autoria negra, interessado na literatura de tais autores, ainda corresponde ao leitor de classe alta, o mesmo que Zora Hurston compreendeu em 1950. Assim, qualquer leitor que não viva ou alcance determinados signos de ascensão social ou similares, o leitor negro “médio, esforçado e não mórbido” fica de fora.

Se fizermos o mesmo exercício olhando agora para as vinte obras de não ficção nacionais mais vendidas no Brasil, só encontramos duas obras *O pequeno manual*

antirracista (Companhia das Letras, 2019), de Djamila Ribeiro, e *A elite do atraso* (Estação Brasil, 2019), de Jessé Souza; nem mesmo obras da Coleção Feminismos Plurais, produzidas por uma editora de menor porte antes de 2020, com grande circulação, apareceram nesse ciclo, o que nos faz pensar em quais termos os arquivos negros circularam e circulam e em quais mudanças/avanços eles conquistaram de fato.

Nos Estados Unidos, o impulso para diversificar o catálogo levou Toni Morrison a Random House em 1970. Uma escritora de sucesso, óbvio, mas também uma editora de aquisição para suprir a demanda por obras de autoria negra, assim como diminuir o vazio dessas mesmas obras dentro do grupo que a contratou. Morrison levou para a Random House autores como Toni Cade Bambara e Gayl Jones, ao mesmo passo que notamos um tímido, porém reconhecível, aumento de publicação de pessoas negras durante sua passagem na editora, como aponta o gráfico abaixo.



Fonte: Jean So, 2020, Kindle Location 113.

No gráfico, vemos que durante a década de 1970 um volume ligeiramente maior de obras de autoria negra foi publicado pela Random House, coincidindo com o tempo de trabalho de Morrison. Os dados apresentados por Jean So (2020) sugerem que, apesar do discurso do multiculturalismo, e o fato de movimentos político-culturais estarem surgindo e pessoas alvo de racialização, principalmente negras, estivessem ganhando prêmios, participando de eventos e feiras editoriais etc., a imagem branca, masculina e burguesa do mercado editorial seguia intocável.

No Brasil, o grande exemplo da formação de conglomerados editoriais é a Companhia das Letras. Fundada em 1986 por Luiz Schwarcz e Lilia Moritz Schwarcz, a editora despontou a partir da publicação de *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, que veio a se tornar um best-seller. Nascida com o compromisso de “publicar livros que contribuam para um país (e um mundo) melhor e mais justo”, a editora teve parte de suas ações adquiridas pela mesma Penguin Random House das análises de Jean So, em 2009.

Em 2015, com a fusão da Objetiva e da Companhia das Letras, a editora passou a se chamar Grupo Companhia das Letras. Depois, outras fusões aconteceram. Primeiro, a Zahar, fundada no Rio de Janeiro em 1956, também passou a integrar o grupo, assim como a Brinque-Book, editora focada em infantis, comprada em 2020 e, por fim, a JBC, “uma das mais importantes editoras de mangás no mercado brasileiro”. A editora também tem parcerias com a família de banqueiros Moreira Salles. Hoje o Grupo Companhia das Letras tem 21 selos, com mais de oito mil títulos no catálogo e cerca de quatrocentos novos títulos publicados por ano.

A pesquisa *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*, de Regina Dalcastagné (2012), recortou os anos de 1990 e 2004, antes da Penguin adquirir ações da Companhia das Letras, e traz, como já vimos, uma maioria branca, bem semelhante àquela vista na pesquisa *Redlining culture*, de Richard Jean So (2020). De início, observando a formação de conglomerados, a percepção de como determinado *boom* de obras pode ser vista e a composição de um mercado editorial branco, masculino e burguês, é possível aprofundar a ideia de arte como produção, não só porque a arte em si integra uma indústria, mas porque ela é mediada pela economia, viabilizando tipos de publicações, assim como tipos de leitura, formas e, claro, conteúdo.

Em *Marxismo e literatura*, de Terry Eagleton (2011), há toda uma discussão de como a literatura reflete, tanto no sentido de espelhar quanto no sentido de fazer pensar, as condições históricas de seu tempo, abarcando as contradições e os avanços. É claro que tudo isso pode ser visto no nível do texto, mas enxergar a arte como produto é um meio de entender também como determinados momentos são delineados, visibilizando a produção artística como atividade social. Para Eagleton (2011, p. 108):

a arte pode ser, como Engels observa, o produto social mais altamente 'mediado' em sua relação com a base econômica, mas em outro sentido ela também faz parte da base econômica – uma espécie de prática econômica, um tipo de produção de mercadorias entre muitos outros.

A partir de uma discussão breve, mas extremamente frutífera, ele traz como Walter Benjamin transformou a crítica marxista voltada às artes quando questionou a posição das obras literárias dentro das relações produtivas de uma época. Se olharmos para trás, podemos usar essa chave para entender como e onde as produções literárias de autoria negra se encaixaram dentro do mercado editorial de Salvador na eclosão dos movimentos negros, mas também como elas se encaixam, obviamente, dentro de conglomerados editoriais.

Há outros momentos recentes da história em que pensar a posição das obras literárias, de autoria negra ou não, se faz fundamental. Podemos citar, com destaque, a implementação das leis 10.639, em 2003, e 11.645, de 2008, que modifica a lei 10.639 e torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as escolas de ensino fundamental e médio. Além, é claro, do assassinato de George Floyd em 2020, no início da pandemia. Segundo Eagleton (2011), os modos pelas quais produções artísticas ficam disponíveis, isto é, aparecem, surgem e são criadas para a sociedade, são fatores cruciais para a determinação de relação sociais entre “produtores” e “consumidores”.

Buscar elaborar minimamente como estão inseridos os agentes do mercado editorial dentro de momentos como criação de leis e eventos de grande mobilização social, portanto, auxilia a compreender como funciona esse jogo de interesses, devidamente mercadológico. Azevedo (2022), em resenha e análise à produção teórico-crítica de bell hooks, afirma como “as produções culturais dos negros no capitalismo tardio respondem não aos anseios da coletividade negra, mas aos anseios de ascensão social de uma parte específica da comunidade negra”. Muito embora não coadune de trazer uma parte da comunidade negra como agente responsável pelo curso das produções culturais, é muito claro como o ligeiro aumento de publicações literárias de autoria negra dentro do mercado editorial *mainstream* não traduz de modo substantivo a concretização/início de processos emancipatórios, mesmo que os efeitos do aumento da circulação do pensamento negro sejam inegáveis.

Quando Terry Eagleton retoma o pensamento de Walter Benjamin, ele também traz o caráter revolucionário do fazer artístico associado ao desenvolvimento de novas

mídias, “assim como transformar os modos mais antigos de produção artística” (Eagleton, 2011, p. 111). Ou seja, para além de produzir de modo individual e/ou solitário e criar uma “mensagem revolucionária”, é preciso revolucionar as próprias mídias.

“Revolucionar as próprias mídias” é um exercício predominantemente negro dentro do mercado editorial, que atua, em geral, para barrar e interromper a ausência de autores negros no cenário editorial nacional, inclusive dentro de editoras independentes. Cidinha da Silva (2022), ainda em entrevista a Rodrigo Maciel, comenta o quanto as editoras independentes ainda são brancas; adicionaria, também, burguesa; aqui podemos citar editoras importantes hoje que se reivindicam independentes, como a Bazar do Tempo, a Jandaíra e, em menor proporção, a Ubu e a Todavia. Muitas dessas editoras surgem a partir de núcleos de elites intelectuais, em geral do eixo Rio-São Paulo, que buscam empreender no setor do livro para exercer a “função nobre” da edição, afastando o lugar do trabalho e do sustento, o que é basilar para a maioria esmagadora de agentes negros que vivem do mercado editorial. Tais editoras estão integradas aos processos de formação de conglomerados editoriais se não pelo processo de surgimento, pelo modo de edição das obras, e, por isso, elas ampliam os processos de supressão do pensamento e da produção literária negros, que chamamos anteriormente de “teoria sem práxis”.

Collins (2019, p. 37) afirma, a partir de uma interpretação da atuação de mulheres brancas dentro da academia, que existe um discurso que defende e preconiza a diversidade, mas que não se converte em prática. A diversidade é entendida como necessária, mas existe um limite até onde ela pode caber e/ou ser integrada.²² Para ela, “algumas vozes negras [são] garantidas, ‘escolhidas a dedo’, para não serem acusadas de racismo”. Dentro do mercado editorial, para ainda ser passível a essa escolha, é preciso, como dito anteriormente, ter algo para dar em troca: um público-leitor consolidado, um público engajado nas redes sociais, boa recepção da crítica e, quase sempre, residir em uma posição geográfica que coincida com a região Sudeste do país. Nesse debate, Jorge Augusto (2022) sinaliza como a

²² Durante a finalização deste trabalho, a dissertação de mestrado *Autor negro, catálogo branco: a presença de autores negro no mercado editorial brasileiro* analisa, mesmo que não usando os termos de Patricia Hill Collins, discutiu a relação entre teoria e prática, trazendo inclusive o catálogo de alguma das editoras independentes citadas. Para ler mais: SILVA, Gabriela da Costa. **Autor negro, catálogo branco: a presença de autores negros no mercado literário brasileiro**. Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

Caramurê, editora baiana, por exemplo, não faz a publicação de autoras e autores negros inéditos, dedicando-se apenas àqueles que já tem público, como Lívia Natália, Alex Simões e Rita Santana. Além disso, reafirma em outro momento:

Para xs autorxs negrxs inéditos continua sendo praticamente impossível sair por uma grande editora, como assim ainda é para aqueles que trazem grandes discursos de ruptura e ou violência. As editoras grandes incorporam aqueles que as editoras negras ao longo de anos se esforçaram pra criar espaço e divulgar. Por outro lado as grandes editoras se alinham com os discursos progressistas de esquerda e investem em traduções e publicações negras de caráter altamente rentável, ou de importância decisiva para manter o controle sudestino no debate epistemológico e político. Então por um lado a barreira de publicação continua, e por outro há um grande movimento de inclusão e de visibilização controlada para aqueles que ultrapassam a barreira de contenção (Augusto apud Maciel, 2022, p. 316).

As condições impostas para a publicação de autoria negra reafirmam como “as promessas de emancipação feitas pelo Capital e as estratégias de aniquilação de reputação motivadas por esse mesmo Capital quando defrontado com aqueles que já se emanciparam” (Azevedo, 2022, p. 51) atuam em conjunto, como está identificado nos padrões de supressão do conhecimento negro descrito por Collins (2019). Isto é, as vozes negras escolhidas a dedo para serem divulgadas atendem, dentro da cadeia mercadológica, uma função para a manutenção do mercado editorial *mainstream*. Ademais, essas obras são incorporadas, alteradas e despolitizadas não só para que circulem, mas que permaneçam em circulação. Muitas das obras de autoria negra não são publicadas e/ escolhidas, seja por grandes conglomerados editoriais, seja por editoras independentes, porque incitam debates que pressupõem mudanças estruturais, como o abolicionismo penal, o genocídio negro urbano e a reforma agrária no campo e na cidade.

Embora nem a pesquisa desenvolvida por Jean So (2020) nem a desenvolvida por Maciel (2022) tenham discutido o valor histórico tanto para a conformação do mercado editorial de autoria negra quanto para a crítica literária negra de toda a Diáspora, o assassinato de George Floyd e a lei 10. 639/1996 tiveram e seguem tendo papel fundamental no interesse de grandes editoras nas produções negras. No que concerne ao assassinato de George Floyd e as mobilizações do movimento *Black Lives Matter*, além de toda a mobilização ocasionada nas redes sociais com hashtags

como #WeNeedDiverseBooks e #PublishingPaidMe,²³ as Big Five dos Estados Unidos, os grupos Hachette, HarperCollins, Macmillan, Penguin Random House (PRH) e a Simon & Schuster, isto é, os cinco maiores conglomerados editoriais dos Estados Unidos e do mundo, direcionaram esforços, motivados pela pressão pública internacional, para diminuir a desigualdade racial nas editoras.

Reading between the lines: race, equity, and book publishing, publicação desenvolvida pela PEN America, organização em prol dos direitos humanos no mercado editorial, publicado em outubro de 2022, afirma que cerca de 80% do mercado editorial trade (comercial e de obras gerais) dos Estados Unidos pertencem às Big Five, sendo que a Penguin Random House (resultado da fusão entre Penguin e Random House) corresponde a 37% da porcentagem inicial. E, embora compromettimentos públicos tenham sido feitos, o que se entende por bibliodiversidade editorial, além de ficar a cargo de apenas cinco grupos, com escolhas editoriais e interesses definidos pela economia, exige muito mais do que discursos e boa vontade. Para que o mercado se torne verdadeiramente diverso em todos os aspectos, é preciso que tais conglomerados sejam desfeitos. Em 2022, a fusão entre Penguin Random House e Simon & Schuster, avaliada em 2,2 bilhões de dólares, foi barrada nos Estados Unidos, para evitar a concentração de mercado. Mas, caso a fusão seja retomada, a Penguin Random House, interessada na aquisição, pode controlar mais da metade do conteúdo editorial dos Estados Unidos.

O relatório aponta que esforços para a contratação de pessoas alvo de racialização, negras em geral, também foram realizados na década de 1960, mas que foram abandonados assim que o interesse na discussão da desigualdade racial no mercado editorial diminuiu na sociedade em geral e na mídia, assim como toda a discussão relacionada à conquista dos direitos civis. De acordo com especialistas (Jean So, 2020), tais iniciativas aumentaram e diminuíram ao longo do tempo, acompanhando ondas mercadológicas.

Em 2020, no Brasil, a Companhia das Letras contratou os editores Fernando Baldráia, Ana Paula Xongani e Samuel Gomes para “trazer mais diversidade” para o

²³ As hashtags #WeNeedDiverseBooks e #PublishingPaidMe foram dois movimentos iniciados no X, antigo Twitter. O #WeNeedDiverseBooks foi uma tag usada para pedir para as editoras a publicação de livros mais diversos, considerando gênero, raça e sexualidade. Mais tarde, o movimento veio se tornar uma organização, que atua na mesma frente. Já o #PublishingPaidMe foi uma campanha onde autores brancos e negros divulgaram o valor de seus adiantamentos, para que fosse possível mapear a discrepância entre contratos assinados e valores recebidos a partir de um recorte racial.

grupo. Fernando Baldraia, historiador e editor, foi contratado como o cargo de “editor de diversidade” em vez de ocupar o cargo de editor em um selo específico, o que, segundo o grupo, ajudaria a garantir a construção de um catálogo mais diverso em todos os selos, em um trabalho transversal. Esse movimento seguiu a iniciativa da Penguin Random House que, pós-assassinato de George Floyd, assumiu o compromisso de contratar pessoas negras em seus selos.

O relatório da PEN America também discute e apresenta dados sobre esse momento da indústria editorial a partir de profissionais do livro das Big Five, destacando, dentre outras coisas, que muitos dos profissionais contratados à época eram de fora do mercado editorial, isto é, os grupos editoriais focaram em contratar especialistas em D&I (Diversidade e Inclusão) em vez de trazer profissionais alvos de racialização da própria cadeia editorial, principalmente considerando que existem profissionais negros, obviamente, vivendo de livro, mas que são raríssimos os que são responsáveis pela construção de catálogos de editoras, sejam elas grandes ou pequenas.

Ainda em um trecho da pesquisa da PEN America, vale destacar uma mudança de percepção sobre tais contratações e mudanças por Chris Jackson, editor da One World, selo editorial da Penguin Random House. Para ele, em 2021, as mudanças ocorridas dentro do mercado depois do assassinato de Floyd seriam irreversíveis, já que estava mais que comprovado que livros de pessoas negras, sobretudo, vendem. No entanto, em 2022, em outro encontro com a PEN America, ele disse que não acreditava mais nisso, afirmando que o mercado pode voltar para o mesmo ponto onde não há espaço para autores negros.

No Brasil, ao que concerne especificamente à lei 10.639/2003, que coincide com o *boom* do mercado editorial identificado por Rodrigo Maciel, podemos voltar às discussões feitas Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues (2022) no *Trajetórias editoriais da literatura negra brasileira*. Para eles, a lei foi um marco para os meios editoriais, beneficiando, inicialmente, editoras negras independentes, que já tinham um catálogo que atendia às demandas definidas pela lei.

Ao implantar a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileiras nos níveis Fundamental e Médio, o Estado incentivou, de certo modo, a existência de uma produção intelectual e artística afrocentrada. Maria Mazarello Rodrigues, fundadora e editora da Mazza Edições, destaca que foi a partir da assinatura da Lei que as obras da editora, tiveram suas vendas alavancadas, dado o aumento do público leitor. Não se tratava mais

de “professores e militantes negros empenhados no combate ao racismo e ao preconceito” (Rodrigues, 2014, p. 96), mas de um compromisso estabelecido pelo Estado na divulgação de obras dedicadas ao resgate e à valorização da cultura negra (Oliveira; Rodrigues, 2022, p. 124).

Outro efeito da lei, além das possibilidades geradas às poucas, mas importantes editoras negras, foi uma nova movimentação de grandes editoras e grupos editoriais em direção à publicação de obras de autoria negra e indígena, com temáticas previstas pela lei. Para Mazarello (Oliveira; Rodrigues, 2022, p.125), a lei tem furos, pois o funcionamento da lei (processo de licitação e escolha de obras) acaba por favorecer grandes editoras, muitas delas já integrantes de grandes veículos de comunicação, “as editoras criam seu ‘selo negro’ e publicam na área aquilo que passará pelo crivo do governo e, conseqüentemente, será comprado”. A partir dessa fala, os autores questionam o real interesse de grandes editoras em obras negras, pensando até que ponto essa movimentação é ou não o que conhecemos por “afroconveniência”, em mais um movimento que ratifica o interesse de obras de autoria negra se, e somente se, a lucratividade esteja garantida.

É claro que, dentro do capitalismo, esse funcionamento não é estranho ou surpreendente, mas pensar que tais obras não são lidas a partir da discussão literária que podem suscitar é um convite para que olhemos com mais atenção para como o mercado editorial *mainstream* interage com essas produções. Em novembro de 2020, Katherine D. Morgan, escritora e colunista negro-estadunidense, escreveu para um dos portais de literatura mais famosos do mundo, o *Literary Hub*,²⁴ os desdobramentos do *boom* de vendas de determinados livros discutindo questões raciais nos Estados Unidos, ela contou o que havia acontecido com inúmeros dos livros comprados por leitores, majoritariamente brancos que, naquele momento, ainda movidos pelo assassinato de George Floyd, se reivindicavam aliados.

Em “About that Wave of Anti-Racist Bestsellers Over the Summer” [Sobre *aquela* onda de bestsellers antirracistas no verão], Katherine conta como a livraria em que trabalhava recebeu inúmeros pedidos de alguns livros, muitos já traduzidos para o português brasileiro: *So You Want to Talk About Race?* [Então você quer conversar sobre raça, publicado pela editora Bestseller, selo editorial do Grupo Editorial Record], *White Fragility?* [Não basta não ser racista: Sejamos antirracistas!, publicado pela

²⁴ Para saber mais: lithub.com.

Faro Editorial] e *How to be an Anti-racist?* [*Como ser antirracista*, publicado pelo Grupo AltaBooks]. Os pedidos explodiram após assassinato de George Floyd e, claro, durante o momento em que inúmeras listas de “bestsellers antirracistas”, sempre repetitivas em suas sugestões, estavam circulando. Segundo a autora, a maior parte das livrarias que receberam os pedidos eram geridas por pessoas negras, então o aumento significou a segurança financeira para muitas delas.

Porém, apesar das compras efetuadas, os livros permaneceram no estoque meses depois. A partir desse cenário, Morgan se faz alguns questionamentos: primeiro, onde estavam essas pessoas quando Trayvon Martin, Eric Garner e Mike Brown foram assassinados? Segundo, por qual motivo as obras produzidas até ali não despertaram interesse? No entanto, para ela, era muito frustrante descobrir que toda aquela movimentação em torno da compra de livros não significava necessariamente interesse pelas questões raciais e, claro, pelas produções literárias que haviam viralizado.

A pressa para aquisição das obras apareceu no ritmo do engajamento de um tag no Instagram ou no Twitter, como no caso dos movimentos #WeNeedDiverseBooks e #PublishingPaidMe, ou da humilhação pública de uma pessoa negra em um reality show, ou pelo sufocamento televisionado de um homem negro. Por outro lado, quando a aquisição ocorria sem pressa, a escolha era meticulosa. É preciso que exista um contexto histórico favorável, tanto econômico quanto social, assim como um conteúdo mais “palatável”. A contratação, publicação, distribuição e recepção das obras de autoria negra, sobretudo as literárias, citadas em textos teóricos, é feita de modo metuloso para que a compra possibilite que as obras em questão sejam transformadas em commodities — uma mercadoria de baixo valor, mas de alto lucro. Desse modo, determinadas obras são publicadas, mas quase sempre a presença de um mercado editorial negro é apagada ou omitida.

No Brasil, a estratégia de publicação de obras negras estrangeiras passa por um processo semelhante ao qual o movimento *Black is beautiful* enfrentou nos Estados Unidos após a década de 1960, quando a indústria cultural entendeu a diferença negra como vendável. Para bell hooks, a negritude pode ser transformada em uma mercadoria palatável, ou seja, consumível para a branquitude. As discussões circularão, mas certamente serão editadas, com um esvaziamento da mensagem política que carregam. No caso do mercado editorial, elas circulam a partir de limites

sempre bem demarcados: capacidade de venda, capacidade de assimilação e, quase sempre, pela capacidade de desmantelamento de iniciativas editoriais negras, seja inviabilizando a competitividade de mercado, seja por processos de pilhagem epistêmica.

3.2 AS TRANSFORMAÇÕES QUE ALCANÇAM SALVADOR

As transformações do mercado editorial, que significou em seu cerne o acirramento das forças produtivas do neoliberalismo dentro do mercado do livro, elegem qual conteúdo negro é relevante, revolucionário e mais vivo a partir de slogans publicitários. Muitas vezes, esses “slogans” podem ser tanto a promulgação de uma lei como a Lei 10.639/2003 quanto o assassinato de um homem negro. Por vezes, pode ser até a organização de grandes conglomerados editoriais para atender a todos públicos compradores, incluindo populações racializadas (pessoas brancas inclusa). Em relação ao que foi discutido até aqui, Pinho (2021, p. 184) resume:

[...] as políticas de representação também fazem parte da economia política e esse é um tropo sócio-histórico de grande relevância. Do ponto de vista da economia política da escravidão, que não pode esquivar-se de confrontar o materialismo histórico, o problema é a ontologia social e sociojurídica do escravo: coisa ou pessoa? Ou, de outro modo, sujeito de sua própria emancipação ou peça na engrenagem econômica do escravismo? [...] Como deve estar claro, tanto a economia política, tanto a economia política como as estruturas narrativas letradas operam dentro do mesmo registro, coincidente com formas de significação, epistemologias, baseadas na representação, na teoria do signo ou na teoria do valor. As respostas que podem oferecer estão, nesse sentido, já pré-condicionadas pela objetividade dos meios de subjetivação ocidentais e burgueses (Pinho, 2021, p. 184-185).

O processo de comodificação das obras de autoria negra, para além de serem eventualmente convenientes do ponto de vista econômico, atua, como sinaliza bell hooks, para driblar o cansaço da cultura branca dominante diante das próprias produções e, como pontua Osmundo Pinho, para garantir o lugar da representação que o capitalismo reserva à produção literária e artística dentro das suas forças produtivas. Para hooks, a negritude (ou a ideia de negritude) é esvaziada para então ser tornada em uma mercadoria de baixo valor, uma commodity. Aponta, ainda, que quando a raça e a etnicidade são comodificadas por integrantes das raças, gêneros e sexualidades dominantes, esses afirmam seu poder em relação ao outro. Não à toa, a conformação do mercado editorial de Salvador surge em torno da negritude que

compõe e constrói a cidade, mas não necessariamente a partir da negritude que a escreve. No curso desta pesquisa, por meio de redes sociais e sites institucionais, foram identificadas dezesseis iniciativas editoriais em Salvador, são elas:

INICIATIVAS EDITORIAIS EM SALVADOR	
Nome	Ano de fundação
Organismo	2013
Reaja Editora	2017
Editora Diálogos Insubmissos de Mulheres	2021
Editora Ogum's Toques Negros	2014
Editora Segundo Selo	2018
Editora Mormaço	2020
ParaLeLo13S	2017
Caramurê Publicações	1986
P55 Edições	2002
Mojubá Editora	2020
pinaúna editora	2011
Editora Solisluna	1993
Quarteto Editora	1998
Editora Devires	2017
Editora Corrupio	1978
Katuka Edições	2023

Ademais, ainda por meio dos sites, listamos o total de publicações realizadas por essas iniciativas. Esse levantamento, com a listagem nominal das obras disponibilizadas para vendas, permitiu entender melhor as políticas editoriais de cada uma das editoras, bem como reconhecer parcerias, diferenças na construção dos projetos, contradições e, em menor instância, pensar como o prestígio e reconhecimento de Salvador fora dessas editoras para muito pelas pessoas que publicam nelas, que, de modo geral, estão associadas à Universidade Federal da Bahia.

INICIATIVAS EDITORIAIS EM SALVADOR	
Editora	Número de títulos publicados
Organismo	11 ²⁵
Reaja Editora	9
Editora Diálogos Insubmissos de Mulheres	7
Editora Ogum's Toques Negros	22
Editora Segundo Selo	95
Editora Mormaço	17
ParaLeLo13S	31
Caramurê Publicações	58
P55 Edições	94
Mojubá Editora	5
pinaúna editora	32
Editora Solisluna	91
Quarteto Editora	50
Editora Devires	125
Editora Corrupio	Site fora do ar
Editora Katuka	12

Olhando somente para o ano de fundação das iniciativas editoriais, identifica-se que elas se concentram durante dois períodos: 1) o fim da década de 1990 e início dos anos 2000, e 2) a partir de 2010. Das iniciativas identificadas, apenas a Editora Corrupio foi criada em 1978, um pouco antes da redemocratização e logo depois temos a Caramurê, fundada em 1986. As editoras Quarteto, Solisluna e P55 Edições compartilham, além do mesmo período de fundação, a linha editorial focada na veiculação da cultura baiana e em autores baianos.

²⁵ Ao contrário das outras iniciativas mapeadas, o catálogo da Organismo, que tem a Segundo Selo como selo editorial, publicou dez volumes de sua revista, a Revista Organismo. Optamos por manter a Organismo como iniciativa editorial não só porque revistas incluem práticas editoriais, mas também porque seu surgimento é importante para a circulação de ideias e debates da intelectualidade de Salvador, sobretudo, além da intelectualidade negra. Nos volumes das revistas, encontramos as escritas de autores como Conceição Evaristo, Rita Santana, Lívia Natália, Ricardo Aleixo e Nelson Maca, além de muitos outros que contribuem aos diálogos que a revista se propõe a fazer. Além das revistas, a editora foi responsável pela publicação do livro Trans Formas São (2018), de Alex Simões.

3.3 AS INICIATIVAS EDITORIAIS DE SALVADOR E O DISCURSO DA BAIANIDADE

A Quarteto Editora afirma prestigiar “autores, o conhecimento e a cultura da Bahia”. Com um site estruturado, a editora afirma seu interesse em publicar apenas obras inéditas de ficção, poesia, artísticas e científicas. Apesar de ter um catálogo enxuto, a editora publicou livros importantes com o *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*, da professora e pesquisadora Florentina da Silva Souza. Uma obra teórico-crítica para compreender os pormenores da presença da autoria negra na Literatura Brasileira. Além do título citado, há outras obras de interesse acadêmico, presentes nos currículos da Ufba, de autores como João Carlos Sales, ex-reitor, e Décio Torres, professor de literatura inglesa, ambos da mesma instituição.

O catálogo da editora sugere como editoras fora do eixo Rio-São Paulo precisam firmar laços de parceria com a universidade e outras iniciativas que preconizam a literatura de modo geral. Não só pensando a circulação e venda de livros, garantindo que as tiragens, já pequenas, vendam, mas que permitam uma vida longa a essas editoras, já que os circuitos acadêmicos, contínuos nos semestres e em pesquisas, permitem a revisitação de obras e, conseqüentemente, a sua compra. E mesmo que a parceria entre as editoras não seja uma realidade muito comum ao mercado editorial de Salvador, vemos que há esse esforço, principalmente olhando como as livrarias dividem os seus espaços de venda.

A editora Solisluna, por sua vez, “desenvolve projetos que tratam do patrimônio imaterial, arquitetônico e religioso, do meio ambiente, da pluralidade racial, de questões relacionadas às mudanças sociais e do cotidiano de pessoas únicas”. De todas as editoras mapeadas, a Solisluna é a única que fornece o catálogo no site para que autores e autoras, curiosas e pesquisadoras tenham acesso. O catálogo disponibilizado fornece informações essenciais como ISBN, preço, sinopse, nome da autoria e ano de publicação. A iniciativa é uma prática de transparência que facilita a compreensão do cenário editorial soteropolitano, e da Bahia, além de ajudar a expandir a própria editora, pois caso outras editoras tenham interesse em publicar as obras que ali estão os dados básicos são facilmente encontrados.

Composto por um catálogo formado esmagadoramente por autores brancos que buscam compor o cenário histórico e cultural da Bahia, a editora já publicou Mãe Stella de Oxóssi, uma das poucas autoras negras que publicou, além de autoras como

Mira Silva, Bel Santos Mayers e Goya Lopes. Com quatro coleções publicadas, três delas tratam de religiões de matriz africana, como a Lendas Africanas, a Cultura Afrobrasileira e a Inclusão e Diversidade, compostas por livros ilustrados que trazem as lendas dos orixás iorubanos e por obras que “retratam” a negritude e vertem sobre a diáspora, nem sempre tendo autorias negras presentes. Ao contrário, as lentes racistas de Verger compõem a obra Carybé, Verger & Jorge – Obás da Bahia, em que imagens tiradas por Carybé e Verger ilustram o candomblé com textos de Jorge Amado, autor fundamental na Bahia, não só para dar vida aos pontos históricos da cidade, mas também para endossar estereótipos racistas de homens e mulheres negras. A última coleção, por fim, é a Ensaios para pensar a leitura, realizada em parceria com o Instituto Emília, com títulos voltados a educadores.

Criada por dois designers, Enéas Guerra e Valéria Pergentino, a editora tem um trabalho relevante com projetos gráficos e tratamento de imagens, que junto do site, estruturado de modo a privilegiar o trabalho da editora, se tornam uma marca de seu projeto editorial, calcado também no imaginário das religiões de matrizes africanas e na possibilidade de registro que as fotografias e ilustrações são capazes de dar.

A P55 Edições afirma ter “interesse maior em publicações de autores baianos, ou que residam na Bahia, e a disseminação sem restrições da cultura baiana”. Responsável por um importante espaço de interação entre escritores e escritoras brancos de Salvador e do estado da Bahia, contemporâneos ou não, a Coleção Cartas Bahianas abarca uma série de livros de prosa (romance e novela), conto e poesia que trazem a ideia de baianidade como plano de fundo. Nessa coleção o pertencimento a Salvador, ao estado da Bahia e, principalmente, a baianidade que cresceu nessa cidade, apresenta-se por meio das experiências brancas, com temáticas e recortes diversos, mas que apagam completamente as experiências e leituras negras que marcam Salvador, as cidades do Recôncavo, como Cachoeira e Santo Amaro, e todo o interior do estado da Bahia. Segundo a P55, “na Coleção Cartas Bahianas, os autores participantes representam uma turma de escritores do cenário baiano, muitos reconhecidos em blogs e prêmios literários, que ganharam espaço para publicação editorial”.

Ainda em relação ao seu catálogo, a editora tem outras duas coleções: a Coleção Biblioteca Básica da Literatura Baiana e a Coleção A/C Brasil –

AutoConhecimento Brasil. A primeira traz em sua lista nomes como do poeta Castro Alves e do advogado Luís Gama, e ela guarda em sua descrição um pequeno manifesto: “Uma literatura precisa ser conhecida. Para ser conhecida deve ser editada”. E continua afirmando que tem como objetivo “promover o conhecimento de poetas e prosadores representativos da nossa história literária, além de registrar uma ética e estética literária, guardar registros relevantes sobre a história da Bahia e do Brasil”. A segunda, por fim, tem como objetivo “diminuir as lacunas editoriais nas áreas das ciências humanas e sociais, através de publicações consideradas como obras fundamentais para o conhecimento da formação do povo brasileiro”.

O trabalho editorial da P55 Edições, que também atua na produção de materiais editoriais para empresas privadas e órgãos e instituições da Administração Pública (como a Prefeitura de Salvador), mostra por meio do seu catálogo as contradições que a ideia de baianidade evoca. Fala-se muito desse viver em Salvador, de uma cidade mítica, e esconde quem a constrói e habita, a população negra, em prol da circulação dos pensamentos, angústias e desejos de elites muito mais intelectuais do que financeira — e numa cidade que não é do Sudeste isso tem muito significado. Manno Goés, um nome hoje atrelado a um discurso de extrema direita, aparece na Coleção Cartas Bahianas, da mesma forma que obras de Nina Rodrigues, responsável por divulgar ideias racistas de inferioridade negra, compõem a Coleção A/C Brasil, ao lado de outras que não necessariamente estão em direções opostas ao escrito por esse autor. O que fica, ao analisar esse catálogo que foca a cultura “baiana”, é uma imagem branca e burguesa, de circuitos intelectuais privilegiados, numa aproximação até curiosa de alguns títulos publicados pela Corrupio.

A recorrência de obras que remetam e se estruturam a partir de um discurso do “ser baiano” não é à toa. É impossível pensar numa cultura da Bahia sem considerar a constituição de uma baianidade ou identidade baiana, vendida e veiculada como jeje-nagô (a baianidade nagô) e negra, portanto. A situacionalidade do território baiano e de quase tudo que se produz e se produziu no estado passa pela sua formação histórica e pela presença majoritariamente negra. Seja por uma evocação à negritude ou à cultura afrodescendente e africana e, claro, à cultura da Bahia, em que tudo sobre o negro, por vezes sem o negro, prosperou. Carnaval, a própria “baianidade” e a música de modo amplo, especificamente de Salvador, essa “cidade colonial, secular, de largo passado escravista, maioria negra e densas e

múltiplas tradições culturais africanas” (Pinho, 2021, p. 62). Há um imaginário dentro dessa cultura baiana e soteropolitana organizada em torno do negro, que aparece como base e inspiração para a organização dessas editoras.

Em *O Mundo Negro: sócio-antropologia da reafrikanização em Salvador*, tese do pesquisador e crítico literário Osmundo Pinho, somos apresentados a uma discussão profunda sobre a construção dessas identidades na Bahia, mais especificamente em Salvador, colocando-a como um agente importante para a consolidação do processo de *reafrikanização*, que teve início após 1970, com o início do declínio da ditadura militar. Além disso, o autor mostra como a reafrikanização iniciada em Salvador foi projetada para todo o Brasil, como consequência direta do momento histórico da época. Para Pinho (2003), “identidades e culturas se autoelaboram [...], num jogo reflexivo e crítico, encharcado de determinações históricas, plenamente político e profundamente complexo”. O processo de reafrikanização é marcado pela história de essencialização do negro, mas também pela essencialização da cultura nacional, da Bahia, do conhecimento científico etc. Não deixa de apontar também como essas essencializações ocorreram e se consolidaram em um “teatro de operações das disputas por poder e hegemonia”.

É preciso dizer, nesse sentido, que o processo de reafrikanização se apresenta altamente complexo e contraditório, variado e múltiplo, tão múltiplo quanto são os diversos agentes sociais envolvidos ou abarcados pelo processo. Porta, nesse sentido, iniciativas críticas e contra-discursivas, assim como serve de nicho para estratégias altamente conservadoras e automistificadoras. A baianidade, como forma ideológica desenvolvida, se apresenta como uma construção discursiva que coabita o mesmo contexto da reafrikanização, bebe nas mesmas fontes, mas desenvolve uma coerência e identidade própria, fortemente associado ao mercado e à mística fundacional da Bahia como comunidade imaginada (Pinho, 2003, p. 167).

A elaboração do que seria a baianidade nasceu associada a um processo histórico de urbanização, industrialização e formação de novas classes no período posterior a redemocratização. Naquele momento, o discurso de uma sociedade unida por todas as pontas, do mais rico ao mais pobre, prosperou, consolidando aos poucos a ideia de que só a classe era um fator importante e de que todas as pessoas compartilhavam a mesma identidade cultural, e, portanto, histórica, o que obviamente não é verdade. Esse período em Salvador foi palco do nascimento de uma Salvador contemporânea e dos processos de transformação cultural, marcados por uma assimilação cultural “pacífica e harmônica” da cultura negra, de onde nasce essa

baianidade e o mercado editorial que ela ajuda a constituir. Em relação a isso, Pinho (2003, p. 173) afirma como a construção do discurso ideológico da baianidade começa, porém, esquecendo da natureza histórica da sociedade baiana: a escravidão.

Além disso, é a evocação do discurso ideológico da baianidade que garante a constituição de um mercado capaz de fornecer um pensamento único e integrado, como vemos na observação aos catálogos das editoras citadas anteriormente. Para isso, importa pouco quais as condições históricas viabilizaram essa Salvador e Bahia, que cedem elementos a baianidade representada. No sentido que conhecemos, a identidade baiana deve representar não as possibilidades do que ela é, já que subjetividades diferentes constroem identidades diferentes, mas o que a própria baianidade criou. Notadamente, uma Salvador festiva, turística, cordial, de pluralidade racial e, no ápice das contradições, lugar da miscigenação racial e da democracia racial.

A obsessão com identidade da cidade, em si mesma efeito das contradições que a estruturam, denuncia o desconforto de uma acomodação problemática entre a “vida social” e sua representação, precisamos de uma identidade que nos una, seja como um espelho, que seja “natural, profunda e evidente, merecendo ainda assim constantes revisões (Pinho, 2003, p. 173).

A editora Corrupio, por exemplo, é um grande exemplo de como o mercado editorial de Salvador nasce a partir dessa baianidade. A “editora de um autor só”, fundada para publicar a obra do fotógrafo e antropólogo Pierre Verger, focava na cultura afro-baiana, reflexo de sua própria origem “a partir da produção de um grupo de intelectuais e artistas interessados em uma discussão específica a respeito de Salvador e África”. Intelectuais e artistas, em geral, brancos. Não à toa, toda a obra de Verger é alvo de inúmeras críticas devido ao retrato racista e objetificante que fez da população negra no Brasil. Criada um pouco depois da Corrupio, a Caramurê Publicações, importante casa publicadora da cidade, também afirma seu compromisso com a produção local, pontuando sua atuação com quase 100% de autores baianos. Ademais, essa casa editorial também afirma o compromisso com o objeto-livro, o design das obras.

A Caramurê apesar de abraçar na descrição de sua política editorial o “baiano”, essa identidade criada longe dos arquivos históricos negros de Salvador, foi e é importante para a circulação de autorias negras, como a poeta e professora Lívia

Natália e a atriz e poeta Rita Santana, além de ter em seu espaço de livreria obras de casas editoriais parceiras. A Caramurê vende obras de editoras conterrâneas como a ParaLeLo 13S e a pinaúna editora, endossando práticas de fortalecimento do mercado editorial de Salvador, já que os pontos de circulação dessas obras aumentam. Não garante a venda, mas cresce a possibilidade de alcançar novos leitores em diferentes espaços. Inclusive, mesmo que não existam outras editoras parceiras listadas nessa dissertação presentes no site da Caramurê, a editora buscou trazer na TV Caramurê, seu canal do Youtube, sobretudo no ano de 2022, fóruns de discussão com autoras e autores de outras editoras, como Gonesa Gonçalves, que tem a obra *Cata-ventos* publicada pela Editora Segundo Selo.

No entanto, o denominador comum que vemos nesse bloco inicial de editoras é a constituição a partir de um discurso da baianidade, vendável, comercial, que tem origens a partir da constituição negra da cidade. Aqui, entendo que a conformação negra do mercado editorial de Salvador passa, inclusive, pela constituição ideológica do que é a baianidade, porque boa parte do que a forma nasce de uma disputa do que pode ou não ser usado (e, por isso mesmo, falamos de comodificação da identidade) entre o real e o imaginário de uma Salvador (e da Bahia) negra. Pinho aponta, por fim, que a baianidade “sustenta-se a partir de uma rede discursiva que embaralha ou confunde estratégias discursivas de diversas origens ou ordens”. Ademais, em relação à presença negra no mercado editorial de Salvador, formado, inicialmente, a partir dessas editoras, Hamilton Borges, fundador da Reaja Editora, afirma ao ser questionado sobre o mercado editorial da década de 1990:

Eu não sei dizer a você, nem por longe, nem por baixo, como era o mercado editorial. O mercado editorial não chegava a gente. Um simples debate do mercado editorial era completamente distante da nossa vida. O que estava perto da gente eram as bibliotecas, que o governo está fechando hoje. A Biblioteca da Liberdade, a Biblioteca Central que pegávamos livros (Hamilton Borges apud Maciel, 2022, p. 308).

3.4 OUTRO JEITO DE PENSAR O FAZER LITERÁRIO EM SALVADOR

Por outro lado, as editoras surgidas a partir de 2010, pinaúna editora, Organismo, editora Ogum's Toques Negros, ParaLeLo 13s, Reaja Editora, Segundo Selo, Editora Devires, Mojubá Editora, Mormaço, Editora Diálogos Insubmissos de Mulheres e Katuka, nascem, em geral, pensando como viabilizar dentro do mercado editorial 1) correntes de pensamento pouco privilegiadas nos espaços editoriais, a

partir de obras de autoria negra, feminina, periférica e de sexualidades dissidentes, e 2) um centro editorial, Salvador, fora do eixo Rio-São Paulo, com qualidade gráfica e boas possibilidades de publicação, incluindo acesso a estratégias de publicidade. Esse bloco de editoras compartilha também a característica da independência, assim como as do primeiro bloco; são editoras pequenas e independentes, que em Salvador compartilham problemas como escassez de gráficas e distribuição. Além disso, há o compartilhamento de outras dificuldades, como Jorge Augusto pontua (2022, p. 311):

Mas há outras dificuldades como o isolamento dessas editoras, traçado por um número imenso de ausências: a) ausência de uma rede das próprias editoras pequenas e negras que tentem compor projetos de circulação coletiva dos livros; b) ausência de editais governamentais destinados exclusivamente a essas editoras que movimentam a cena cultural local, como existe no sudeste há mais de década; c) ausência de comprometimento com a circulação dos livros de maneira geral, cada nicho, grupo editorial, ou coletivo normalmente divulga apenas suas próprias produções, asfixiando ainda mais as circulação das obras, como se estivessem num jogo competitivo entre as próprias editoras pequenas, negras e periféricas.

É o esforço para projetar a produção realizada em Salvador organiza a tônica dessas editoras. O que aparece nessas editoras formadas em novo momento histórico é uma organização em torno da própria produção editorial, pensando conteúdo, forma, relevância e diversidade de pensamento, essas editoras publicam não necessariamente obras que se mostram lucrativas. Ao observar os catálogos vemos que existem tentativas evidentes de publicar livros que focam a abertura de debates e a promoção de correntes de pensamento pouco prestigiadas nos circuitos acadêmicos, mas que, caso ganhem circulação relevante, podem mudar a própria compreensão de marcos historiográficos importantes dentro e fora da literatura.

É possível reconhecer ou intuir esse modo de organização sobretudo a partir do entendimento que compartilham em seus sites institucionais sobre o que são e sobre a relação delas com esse mercado, já que elas são fundadas considerando a posição que ocupam ante o mercado do eixo Rio-São Paulo/*mainstream*, além, claro, dessas editoras não necessariamente terem se constituído a partir de uma elite intelectual burguesa soteropolitana. É claro que algumas adentram espaços mais privilegiados que outras, e isso se deve, também, a posições dentro do campo literário, mesmo que não sejam as posições que ocupam os grandes conglomerados editoriais. Como Cidinha da Silva comentou, as editoras independentes em geral são

encabeçadas por pessoas brancas, e laços que se estabelecem com essa elite intelectual também abre portas, à medida que se preserva a estabilidade do campo literário.

A pinaúna editora, fundada pela produtora cultural e comunicóloga Carolina Dantas e pelo diagramador Lucas Kalil, nasceu justamente a partir do incômodo com a ideia de que só é possível fazer livro “no eixo sudeste-sul”, em editoras “gestadas por sobrenomes de famílias tradicionais – o que tem muito a ver com um lugar sociocultural que “é determinado” somente para alguns, que podem decidir o que é publicado e quem pode escrever no Brasil”. O catálogo da editora ainda é bastante enxuto, mas consegue trazer obras de interesse amplo: além das obras de poesia e prosa, encontramos livros fruto de pesquisa acadêmica, como *Na contramão do afeto: histórias e trajetórias afetivas de mulheres negras*, de Luana Souza e o *O Estado contemporâneo na América Latina: história e teoria política*, de Danilo Uzêda da Cruz, ambos pesquisadores da Ufba, além de livros que retomam mitos, lendas e territórios das religiões de matriz africana, como *Pedra de Xangô: Patrimônio Cultural?*, de Maria Alice Silva e de Walter Passos.

Das iniciativas editoriais identificadas nesse segundo bloco, cinco trazem em sua política editorial e/ou missão o compromisso com a diversidade literária, preconizando a publicação de obras de autoria negra com temáticas caras à Diáspora Africana, valorizando a nossa intelectualidade, são elas: Organismo, Segundo Selo, Ogum's Toques Negros, Katuka e Reaja, além de serem geridas por pessoas negras. No entanto, apesar da criação de tais empreendimentos terem como guia a necessidade de suprir um buraco na circulação dessas epistemologias dentro do mercado editorial, encontramos divergências ora mobilizadas por questões teóricas e posicionamentos políticos ora pela própria concepção do que é ou não “necessário” ser publicado, discutido e enfatizado dentro da conformação do mercado editorial de autoria negra. O pequeno, mas ainda múltiplo, grupo de iniciativas editoriais negras em Salvador tem projetos editoriais diferentes, que abarcam diferentes construções de identidades negras, mesmo que isso, por vezes, atrapalhe a solidificação do mercado editorial negro de Salvador, sobretudo no que diz respeito a circulação, lançamentos colaborativos etc.

A Organismo é uma editora “nascida e criada na Liberdade”, em Salvador, “maior bairro negro fora da África, na cidade mais negra do Brasil”, e é também uma

editora que surgiu buscando dialogar com as produções estéticas da Bahia e do Brasil, com grande preocupação com o objeto-livro em si, além, é claro, de funcionar como revista. De partida, na sua política editorial, afirma entender cada texto como teoria, seja ele um poema, um romance ou uma narrativa indígena, além de assumir como missão a promoção, divulgação e circulação de uma “produção teórica, crítica e literária que em seus aspectos ético-estéticos proponha a luta antirracista, a democracia e a diversidade como valores inegociáveis”. Além disso, ela se reivindica periférica e comprometida a contribuir com o cenário das literaturas contemporâneas brasileiras, no plural, a partir de “seus múltiplos diálogos: negros, homoafetivos, canônicos, sulistas, transgêneros e negro-feministas etc.” “A Organismo é responsável pelas publicações das edições da revista com nome homônimo e é a partir dela que nasce a Segundo Selo, sua irmã mais nova, e que tem publicado obras importantes em Salvador.

A Segundo Selo “se dedica tanto à publicação de literatura como de teoria e crítica de maneira geral, mas tendo como linha editorial de base a produção e circulação de trabalhos que tenham a democracia e a diversidade como princípios constitutivos. Dentre os livros editados pela Segundo Selo, temos autores como Osmundo Pinho, Frantz Fanon, Tatiana Nascimento e Cuti. Com noventa e cinco obras publicadas e disponíveis no site, chama à atenção a publicação de obras didáticas focadas na aquisição de duas línguas africanas, o Iorubá e o Kimbundu, um tipo de material que dificilmente seria publicado por editoras de maior porte, que investem apenas em obras com garantia de grande circulação, e esse é um traço do catálogo da Segundo Selo: a publicação de obras que vertem dos mais diversos modos sobre epistemologias que não circulam com facilidade e/ou tem boa recepção crítica por causa dos temas que carrega e das questões que tensiona. Se pensarmos a publicação de *Modernismo negro: literatura de Lima Barreto*, de Jorge Augusto, a ser lançada pela Segundo Selo, vamos encontrar uma discussão em que o autor propõe novos marcos e origem para o modernismo brasileiro e com questionamentos firmes à Semana de Arte Moderna de 1922, tão celebrada na literatura. Além disso, há também a publicação de trabalhos acadêmicos, frutos de pesquisa, que fortalecem uma rede intelectual negra em Salvador, sem deixar, é óbvio, de incluir artistas que não necessariamente vivem do trabalho de pesquisa ou docente, o que é muito comum em outras editoras, como a P55 e a Solisluna.

Temos também a Editora Ogum's Toques Negros que reivindica nascer da falta, uma falta ocasionada pelo funcionamento racista do mercado editorial e, por isso, publica prioritariamente a publicação de autores e autoras negras do Brasil e da diáspora africana. No site institucional, diz atuar para interditar o epistemicídio no mapa das letras, colocando em evidência obras de autoria negra, que tem sua existência comprovada nas obras de uma tradição negra formada por, dentre outros nomes, Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis e Cruz e Souza. Afirma, também, ser uma editora diaspórica: “a Ogum's não é somente uma editora baiana, nordestina, negra e brasileira. Somos inegavelmente diaspóricos”. A Ogum's, que completa em 2024 dez anos de existência, nasceu com a publicação *Coletânea Ogum's Toques Negros*, seu livro de estreia, que reuniu dezenove inúmeros poetas negras e negros, para compartilhar seus afetos e afetividades.

No entanto, apesar de sua relativa longevidade, a editora tem um catálogo bastante enxuto, com apenas vinte e dois títulos publicados. Muitos deles de professores universitários, como *O Arco e a Arkhé: ensaios sobre literatura e cultura*, citada nesta pesquisa, de autoria do professor Henrique Freitas, e *Pacto de Bocapui*, da professora Denise Carrascosa, ambos docentes da Ufba. Na verdade, quase a totalidade dos livros publicados pela editora são de agentes que passaram pela experiência universitária. O que nos leva a pensar como a classe média negra e a sua intelectualidade ainda são os principais porta-vozes das negritudes, mesmo que ela não necessariamente vivencie ou tenha vivenciado dilemas que sujeitas e sujeitos que não passaram pelo letramento acadêmico/universitário se deparam, há uma espécie de interdição. Isso também ajuda a trazer como a classe vai constituindo os projetos editoriais que são construídos ao longo do tempo.

A Reaja Editora, por sua vez, é fruto do movimento Reaja: reaja ou será morta reaja ou será morto, fundada a partir do desejo de Hamilton Borges de fazer circular as próprias produções literárias ou as produções de pessoas periféricas e faveladas. Ele conta que a editora surgiu a partir da necessidade de “contarmos a nossa história”. Além disso, a editora se organiza em torno da Livraria Eleyê, que funciona no Engenho Velho de Brotas e tem como responsáveis o próprio Hamilton, assim como Andréa Beatriz, Luís Carlos e Lígia Bittencourt. O trabalho editorial da Reaja está muito associado à militância do seu movimento de origem, as obras circulam a partir dos eventos organizados pela Reaja e a editora busca dar espaço para vozes que não

necessariamente estão associadas a um discurso fruto de uma formação ou militância acadêmica, fomentando um espaço em que diferentes experiências periféricas e negras podem se apresentar.

Essa é uma das vantagens de se ter mais de um projeto editorial que se propõe negro e, no caso da Reaja e da Ogum's, combativo. A chance de construir arquivos negros apartados de vivências exclusivamente universitárias é muito valorosa, porque é possível, por exemplo, ter várias perspectivas da periferia de Pernambués, bairro de Salvador. Todo bairro é periférico e, em sua maioria, negro, mas dependendo de onde se circule dentro do bairro os falares (e as escritas, conseqüentemente) mudam, porque os acessos que as pessoas alcançam vão mudando. O que se coloca na escrita então é outro jeito de ver e narrar os espaços, de sentir e pensar os amores, nos modos de sentir os lutos, nas referências musicais e estéticas e tudo isso reverbera nas literaturas produzidas e ao espaço que é dado a esses diferentes agentes, independentemente do campo. De modo geral, quanto mais periférico o sujeito menos portas de publicação ele tem, inclusive no mercado editorial de autoria negra, já que a leitura e avaliação das obras e originais parte de outra experiência estética.

Temos também a Editora Katuka, um projeto relativamente novo, de 2023, coordenado pela professora e pesquisadora Ana Rita Santiago. A Katuka nasce a partir da livraria Katuka Africanidades, já histórica no Pelourinho, no centro de Salvador. Velha conhecida da cidade, começou primeiro como selo editorial, em 2021, e só depois que veio a se intitular como editora. No site institucional, afirma o seu comprometimento em promover a diversidade de obras de autoria negra, de ficção ou não ficção, a partir das mais diversas experiências negras, além de estar aberta a publicações fruto de trabalhos acadêmicos que ecoem as epistemologias da intelectualidade negra. Com um catálogo ainda pequeno, a editora tem como interesses obras de literatura, adulta e infantojuvenil, prezando pela qualidade estética, num texto-fala-trajetória que lembra bastante a Segundo Selo. Em relação a Katuka, vale dizer também o quanto estar ligada a uma livraria é uma vantagem, pois ela mesma pode oferecer as suas obras um espaço de divulgação que não enfrenta desafios de concessão, como muitas das suas parceiras editoras enfrentam ao ceder livros para iniciativas do tipo.

Desse segundo bloco de editoras, ainda temos a ParaLeLo 13s, a editora Devires, a Mojubá Editora e a Mormaço. Dessas, é inegável a expressão da ParaLeLo 13s, que estreou no mercado editorial como selo da livraria Boto cor-de-rosa, com a publicação de *Tipografia Oceânica*, de Sarah Rebecca Kersley, fundadora do selo editorial e da livraria, *Pensamentos Supérfluos: Coisas que Desaprendi com o Mundo*, de Evanilton Gonçalves e, por fim, *Contos Ordinários de Melancolia*, de Luciany Aparecida, usando a assinatura estética de Ruth Ducaso. Focado na literatura contemporânea, o selo edita poesia, contos, crônicas, novela, romance, literatura infantil e ensaios críticos. Em entrevista ao jornal Correio da Bahia,²⁶ em 2017, ano de lançamento do selo, Sarah Rebecca Kersley afirmou ter se inspirado em livrarias diferentes das megastores, que conseguem dialogar e interligar a comunidade local e a literatura. Na matéria do Correio, há ainda a afirmação de que a livraria “destina-se à venda de livros com menos potencial de mercado que os bestsellers”. Dentre os autores da editora, temos nomes como Louise Queiroz, Evanilton Gonçalves, Letícia Carvalho, Luciany Aparecida, Alex Simões, Jorge Augusto e Amanda Julieta, todos nomes conhecidos da cena contemporânea de Salvador e que protagonizam um catálogo que tem como interesse obras contemporâneas de ficção, poesia, novela, romances, ensaios críticos, contos e literatura para as infâncias.

A ParaLeLo, embora situada em Salvador e que não necessariamente tenha grandes tiragens ou reimpressões, consegue ter maior circulação fora de Salvador, provavelmente pelos trânsitos estabelecidos por Sarah Rebecca e Milena Britto. Em livrarias de São Paulo, como a Travessa, a Livraria da Vila e a Megafauna (na sede e na filial), é possível encontrar títulos da editora, o que, infelizmente, ainda é raro para editoras como a Reaja, a Segundo Selo e a Ogum's. Isso não significa que as obras das outras editoras não circulem fora de Salvador; ao contrário, os espaços e as circunstâncias de socialização podem mudar conforme os projetos editoriais que preconizam e das trajetórias de seus agentes.

A Editora Devires, por sua vez, elenca em seu site institucional os objetivos de sua criação. Dentre eles, a inclusão no mercado editorial de sujeitos objetificados e subalternizados, em situação de desvantagem social, além do interesse em publicar

²⁶ MIDDLEJ, Roberto. **Novo selo editorial baiano lança três livros neste sábado**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/entretenimento/vida/novo-selo-editorial-baiano-lanca-tres-livros-neste-sabado-0317>. Acesso em: 20 jun. 2024.

obras de interesse social e político. Tudo isso atuando no campo de publicações literárias e acadêmicas do campo das sexualidades, gêneros, raças e classes em diálogo com diferentes abordagens epistemológicas como estudos queer e pós-coloniais. Com o catálogo mais vasto de todas as iniciativas editoriais identificadas neste trabalho, com cento e vinte cinco obras apenas no site, a editora mostra-se comprometida sobretudo com questões de sexualidade e gênero em suas publicações. A recorrência de obras que discutem diversas searas das experiências queer, privilegiando em títulos e capas a normalização de expressões que estão no nosso imaginário e rotina, colocando lado a lado, temáticas caras as populações minorizadas, discutindo saúde, arte, direito, filosofia etc. É um espaço que me parece seguro para esses debates por ser constante, longo e diverso em suas abordagens.

A Mojubá Editora, assim como a Mormaço e a Editora Diálogos Insubmissos de Mulheres são editoras mais novas, nascidas numa onda de movimentação do mercado editorial e que ainda estão se consolidando no mercado editorial de Salvador. A Mojubá Editora, criada pelo jornalista Ricardo Ishmael e pelo ilustrador Heitor Neto, provavelmente influenciada pelo movimento de/do mercado pós-assassinato de George Floyd, afirma ter nascido em um contexto de transformações políticas e culturais e, por isso, busca publicar “autores e autoras independentes sem condições de acessar o mercado editorial”, privilegiando a arte, a cultura e o conhecimento. A editora não diz – e nem as publicações realizadas até aqui nos permitem interpretar – o que caracteriza a falta (ou a presença) dessas condições.

A Mormaço, sucinta, diz em sua página institucional ser uma “microeditora independente baiana”, focada em publicar literatura contemporânea brasileira, “em que possamos reconhecer nosso país na forma de pensar, sentir e narrar”, trazendo mais uma vez para o centro a ideia de baianidade e o pertencimento a determinada Bahia que ela evoca. Com um catálogo formado, em geral, por obras de poesia, a editora é cuidadosa na identidade visual e conceitual que está criando para a editora e seu site.

Por fim, mas não menos importante, temos a Editora Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras, que nasceu a partir da plataforma literária Diálogos Insubmissos de Mulheres, coordenada pela professora e escritora Dayse Sacramento e Técia Santos, voltada à divulgação e fortalecimento da literatura negra de mulheres. A editora, então, surge para realizar a publicação de obras negras e insubmissas. Em

publicação do Instagram, a editora declara a preocupação com “a descentralização da produção de conhecimento e busca intervir na geopolítica da circulação de conhecimento, ao mesmo tempo que deseja fomentar a circulação de obras negras nos diversos campos”. Assim como a Reaja, a Diálogos não tem um site próprio para comercialização de suas obras, o que dificulta não só o mapeamento de suas obras, mas também o reconhecimento das e dos profissionais que fazem os livros da casa.

Apesar de ter também as suas contradições, vejo que esse bloco de editoras se afasta bastante de uma ideia de baianidade ou identidade baiana. A ideia de falta e descentralização da produção literária me parece a motivadora para o início dessas iniciativas editoriais, atuando, sobretudo, numa crítica à hegemonia de controle do mercado editorial *mainstream* situada no eixo Rio-São Paulo. Digo e as vejo condicionadas pelo contexto histórico não só por reconhecerem a concentração de mercado e uma organização em torno da publicação de bestsellers das grandes editoras e conglomerados editoriais do Sudeste, mas também por nascerem em um momento em que o eco das políticas públicas do governo Lula e Dilma, do Partido dos Trabalhadores, ainda se escuta. Além disso, existe um esforço muito significativo em se aproximar de uma edição que atue “como um agenciamento de vozes sociais condicionado por conjunções históricas” (Muniz Jr., 2010, p.7), mesmo que consigamos também identificar níveis de mediação da classe, enquanto categoria econômica, social e política, na escolha dessas vozes.

Na contemporaneidade, outro valor parece ter cada vez mais frequentado esses metadiscursos: a independência — e sua irmã mais legítima, a diversidade. Isso está certamente relacionado ao fenômeno da concentração editorial, que tem se intensificado no mundo todo e na América Latina em particular (Muniz Jr., 2010, p. 8).

Ademais, muitas das editoras e dos seus criadores parecem ter acessado às universidades públicas com um movimento negro fortificado e maior, movimentado inicialmente pelas discussões em torno da promulgação das políticas afirmativas de cotas, assim como a aprovação das políticas afirmativas nas universidades federais e, talvez, em um suspiro de uma organização do pensamento socialista e de centralização do pensamento convergente. Ao mesmo tempo em que se identifica projetos editoriais que ecoem com mais clareza tendências dos estudos culturais, como a ParaLeLo 13s e a Devires.

As editoras que nascem a partir de 2010 estão situadas em um momento em que as discussões e os efeitos da oligopolização do mercado têm definido os caminhos que as iniciativas independentes e menores devem tomar (ou tomam) para garantir e atuar contra uma hegemonia da produção e edição do conhecimento teórico, literário, político e cultural. Em Salvador, essas transformações, que acompanham a História, se contam muito a partir de uma conformação negra, seja 1) nas raízes, sem dúvida violentas, que dão base para o discurso ideológico da baianidade, e 2) por uma nova forma de pensar o mercado editorial que reproduz uma ética negra ou o reconhecimento da falta negra, sobretudo nessa “Salvador contemporânea”.

Inclusive, pensar a reprodução de uma ética negra passa por dar as devidas proporções aos agentes que ainda constroem e dão cara ao mercado. Quem edita os textos, quem escolhe o que será traduzido, quem revisa os textos e quem os ilustra também refletem a construção da diversidade e da bibliodiversidade. Embora reconheça que boa parte das editoras de Salvador ainda permaneçam geridas por pessoas brancas, vejo com mais relevância a valorização de uma organização negra do mercado editorial, que caracteriza a existência do mercado da cidade, em detrimento de uma leitura, por parte dessas iniciativas, a partir de qualquer característica essencializante, mas que também abarca os conflitos e contradições próprias de uma diversidade editorial negra.

Em tempos de “livros feitos para serem best-sellers [...], vendidos por uma pechincha, descartados depressa: a mercadoria perfeita para o capitalismo em crescimento” (Le Guin, 2020, p. 258) e, claro, de comodificação de obras e identidades negras, o mercado editorial de Salvador em sua conformação negra tem uma disputa de projetos editoriais e literários muito evidentes e saudável, que não só causam tensionamentos no território de análise, mas pela eloquência e circulação intelectual das pessoas que ou gerenciam e pensam ou escrevem, gerenciam e pensar esse mercado possibilitam.

A lógica do bestseller em nenhuma dessas editoras é a máxima. Ao contrário, é possível e comum encontrar autores que publicam em mais de uma das casas, como Livia Natália, que publicou na Caramurê e está para publicar na Segundo Selo, ou mesmo Kátia Borges, que embora não seja uma autoria negra é de Salvador e já publicou pela Segundo Selo, pela P55 Edições, pela Caramurê e pela ParaLeLo 13s,

ambas caracterizando trânsitos entre projetos que disputam Salvador e a expansão dos projetos editoriais e literários feitos em Salvador, que guardam em todos a característica da independência.

4 IDENTIDADE E NEGRITUDE COMO CENTRO DE VALOR

O poeta e performer Alex Simões, ao ser questionado sobre a própria compreensão em relação à sua “poesia como instrumento político”, em entrevista ao jornalista e escritor Marcus Vinicius Rodrigues para a série Palavra&Ponto, da Academia Baiana de Letras em parceria com a editora Caramurê, afirma que é uma escolha não fazer e não ver a sua poesia dessa forma, isto é, como um instrumento feito para alertar ou denunciar algo em específico: “não tenho competência para fazer panfleto”. Para ele,

as questões políticas que me atravessam, ser gay, ser preto, ser de um bairro de periferia, estar em um contexto contemporâneo, estar num país que é racista, machista, sendo uma subjetividade que está atravessada por todas essas questões, inevitavelmente aparecem no que eu escrevo, como inevitavelmente vai aparecer em pessoas que têm outros traços. Agora alguns de nós temos menos opção de não pensar sobre isso; não é que não apareça [...] tem uma literatura branca, tem uma literatura de classe média, tem uma literatura masculina, heterossexual, que aparece, e é assim (Simões, 2022).

Essa fala surge depois de um longo diálogo sobre a obra do poeta,²⁷ pensando, sobretudo, a estética de sua obra, com ênfase para a construção dos poemas a partir de formas livres e fixas (sonetos), organizados ou não em torno de uma “reivindicação” e/ou pauta coletiva. Em determinado momento, o entrevistador o questiona se há algo de pessoal, de íntimo, em sua poesia, como se a escrita do performer pudesse existir apenas para agenciar ou atuar em função de um eu coletivo. Embora a maior parte da entrevista esteja dedicada à discussão da prática poética altamente refletida e retrabalhada do performer, espera-se (ou subentende-se) que a sua subjetividade, a intimidade, seja colocada de escanteio em prol de uma identidade específica, da sua negritude ou de sua sexualidade.

Existe aí uma expectativa de que um homem negro, gay, de um bairro periférico e em um contexto contemporâneo (em que se há, ao menos no texto ou na teoria, espaço para a sua subjetividade), escreva a partir de determinada cartilha, seja para o panfleto, seja para esse coletivo, como se não houvesse um discurso próprio que

²⁷ Até aqui, a obra de Alex Simões inclui os livros *minha Bahia tem ladeiras* (Caramurê, 2022), *assim na terra como no selfie* (Paralelo 13s, 2021), *no meu corpo o canto: #experimentoscomletrasurbanas* (Tanto, 2020) e *trans formas são* (Organismo, 2018), além de *quarenta e um sonetos catados* (Domínio Público, 2013) e a reedição *contrassonetos* (Mondrongo, 2015).

invariavelmente está implicado na escrita. O poema “seja preta assim”,²⁸ da tradutora e poeta brasileira tatiana nascimento (2021), fala um pouco da demanda de uma exterioridade (o mercado editorial *mainstream*, mas também a recepção crítica) para que as identidades que compõem uma pessoa – mas não a colocam em um lugar fixo – definam e ditem a forma como ela deve escrever e pensar literatura:

escreva simples
(senão é acadêmica, escreve quem branco)

escreva raiva
(senão não é preta, desde quando preto tem tranquilidade?)

escreva dor
(vai dizer que preto tem felicidade?)

escreva sexo
(muito, muito sexo: "mulata pra fuder")

escreva hetero
("ê lá em casa", "chupava até o carço", "que tal eu aí no meio das duas?")

escreva solidão
(a solidão da mulher preta)

escreva nunca denigo, nem
nunca dúvida, nem nunca
devaneio, nunca seja
complexa,
[...]

aí os brancos
que já não sabem
te ouvir nem te
enxergar
fora das lentes
coloniais
vão reafirmar
que você não existe
a não ser como o racismo
tem te feito
[...]

A expectativa dominante do que deve aparecer numa obra de autoria negra existe, dentro das discussões sobre literatura, inclusive para impedir o avanço de discussões relacionadas à estética da própria obra de um autor ou autora. Ora, se existe, por exemplo, um cuidado com a forma, com a intertextualidade e com diálogos contemporâneos em um poema, pensando na obra de Alex Simões, por exemplo, parece que em alguma instância esse cuidado e essa intenção, própria do fazer

²⁸ O poema “seja preta assim” foi publicado em 6 de janeiro de 2021, na rede social Instagram. Para ler, acesse: NASCIMENTO, tatiana. Seja preta assim. **Instagram**. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CJtp_9pnZal/?igsh=YnV3NnpiMXQxOHhk. Acesso em: 21 nov. 2024.

poético, deve ser flexibilizada em prol de uma discussão específica, particular, politicamente determinada, que pode colocar as experiências do autor perto de um essencialismo, como o “seja preta assim” também mostra. Tudo isso em detrimento da discussão do seu texto e fazer literário. Afinal, expectativas precisam atender a um modelo específico, reduzindo o texto ou uma obra a uma coisa só, reproduzindo a ideia de asfixia da literatura que aparece na fala de Miriam Alves.

Ao mesmo tempo, tanto a fala de Simões quanto o poema de Tatiana Nascimento reverberam um cuidado existente com a questão da identidade. Isto é, como ela deve ser abordada e compreendida quando feita por sujeitos alvos de racialização, sobretudo aqueles que se deparam constantemente com domínios de representação que buscam reiterar o “lugar do negro” ou “a fala e a consciência negras”. Para bell hooks (2019b, 63-64), “a identidade é evocada como uma etapa de um processo por meio do qual se constrói uma subjetividade negra radical”. Nesse sentido, entendo que para escrever, ao menos fora das expectativas de um mercado editorial *mainstream*, marcadamente capitalista, é preciso conhecer as identidades que nos marcam para que possamos ser, existir, narrar de maneira plena, insistindo em reivindicar multiplicidades, apesar de “respostas colonizadoras para estabelecer nossa legitimidade” (hooks, 2019b, p. 68).

Isso, é claro, não existe no vácuo. Por onde quer que se vá dentro dos estudos culturais, quaisquer discussões sobre a produção cultural de pessoas alvo de racialização, negras ou não, adentram o debate de assimilação, incorporação e alteração pelo capital. Em *Pensamento feminista negro*, Patricia Hill Collins faz uma análise detida sobre sistema de opressões, buscando compreender e descrever como ele funciona, ao mesmo tempo em que esmiuça sua dinâmica com relação às questões de raça, classe, gênero e sexualidade. No seu trabalho, há o entendimento geral de que as dimensões política, econômica e ideológica definem os mecanismos (padrões) de supressão do pensamento intelectual de feministas negras, fornecendo então desafios que direcionam e acabam por caracterizar esse modo de atuação e articulação. Como são as mulheres negras as principais afetadas por esses mecanismos, são elas também que desenvolvem abordagens epistemológicas que conseguem abarcar todas as especificidades desse sistema de opressões.

Nesse sentido, quando pensamos o mercado editorial, esteja ele associado ou não a uma autoria negra, somos levadas a centralizar as perspectivas das políticas

identitárias e culturais, já que elas compõem o funcionamento do capitalismo enquanto sistema econômico, e, é claro, da sua manifestação na arte, um dos seus núcleos de sustentação. Collins, a partir da perspectiva de identidade, entende que a

Opressão é um termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade. Raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia, entre outras, continuam as principais formas de opressão nos Estados Unidos (Collins, 2019, p. 33).

Caracterizar conceitualmente o que se entende por opressão faz com que busquemos compreender o que possibilita sua existência. A escravidão e as imagens produzidas pela escravidão aparecem então como espaço de convergência das diversas formas de opressão, sobretudo de raça e classe. Quando Pinho (2003) fala que a origem da sociedade baiana é a escravidão, podemos entender que tudo que surge a partir dela ecoa todas as características do sistema escravocrata, sejam elas econômicas, políticas, jurídicas, pedagógicas, mas também estéticas e culturais, negando qualquer construção discursiva que informe que qualquer nova produção artística seja, em sua forma ou conteúdo, “natural”, genuína ou isenta dessa marca.

Na Coleção Anêmona, publicada pela editora Paralelo13s, por exemplo, a cidade de Salvador é descrita de várias maneiras por escritores diferentes. Em *pensamentos supérfluos: coisas que desaprendi com o mundo*, um dos livros que compõe a coleção, o poeta Evanilton Gonçalves faz de alguma forma um *road book*, um livro de estrada, de andanças. Os pensamentos supérfluos que aparecem em pequenas epifanias, crônicas, enumerando as pequenas anotações de um eu poético, lírico e prosador, desenham uma Salvador que em vez de ter como pano de fundo o centro da cidade, o Pelourinho ou a Praça Castro Alves, mostra a BR-324 e a passarela de pedestres de Campinas de Pirajá, um bairro periférico e afastado do centro. Para o que se evoca de Salvador no imaginário coletivo literário, muitas vezes construído em torno da ideia de democracia racial, encapsulado dentro da baianidade nagô,²⁹ não é essa a Salvador que aparece, não é essa, portanto, a imagem genuína, a memória acionada.

²⁹ Salvador acolhe e reflete de modo mais marcante a ideia de “baianidade nagô” por ser a capital do estado, mas também vemos essa imagem a partir das narrativas que cercam as cidades do Recôncavo Baiano, como Cachoeira e Santo Amaro.

Gonzalez (2020) nos ajuda a pensar nisso trazendo a oposição entre consciência e memória. Para ela, a consciência é o espaço do esquecimento e do descobrimento e, portanto, é onde o discurso dominante se assenta. É a consciência que reivindica não uma (possibilidades), mas a verdade (única). É nela em que tudo aparece como novo e novidade, no sentido de causar excitação e curiosidade. Por outro lado, a memória é o espaço do “não saber que conhece”, onde verdades emergem e se circunscrevem, estruturando a ficção. Ou seja, a consciência afirma o natural, o a-histórico, a inexistência do arquivo, enquanto a memória resgata esquecimentos, sobretudo via narração de experiências, criação e reconhecimento de arquivos.

Assim, o esquecimento (a consciência) da escravidão forjada no discurso dominante sustenta a existência e o refinamento das opressões. Aqui, a disputa da narração de uma ou mais Salvador nos ajuda a reconhecer como uma imagem é visibilizada em detrimento de outra. A expectativa de que a escrita de autoria negra traga uma cartografia específica, seja de Salvador, como nas crônicas de Evanilton Gonçalves, seja de uma poesia com agência coletiva, como no caso de Alex Simões, escancara como o jogo de identidades pode ser operado. Ao narrar o dilema urbano de Salvador, Gonçalves insere na memória, rasurando toda uma dinâmica de esquecimento, a cidade que é a mais negra fora da África, que tem em sua base uma sociedade escravocrata e que é organizada em torno de um centro, para o qual aquele eu lírico constantemente se desloca, mostrando que existe uma periferia, essa periferia que é criada de modo concreto e abstrato dentro e fora da ficção.

Nesse sentido, se pensarmos que tanto para Collins quanto para Gonzalez isso engloba dimensões interdependentes das opressões mapeadas pelo pensamento feminista negro, seja a partir da exploração do trabalho, da criação de imagens de controle,³⁰ da dimensão política dessas opressões (negação de direitos, inclusive o direito à literatura) e do estabelecimento de um modelo do que é ser negro, também veremos a perspectiva de uma integração racial e a consolidação de um discurso ideológico.

³⁰ Segundo Collins (2019), as imagens de controle surgiram “na era da escravidão e ainda hoje [são] aplicadas às mulheres negras atestam a dimensão ideológica da opressão das estadunidenses negras”. Para ela, desafiar as imagens de controle é uma das tarefas do pensamento feminista negro enquanto teoria social crítica.

4.1 O DISCURSO IDEOLÓGICO E A COMODIFICAÇÃO

A crítica marxista entende que ele nasce no funcionamento da base e da superestrutura. A base (infraestrutura) seria a estrutura econômica da sociedade, a própria relação entre burguesia (donos dos meios de produção) e proletariado (que vende a força de trabalho); a superestrutura, por sua vez, é ainda mais ampla, ela surge da base e abarca a consciência (a mesma citada por Lélia Gonzalez) religiosa, cultural, ética e estética. Para Marx, a arte faz parte da superestrutura.

A ideologia se insere nessa dinâmica, dentro da superestrutura, para legitimar o poder dos donos dos meios de produção por meio da criação de um imaginário social que ratifica uma ideia de que existe um lugar social, político, artístico etc. para pessoas alvo de racialização, principalmente negras. De acordo com Almeida (2018, p. 51), a ideologia “não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com estas relações concretas”. Essas relações concretas se estabeleceram a partir da escravidão, então são com seus ideais de subalternização, desumanização e exploração física e psíquica com os quais nos relacionamos, construímos e apreendemos imagens.

Talvez pareça que esses conceitos mais “conservadores” (ou apenas estáveis) não são necessários à discussão, no entanto, firmados há muito tempo na sociologia e na crítica marxista, os conceitos de opressão, infraestrutura (base), superestrutura e ideologia se inserem dentro de uma perspectiva crítica que uma tradição radical negra compreende como capitalismo racial. Nessa via de pensamento, o sistema capitalista já nasce racializado, com os corpos a serem explorados, desumanizados e forçados a se tornarem mãos de obra definidos. Nesse entendimento, pessoas negras correspondem de modo indelével ao proletariado, aqueles que “vendem” (ou são forçados a) a força de trabalho e são assujeitados a todo e qualquer tipo de exploração. Essa discussão, embora tenha se reavivado com os pesquisadores da decolonialidade, vem sendo articulada por uma intelectualidade negra desde o início do século XX.

Nomes como W.E.B Du Bois, Oliver Cox, C.L.R James e o próprio autor Richard Wright engrossaram o caldo dessa ideia, discutindo a relação entre escravidão e capitalismo, o papel na história e a formação das classes médias negras, trabalho, escravidão e capitalismo, o racismo presente no feudalismo, assim como rebeliões e epistemologias negras em circulação, tudo isso fazendo um longo e complexo resgate

histórico de como a raça e o racismo foram a base do surgimento e do estabelecimento da modernidade, enfatizando, claro, a resposta de pessoas negras contra esse surgimento. Que, nesse caso, coincidia com a luta contra o capitalismo, esse sistema que tem a raça como organizadora e mantenedora da sua existência, mas, antes de tudo, contra o colonialismo.³¹ Para Cedric J. Robinson, por exemplo, que publicou em 1983 a primeira edição do *Marxismo negro: a criação da tradição radical negra*, publicado no Brasil apenas em 2023, é evidente a falha do marxismo em compreender o caráter racial do capitalismo. Mais do que isso, é falho ao analisar como a modernidade só aprofundou um senso de diferenciação baseado na hierarquia racial já existente na Europa. Para ele, o capitalismo racial foi a evolução de processos de assujeitamento, exploração e colonialismo que já existiam nos Estados-nação europeus.

No entanto, tanto a análise de Robinson quanto a de outros intelectuais que compõem essa tradição radical negra inicial centralizam as discussões a partir da Europa e dos Estados Unidos, muito embora no seu esforço histórico exista certo mapeamento das iniciativas negras do que entendemos hoje como Sul Global, identificando movimentos nos países de África e da América do Sul, Brasil incluso. Não necessariamente como “melhoria”, amplificação ou refinamento, mas talvez apenas como eco, as discussões sobre decolonialidade e colonialidade (ser, saber e poder) partem da compreensão de que a modernidade inaugurou de modo mais latente a racialização.

Aqui, portanto, identificamos o cerne do que é essa decolonialidade, onde há um esforço para compreender onde nasce, o que foi, como funciona, quais são as consequências e reverberações da modernidade, sublinhando como a colonialidade, essa “lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais”, segue em curso. Além, claro, de se impor como um projeto acadêmico e político-ativista que visa desnudar e superar a colonialidade e os projetos colonialistas ainda existentes no capitalismo. Inclusive, são os mecanismos da colonialidade que aprofundam pensamentos que sustentam e sofisticam projetos de subalternização e desumanização.

³¹ Aqui compreendemos colonialismo a partir da definição organizada por Maldonado-Torres, em que ele afirma que o colonialismo moderno “pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”. (2018, p. 41)

Tudo isso para dizer que dentro de um capitalismo racial em que opera a colonialidade do ser, do saber e do poder, a perspectiva do que são opressões e o próprio modo de expropriação e exploração do trabalho (antes via, principalmente, escravização), assim como a desumanização e a negação histórica, política e cultural da ação e produção intelectual, política e artística negros, se atualiza, informando a necessidade do capitalismo racial de produzir subalternos, subalternidades e esquecimentos. A produção artística de autoria negra, portanto, quando não compreende esses sistemas de opressão convive com eles e, ao reivindicar o fim das opressões e desse capitalismo racial, pela produção criativa, ela pode gerar esquecimentos e memórias (arquivos).

Em *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*, bell hooks fala como compreender as diferentes perspectivas epistemológicas e críticas dos processos de colonização é importante para que consigamos vislumbrar diferentes soluções para a descolonização, mas também para dar vazão a uma produção acadêmica e crítica negras que cresce cada vez mais. Além disso, a crítica cultural e teórica negra pode ser vista também como ferramenta para superar quaisquer ideais de libertação que passem somente pela emulação de comportamentos ou discursos vinculados à identidade. Se retomarmos outra vez a fala de Alex Simões, vemos que fazer o que ele chama de “panfleto” não significa que ele não compreenda o lugar da discussão da identidade ou, pior, tenha a pretensão de não ser marcado como negro ou queer. Ao contrário, a fala ecoa outra afirmação de bell hooks (2019b, 61): “A negritude não significa que nossa posição é inerentemente opositiva. Nossas obras criativas são moldadas por um mercado que reflete valores e preocupações supremacistas”. Isto é, reafirmar, endossar, reivindicar constantemente o “ser negro” não significa automaticamente ter um fazer literário libertário.

A fricção entre esquecimento e memória dentro da literatura de autoria negra, inserida dentro da lógica do mercado editorial *mainstream* seja ele local, regional, nacional, conversa com a construção do que é uma negritude palatável e do que é uma literatura de autoria negra comercializável, commodificada. O que ela tem e o que ela precisa ter? O que ela guarda que agrada ao mercado? Em janeiro de 2016, o poema “Quadrilha”, da pesquisadora, poeta e professora Lívia Natália, publicado em um outdoor na cidade de Itabuna, no sul do estado da Bahia, foi retirado depois de receber críticas da Polícia Militar do estado. Segundo a Aspra (Associação dos

Policiais e Bombeiros Militares e seus Familiares do Estado da Bahia), o poema incitava a discriminação e o preconceito contra policiais. O poema:

Maria não amava João.
Apenas idolatrava seus pés escuros.
Quando João morreu,
assassinado pela PM,
Maria guardou todos os seus sapatos.³²

Para além do efeito de sentido causado pela intertextualidade com o poema homônimo “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade e para além do amor que Maria veio a descobrir por João quando ele foi assassinado, expresso no ato de guardar os sapatos do homem que amava, o poema, apesar de não tematizar, traz o infeliz cotidiano da violência policial nas capitais, em particular a baiana, uma das mais letais do Brasil, segundo o relatório do ano de 2023 do Instituto Fogo Cruzado.³³ Ao lembrar do arquivo de truculência da polícia, braço de “segurança” do Estado, o poema desorganiza uma lógica de silêncios na qual se espera que a produção literária de autoria negra opere. Na verdade, de que a produção literária de uma autoria negra “palatável” opere, já que a reação ao poema da autora surgiu em meio a um crescimento da visibilidade de produções literárias negras.

Nesse episódio, suscitar o diálogo com um texto clássico da Literatura Brasileira não foi suficiente para que o poema permanecesse exposto na cidade de Itabuna, assim como também não foi suficiente para que ele fosse lido e trabalhado pela sua forma estética que, dentre outras coisas, guardava a possibilidade de interpretações políticas, um meio de acessar a realidade, buscando transformá-la. Nesse recorte da produção da poeta Livia Natália, lembrar por meio do fazer literário que existem sistemas de opressões em funcionamento não corresponde ao que se é esperado de uma literatura de autoria negra dentro do capitalismo.

Por esse caminho, vale lembrar também que o entendimento do que são as opressões ou os sistemas de opressões, principalmente no pensamento de Patricia Hill Collins, ecoa a Declaração Feminista Negra [The Combahee River Statement] do Coletivo Combahee River publicada pela primeira vez em 1977. À época, aquela

³² ALMIRANTE, Juliana. Escritora diz ter sofrido 'censura' em poema sobre morte de negro pela PM. **G1**, Bahia, 21 jun. 2016.

³³ Para saber mais, acesse: <https://s3.us-east-2.amazonaws.com/br.com.fogocruzado/bc25c4ef-d0bf-405b-b77e-86f96d7620c9>.

reunião de feministas negras lésbicas socialistas impulsionou o debate sobre a interseccionalidade das opressões, sobretudo de raça e gênero dentro dos movimentos sociais, chamando atenção para o caráter econômico e político das opressões, ideologicamente direcionadas e situadas.

Compreendemos que a libertação de todos os povos oprimidos necessita da destruição dos sistemas político-econômicos do capitalismo e imperialismo, assim como do patriarcado. Somos socialistas porque acreditamos que o trabalho deve ser organizado para o benefício coletivo daqueles que o fazem o trabalho e a criação dos produtos, e não para o lucro dos patrões. Os recursos materiais devem ser distribuídos igualmente entre aqueles que criam esses recursos. Não estamos convencidas, no entanto, de que uma revolução socialista que não seja também uma revolução feminista e antirracista possa garantir a nossa libertação. Chegamos à necessidade de desenvolver uma compreensão das relações de classe que levam em conta a posição de classe específica das mulheres negras que estão geralmente na margem da força de trabalho, enquanto neste momento específico algumas de nós somos temporariamente vistas como tokens duplamente desejáveis por níveis do mercado de trabalho e por profissionais de colarinho branco (2017, p. 19, tradução nossa).³⁴

Nesse e em outros trechos da declaração, vemos que ao mesmo tempo em que aborda as diferentes opressões que afetam as mulheres negras, ela destaca a reivindicação por humanidade e o entendimento de que os ideais de raça e racismo estão enraizados na estrutura econômica, e não especificamente, de maneira isolada, na cultura, na política ou no mercado de trabalho. Para elas, a revolução socialista (entendida aqui como a superação do capitalismo) significa automaticamente lidar com as questões de raça e classe, porque são essas opressões que sustentam a reprodução desse sistema econômico. A declaração indica o quanto as ideias atreladas à conceituação e operacionalização de raça, gênero e classe, por óbvio, são fruto do capitalismo. Isto é, são produzidas por ele. A raça, e o que é ser uma pessoa “negra”, o gênero, e o que é ser “mulher” ou “homem”, a classe, e o que é ser “rico” ou “pobre”, e assim por diante, são construções concretas que devem ser encaradas

³⁴We realize that the liberation of all oppressed peoples necessitates the destruction of the political-economic systems of capitalism and imperialism as well as patriarchy. We are socialists because we believe that work must be organized for the collective benefit of those who do the work and create the products, and not for the profit of the bosses. Material resources must be equally distributed among those who create these resources. We are not convinced, however, that a socialist revolution that is not also a feminist and anti-racist revolution will guarantee our liberation. We have arrived at the necessity for developing an understanding of class relationships that takes into account the specific class position of Black women who are generally marginal in the labor force, while at this particular time some of us are temporarily viewed as doubly desirable tokens at white-collar and professional levels (Combahee, 2017, p. 19).

para a sua superação, isto é, para que o desmantelamento de sistemas de assujeitamento financeiro, social e psíquico seja possível.

Embora seja óbvio, é preciso dizer que a declaração do Coletivo Combahee River fez um convite a um mergulho nos pormenores da raça e do gênero enquanto categorias, olhando principalmente para a experiência de mulheres negras. Para elas, entender *como* as suas opressões eram reproduzidas e *o que* a existência delas buscava interditar significava uma chance de articular a atuação engajada de mulheres negras e identificar seus efeitos. Isso é importante também porque o trabalho das feministas negras nunca se voltou apenas para a questão da raça e gênero, juntas ou separadamente. Primeiro, por compreenderem que não existia uma hierarquia de opressão, então todas as categorias atuavam juntamente; segundo, por entenderem a importância da luta por terra, pelo fim das prisões e pela conquista ampla de direitos.

Além disso, a declaração fala de como o sistema capitalista produz discursos ideológicos em que as pessoas alvo de racialização podem ser “cooptadas” ou servirem de token para grupos dominantes. Aqui, podemos pensar como a reprodução do capitalismo precisa ocorrer em todas as instâncias, arte inclusa, independentemente se isso acontece em questões individuais, institucionais e estruturais. Nesse sentido, mapear o que foi produzido por essas feministas negras, mas sobretudo como ocorre a atuação do pensamento feminista negro enquanto teoria é um meio de mapear formas de burlar e interromper esses mecanismos. Por vezes, as formas de burlar ocorrem pela criação e fomento de redes negras de circulação de ideias ou do próprio ato de escrita em si, não buscando fazer uma arte que exista em função de, mas uma produção artística e literária que simplesmente exista, sem condicionantes, gerando arquivo.

O modo de produção capitalista opera na arte. Muitas vezes, isso ocorre buscando reinventar os processos de exploração por meio do aprofundamento da racialização, do lugar desse negro produzido e de um Outro, e é aí que voltamos para os mecanismos de supressão do pensamento negro dentro das discussões sobre mercado editorial. Sejam os Estados Unidos do contexto da formação de conglomerados editoriais, seja o Brasil do contexto do desenvolvimento econômico e do boom do mercado editorial do início do século XXI, seja a Salvador da baianidade nagô, vemos que o próprio mercado editorial diminui a bibliodiversidade à medida que

crece e se consolida dentro da estrutura econômica em vigor. A diminuição da bibliodiversidade não passa só pelo controle do que é publicado e da definição de quem publica, ela atua também na redução das vozes que circulam e na definição do conteúdo que deve ser verbalizado; produzindo, ao mesmo tempo, a ideia do que precisa ser escrito e escutado para a manutenção do seu próprio crescimento. Essas “vozes” correspondem quase sempre a identidades específicas, “integral, originária e unificada” (HALL, 2008, p. 103), que são encaixotadas nas cartilhas do que é ser negro, LGBTQIAPN+, pobre, mulher etc. As identidades, como mais as conhecemos hoje por meio das representações culturais, aprofundam a noção do que é o Outro; afirmando, conseqüentemente, a “normalidade” e estabilidade de um sujeito metafísico ocidental, que antes de universal é considerado natural, já que, embora a sua representação seja ampla, ela não costuma ser analisada, discutida ou interpretada em sua origem.

Quando Alex Simões fala que existe uma literatura branca que seja alvo de marcação de identidade, vemos como determinadas identidades ou identificações (brancas, por exemplo) podem ser diluídas em prol da afirmação do discurso de um normal, padrão e universal. Voltarmos à atenção para a racialização das pessoas brancas e suas identidades, incluindo as maneiras pelas quais a representação abarca essas identidades, é também compreender o jogo no qual o mercado editorial e o campo literário se consolidaram, firmando cânones e *Outros*.

Olhar a conformação do mercado editorial a partir da autoria branca ou a partir da dinâmica de publicação de grandes editoras ou conglomerados editoriais, como vimos nos capítulos anteriores por meio das discussões do livro *Redlining culture*, é um meio de 1) fazer um esforço para racializar a identidade branca e, portanto, compreender seu papel dentro do mercado editorial, e 2) mostrar a discrepância entre a identidade branca, considerada natural, universal, normal e, portanto, múltipla, e as “outras” identidades, que lidam com a fixação do que idealmente é ser, numa construção ôntica. Ao mesmo passo, buscar resgatar o arquivo da produção editorial de autoria negra é contribuir para notabilizar uma literatura que veem outras cidades, que vivem outros amores, que tem outras relações familiares etc., que existem e não são publicadas ou, se publicadas, não recebem recepção crítica e, quase que conseqüentemente, comercial, apesar de sua existência.

Nesse sentido, o mercado editorial enquanto um braço da cultura e da arte funciona aprofundando os sentidos de uma “identidade plenamente unificada, completa, segura”, uma fantasia, como fala Stuart Hall. Isto é, é preciso que continuamente sejam firmados modelos, expectativas, padrões e identidades de grupos “outrificados”, especialmente das pessoas racializadas como negras em um sistema econômica baseado na exploração racial e na escravidão, no sentido que Osmundo Pinho (2023, p. 45) descreveu: “despossessão total, alienação radical de si do sujeito ou supressão da autonomia e dignidade em suas formas extremas” ou ainda “como uma forma de morte social”.

Alinhado a isso, ao retomar a Declaração do Coletivo Combahee River, que reivindicou a revolução feminista e antirracista para uma verdadeira emancipação, vemos que desmantelar as imagens de controle, a exploração do trabalho de mulheres negras, assim como o apagamento da sua existência e trabalho das dimensões política, social, ativista e artística é uma tarefa para barrar a perpetuação das formas de opressão baseadas em raça, classe e gênero. Além disso, há outra tarefa:

Este foco na nossa própria opressão está incorporado ao conceito de política de identidade. Acreditamos que a política mais profunda e potencialmente a mais política radical vem diretamente da nossa própria identidade, em oposição a trabalhar para acabar com a opressão de outros grupos. No caso das mulheres negras, esse conceito é particularmente repugnante, perigoso, ameaçador e, portanto, revolucionário, porque é óbvio que ao olhar para todos os movimentos políticos que nos precederam entendemos que ninguém é mais digno de libertação do que nós mesmas. Rejeitamos pedestais, ser tratadas como rainhas e caminhar dez passos atrás. Ser reconhecido como humana, inegociavelmente humana, é suficiente³⁵ (tradução nossa).

Compreendemos então que buscar o reconhecimento como humano, e, conseqüentemente, como seres múltiplos, produtores de memórias e agentes de experiências, também se constituiu como uma tarefa básica do coletivo. Em relação a isso, em seu livro *As armadilhas da identidade: raça e classe*, Asad Haider, historiador e pesquisador paquistanês, mostra como a identidade, dentro das nações,

³⁵ This focusing upon our own oppression is embodied in the concept of identity politics. We believe that the most profound and potentially most radical politics come directly out of our own identity, as opposed to working to end somebody else's oppression. In the case of Black women this is a particularly repugnant, dangerous, threatening, and therefore revolutionary concept because it is obvious from looking at all the political movements that have preceded us that anyone is more worthy of liberation than ourselves. We reject pedestals, queenhood, and walking ten paces behind. To be recognized as human, levelly human, is enough.

é usada para totalizar indivíduos (ôntico) dentro da sua particularidade (ontológico), mostrando como o Estado liberal faz concessões para garantir a manutenção da existência dessas identidades (suas partes) dentro do neoliberalismo.

E uma vez que identidades são a condição da política liberal, elas se tornam cada vez mais totalizantes e reducionistas. Nossa capacidade de ação política através da identidade é exatamente o que nos prende ao Estado, o que assegura nossa contínua sujeição (Haider, Kindle Location 377).

Nessa discussão, perniciosa e cheia de nuances, há certa compreensão de que não é possível interpretar nada, muito menos as produções literárias, como bom ou mau, salvador ou negligente/manipulador. Existe, sim, por outro lado, uma série de análises que partem do uso linguístico de “tanto/quanto”, como aparece nos textos do Asad Haider, mas também de Stuart Hall e bell hooks. Esse uso é feito para tentar lidar com as flutuações de sentido da percepção das identidades, já que elas estão postas como políticas de identidade que podem servir a vários propósitos: por vezes para a reificação e essencialização de grupos alvos de racialização; por outras, para compreensão e destruição das estruturas que perpetuam tais identidades. No trabalho de Stuart Hall, vemos esse uso na ampla discussão feita sobre identidade, identificação, cultura e pós-modernidade, assim como vemos em bell hooks, num uso informado em todo o seu trabalho como crítica cultural.

Em “Que ‘negro’ é esse na cultura popular negra?”, Hall explica que não existe nenhuma forma pura na produção artística negra. Estabelece-se nessas produções “negociações de posições dominantes e subalternas”, que se comportam como “adaptações moldadas para os espaços mistos, contraditórios e híbridos da cultura popular” (p. 155). Dessa perspectiva, pensando a conformação do mercado editorial de autoria negra em Salvador, várias perguntas podem ser feitas: o que esse mercado editorial, que se constituiu por meio de narrativas negras, produz? Como ele estabelece políticas culturais? Como ele faz uso de políticas identitárias? Quais são os mecanismos que o fazem essencializar ou não a produção literária de autoria negra? Quais arquivos ele mobiliza e qual memória ele recupera? Quais são os arquivos que os agentes que o estruturam fazem circular? Qual são os traços estéticos desses arquivos e o que eles comunicam sobre as histórias de Salvador, mas também do Brasil?

4.1 COMER O OUTRO: TORNAR *COMMODITY*, TORNAR MERCADORIA

Em outro texto de bell hooks, “Amando a negritude: a negritude como resistência política”, publicado no livro *Olhares negros: raça e representação*, a autora fala como o capital se apaixonou pela diferença. Mais do que isso, como a supremacia branca capitalista abriu espaço para o Outro de modo não só a mantê-lo nesta posição, mas como a aprofundar esse lugar por meio da assimilação das produções literárias, audiovisuais, plásticas e teatrais negras. Em seu extenso trabalho como crítica cultural, bell hooks sempre procurou identificar nas produções artísticas de autoria negra a dobradiça em que *tanto* o processo de incorporação ocorria *quanto* a rasura que essas obras eram e são capazes de fazer dentro da lógica de um sistema de identidades (e econômico) estável. O “tanto/quanto” como um operador linguístico nos ajuda a visualizar um cabo de guerra sem vencedores dentro do campo da arte. Acontecem, é claro, momentos de avanços e recuos, e as produções artísticas são o espaço mais profícuo para ter a compreensão dessas dinâmicas.

A transformação do mercado editorial a partir da consolidação de conglomerados, além de permitir que visualizássemos a atuação das editoras no controle do que nós lemos, pois são elas, junto aos agentes do campo literário, que definem os critérios de elegibilidade do que “é bom”, “literário” e digno de ser publicado, fez com que olhássemos para a interação desse mesmo mercado com as publicações de autoria negra. Buscando alcançar mais e mais “nichos” e pessoas, a lógica editorial neoliberal abriu espaço para a representação das identidades, mas não sem determinada regulação.

Essa regulação funciona principalmente a partir de processos de comodificação, isto é, tornar algo em *commodity*, uma mercadoria de baixo valor, mas de alto lucro, como falamos antes. hooks compreende que tornar uma produção artística em *commodity* é, essencialmente, atuar no controle de imagens (e imaginários) por sistemas de dominação racial. Isso me parece justamente o ápice dos processos de assimilação, incorporação e alteração pelo capital, descrito por Patricia Hill Collins e que falamos anteriormente: isto é, a inclusão da produção literária de autoria negra e, portanto, sua memória, sem a construção de bases para a destruição da dominação racial que organiza o sistema burguês e, como consequência, a emancipação social e política da população negra. É basicamente a ideia de que assumir determinada posição e emular determinado comportamento

“combativo” na produção literária é contribuir para o fim dessa mesma dominação racial, o que pode não ser verdade dentro da lógica editorial de publicação.

Diferente da omissão e interdição que descaradamente evitam a circulação de produções de autoria negra a priori, a assimilação consegue atrair mais olhares e converter novos signatários, já que ali, por meio da representação, circula a ideia de que a demanda negra por humanização é vista. Em um universo literário de não lugar destinado às produções literárias de autoria negra dentro do mercado editorial *mainstream*, assim como dentro de mercados editoriais localizados, como o mercado editorial de Salvador, quaisquer publicações que carreguem consigo o signo “negro” acabam por ser atraentes, independentemente do que elas, em si, se propõem, sobretudo ao que diz respeito a questões estéticas e políticas, já que o contexto, o tema ou o que quer que seja, é inevitável em qualquer produção artística.

Embora não fale especificamente de nenhuma obra realizada por agentes do mercado editorial de Salvador, em entrevista a Rodrigo Maciel, Jorge Augusto (2022) questiona o repentino interesse na obra de Franz Fanon por editoras do eixo Rio-São Paulo. Mas não o interesse em qualquer obra de Fanon, mas àquelas que estão associadas a campos do conhecimento que permitem atrelar a obra do psiquiatra e revolucionário negro a outras produções dentro da política (teoria política, em sentido amplo) e da psicanálise, por exemplo. Ele cita também como a Editora Segundo Selo foi a única, até aquele momento, a se interessar pelo texto dramático de Franz Fanon, referindo-se ao *O olho se afoga / Mãos Paralelas*, publicado em 2020 pela editora.

Apenas uma editora fora do sudeste publicou FANON, é a Editora baiana Segundo Selo, e sua escolha foi por um livro no qual Fanon escreve peças de teatro, a escolha foi do tradutor e editor César Sobrinho, que entende a importância liminar que a arte teve e tem para o povo negro na diáspora, enquanto os outros projetos de tradução enfatizaram a ligação de Fanon com linhas teóricas dominantes no pensamento ocidental, como marxismo e psicanálise, a da Segundo Selo busca enfatizar uma expressão fundamental para o povo negro na diáspora. São projetos diferentes, a meu ver (Augusto apud Maciel, 2022, p. 313).

Em relação a isso, bell hooks (2019b, p. 61) afirma como a arte continua a ser um ambiente em que tudo é possível, isto é, sem limites estéticos, temáticos e criativos para debates difíceis. Para ela, as obras que destacam conflitos entre pessoas negras ou entre outros grupos oprimidos têm maior visibilidade dentro de um mercado cultural *mainstream*. Pensando na obra de Fanon, particularmente em *Pele negra, máscaras*

brancas, podemos pensar, por exemplo, como a discussão sobre preterimento racial dentro de relações afetivas por vezes se sobrepôs ou apagou quase que completamente o debate que ele faz sobre o uso da linguagem. Compartmentar o pensamento do filósofo negro, mais do que tentar em alguma instância distanciá-lo de sua postura política radical, impede que o acessemos por várias linguagens artísticas, já que um texto dramático, por exemplo, pode ser lido pela escrita (leitura), pelo corpo (na encenação) e pela voz (nas contações orais) e fazer consequentemente com que a mensagem revolucionária e radical do autor tenha mais repercussão e chegue a mais lugares.

Em outro momento, agora em entrevista à série Palavra&Ponto, Jorge Augusto questiona por qual motivo a construção estética de pessoas negras não é considerada em contextos de publicação, afirmando que não há oposição entre estética e política. Isso dialoga muito com a perspectiva do mercado editorial *mainstream* que não só enxerga essa oposição (estética *versus* política), como procura reproduzi-la, aprofundando-a. Centrar uma produção de autoria negra dentro de categorias somente como “política” e “ativista” ocasiona, por muitas vezes, o esvaziamento do esforço estético, linguístico e cultural de mostrar as memórias negras que emergem dessas produções. Além, é claro, de abrir espaço para a sede que temos por ver identidades representadas. Essa categorização que o mercado editorial *mainstream* tenta fazer repetidamente já foi descrita também na crítica literária de Audre Lorde. Falando de sua poesia, ela argumenta como “é mais fácil lidar com uma poeta, certamente uma mulher negra poeta, quando você a categoriza, a restringe, assim ela pode preencher as expectativas” (2020, p. 78), o que dialoga amplamente com o poema de Tatiana Nascimento, “seja preta assim”, que lemos agora há pouco.

A resposta de Audre Lorde a essas tentativas de comodificação a partir das identidades tiveram repercussões de (não) publicação de sua obra, como a falta de apoio e circulação inclusive em redes editoriais negras, como bell hooks também veio a enfrentar mais tarde como crítica cultural. Recusar a particularização que a racialização neoliberal aprofunda foi, para elas, lidar com a interdição de suas obras em alguns espaços, inclusive Lorde sugere em “O que está em jogo na publicação de gays e lésbicas hoje”, ensaio publicado no Brasil no livro *Sou sua irmã*, que obras de escritoras lésbicas que resgatam a história europeia e seu histórico de dominação

racial não circulam; esses originais malmente chegam às mesas responsáveis pela seleção do que será publicado.

Ademais, essa realidade mostra como a comodificação da negritude rejeita — no funcionamento do mercado editorial — a importância da história da produção editorial negra. Ela também opera para que, movidos por um sentimento de gratidão, não questionemos onde estão as personagens negras e as pessoas negras que escrevem e, conseqüentemente, quais são as iniciativas e casas editoriais que produzem essas obras. Resgatar as produções *antes* que elas sejam editadas pelo mercado editorial *mainstream*, ler as produções negras por agenciadores negros ou comprometidos com o anticapitalismo e antirracismo, faz com que acessemos, muitas vezes, o discurso radical que reside nesses textos.

Um exemplo de texto que insere uma memória da produção literária de autoria negra em Salvador e contorna o processo de comodificação das obras negras porque as acessa *antes* da assimilação e incorporação pelo mercado editorial *mainstream*, inclusive publicando autores que mais tarde chegaram ao eixo sudestino, por exemplo, aparece no livro *Contemporaneidades periféricas* (2018). Nos dezenove artigos e ensaios que compõem a obra, além de duas apresentações e um prefácio, somos introduzidos a diversas categorias analíticas que permitem resgatar o arquivo da produção literária de autoria negra em Salvador, assim como produz um espaço de crítica literária negra por meio de textos que se entrelaçam e produzem um conjunto de ferramentas críticas para mapear a produção literária contemporânea negra, fora do mercado editorial *mainstream*.

Dos ensaios, “Bolar no santo: a memória do corpo em um conto de Lande Onawale”, de Maria Dolores Sosin Rodriguez (2018), “Livia Natália: poesia negra feminina de *abébé* nas mãos”, de Cristian Souza de Sales (2018), e “O lirismo banto do poeta Lande Onawale no livro *Kalunga: poemas de um mar sem fim*”, de Davi Nunes (2018), trazem, juntos, mesmo que espaçados e em textos independentes, algumas imagens de um arquivo editorial e literário de Salvador. Em relação a isso, Rodriguez (2018, p. 326) sintetiza onde se localiza e começa essa memória negra: “O corpo negro é um arquivo, uma localidade, uma morada e um espaço de expressão”. Aqui, a autora resume que, apesar das investidas coloniais e das tentativas de supressão do pensamento negro e sua produção editorial e literária, a memória desse arquivo se manteve no corpo, pois por muito tempo, durante a escravização, o corpo

(e, nesse sentido, numa ênfase à oralidade e à concepção de tempo) foi o único espaço de registro das tradições culturais e artísticas negras. Para chegar a essa compreensão, ela empreendeu uma breve análise acerca da ideia de território, afirmando como o corpo negro veio a se tornar ele mesmo espaço de desterritorialização e “capital cultural” (retomando Stuart Hall), dada a impossibilidade da formação de uma identidade a partir do território de nascença, ligado quase sempre à ideia de nação.

Ademais, outro ponto destacado por Rodriguez (2018) é como os terreiros de candomblé também se tornaram espaço de “reestruturações de corpos negros a partir de uma vivência ética e estética”, porque foram neles também em que tradições e valores africanos de antes da escravização se mantiveram. Isso dialoga ativamente com as categorias crítico-analíticas que aparecem nos ensaios “Livia Natália: poesia negra feminina de *abébé* nas mãos”, onde a pesquisadora Cristian Souza de Sales parte do *abébé*, “instrumento litúrgico de ligação com o mundo ancestral” como ato criativo-interpretativo para afirmar como a poética de Livia Natália é polissêmica e está organizada a partir de sua vivência no terreiro, que aparece sobretudo no vocabulário. Dessa mesma forma, “O lirismo banto do poeta Lande Onawale no livro *Kalunga: poemas de um mar sem fim*” fala como o léxico banto é um pilar da construção estética do autor Lande Onawale; além disso, Davi Nunes afirma como a poesia de Lande permite que pensemos a literatura por vias que não só a lusófona, por evidenciar diversas marcas africanas.

As discussões presentes no *Contemporaneidades Periféricas* atuam numa espécie de metalinguagem. Produzido durante um segundo momento do mercado editorial de Salvador, em que se abandona, no geral, o mito da baianidade para trazer a memória os processos de escravização na cidade, marcando como, quando, de que forma e quais traços essas obras guardam desse momento histórico e das pessoas que o integraram. A obra é um objeto físico (objeto-livro), concreto, de memória, de registro desse movimento editorial local de reconhecimento ao mesmo tempo em que seus ensaios e artigos tematizam os processos de produção dessa memória pelas produções literárias das autoras e autores que integram o mercado editorial de Salvador. Ela funciona como um arquivo duplo na sua existência concreta enquanto objeto e na sua existência menos palpável na construção de conhecimento (teórico, ficcional, subjetivo etc., tudo unificado, sem separações).

Esse movimento lembra os textos curatoriais da exposição *Línguas africanas que fazem o Brasil*, instalada no Museu de Língua Portuguesa de São Paulo, em que o curador Tiganá Santana afirma que

embora consideremos uma língua abarcada pela linguística, é preciso salientar que os registros, grafias e performatividades vivas trazidos pelos corpos que formam (e formaram) os saberes afro-brasileiros e africanos ocupam aqui um lugar de relevância (Santana, 2023).

Isto é, as línguas africanas que estruturam o português brasileiro, assim como a Literatura Brasileira, mas sobretudo a literatura de autoria negra, não abarca todo os seus significados apenas com a grafia, é preciso os traços da oralidade e das imagens/rituais, o que compõem um todo. Não à toa, Cristian Souza de Sales traz o abèbè como ferramenta de composição literária na obra de Livia Natália, evidenciando também como essa ancestralidade marcada no corpo e vivo nos terreiros de candomblé.

Nesse sentido, tanto o *Contemporaneidades Periféricas* quanto a exposição promovem espaços críticos para reconhecer o arquivo editorial negro, inclusive a própria exposição trouxe em seu rol de referências obras produzidas pela Segundo Selo, que se dedica também a publicar material didático para cursos de línguas africanas, como o Kimbundu. A fala de Tiganá Santana pode ser transportada para a produção editorial e literária de autoria negra: ao publicar as obras de autoria negra que não necessariamente dialogam com o centro ou com a estabilidade territorial e racial de identidades, o mercado editorial de Salvador, seja o organizado pós-redemocratização ou o organizado pós-governo Lula, evoca novos jogos estéticos, de experiências, de publicação e de escrita negras.

É similar às discussões que rondam o conceito de literatura-terreiro de Henrique Freitas, uma literatura que não é grafocêntrica e eurocêntrica, mas que não necessariamente é tematizada por uma experiência específica. Esse debate também joga luz, no sentido em que Audre Lorde escreve, ao trabalho editorial de iniciativas editoriais negras na produção de livros que apresentam categorias analíticas críticas que por não deletaram da memória os processos de constituição das identidades negras conseguem elencar de modo pragmático certas características das obras e da própria crítica literária.

4.2 ESTÉTICO, PERIFÉRICO, NEGRO: O QUE TAMBÉM SE APRESENTA

Por mais que tenham uma lógica mais ou menos estável e identificável, os processos de comodificação não ocorrem linearmente ou apenas por meio de supressão, interdição e incorporação. As ideias de território, de periferia e centro também estão em disputa quando uma editora publica uma obra, mesmo que ela não esteja localizada geograficamente no centro de publicações do mercado editorial *mainstream*.

As publicações ditas periféricas integram e fornecem elementos que povoam o que a crítica literária hegemônica e o mercado editorial *mainstream* usam para construir as suas categorias fixas e seus critérios de elegibilidade. Quando uma obra ganha um prêmio, por exemplo, existe ali uma série de demandas que ela atendeu, por mais que promova rasuras no que entendemos como cânone literário e grande mercado editorial. Ainda no *Contemporaneidades Periféricas*, em sua apresentação, deparamo-nos com os seguintes questionamentos:

Nesse trânsito periferia-centro que a crítica tem que fazer para disputar publicação e reconhecimento, algumas questões éticas se atravessam: a) quanto, de seu arsenal crítico contra-hegemônico, um intelectual periférico tem que negociar com o centro para conseguir uma publicação Qualis A1, ou para compor a coletânea de um pesquisador reconhecido no eixo Sul do Brasil etc.?.; b) quanto é lícito disputar esses espaços sem visibilizar as produções textuais periféricas que dividem conosco o território e a identidade? É ético ler essa textualidade apenas com o repertório da teoria clássica, negando a muitos desses textos marginais sua potência criativa e inventiva?; c) quanto uma abordagem que opera, de modo infundado, uma separação entre forma e discurso contribui para a fetichização sociológica das produções textuais marginais, se instituindo, tacitamente, como condição para a sua publicação e circulação em espaços hegemônicos? E como isso mitiga tanto a potência estética e contra-hegemônica das obras quanto a força criativa da crítica? (Augusto, 2019, p. 13).

Questionamentos como esses aparecem também em *Anseios*, de bell hooks (2019). Ela conta em determinado momento a um amigo o motivo pelo qual suas produções não apareciam em coletâneas de mulheres negras. Ela o respondeu dizendo que muitas pessoas não gostam do que ela escreve. Partindo para a descrição do universo acadêmico, ela diz como determinadas afirmações podem ser perigosas quando já se negociou muito com os centros hegemônicos de poder. A obra de Livia Natália, por exemplo, embora seja publicada quase que exclusivamente por editoras situadas em Salvador, não transita tanto quanto deveria no Brasil como um

todo, e isso também pode ser dito para o sólido trabalho crítico desenvolvido por inúmeros pesquisadores baseados em Salvador. Dificilmente, os trabalhos repercutem de modo a fazer com que as memórias produzidas por esses textos circulem amplamente. O que foi e o que não é negociado para enfrentar tais interdições?

O que uma obra perde ao ser editada por uma editora do eixo Rio-São Paulo ou pelo mercado editorial *mainstream* de modo geral? Quais são as camadas da obra que são acentuadas e quais são editadas em direção à exclusão e o apagamento das subjetividades negras? Hamilton Borges, em entrevista a Rodrigo Maciel, nomeia a sua literatura como maloqueira. No Oxford Languages, encontramos para a palavra “maloqueiro” os seguintes significados:

maloqueiro. *s. m.* PEJORATIVO. **1.** [Alagoas] Menor que vagueia pelas ruas, geralmente em grupo, pedindo dinheiro, praticando pequenos furtos, especialmente os que pernoitem em maloca ('abrigo') **2.** [Alagoas] Indivíduo maltrapilho. **3.** [Alagoas] Indivíduo malcriado, grosseiro. **4.** [Sul do Brasil] Marginal que vive ou pernoite em maloca ('esconderijo'). **5.** [Sul do Brasil] Bandido, malfeitor. **6.** Adjetivo substantivo masculino. Que ou aquele maloca, que se esconde (Oxford Languages).

Para Hamilton, escritor e ativista, sua literatura maloqueira seria aquela feita por quem conhece a cidade, por quem garante o próprio sustento e cria maneiras diversas e criativas para vender qualquer coisa, apenas com a condição de que essa coisa seja lícita e vendável. Essa foi a maneira pela qual ele vendeu o seu primeiro livro, já que a publicação e a distribuição por uma editora mais estruturada nesses critérios não foram possíveis. No entanto, o que me chama à atenção é o ruído entre a subjetividade de uma pessoa que vive uma dentre as muitas realidades negras e o que o dicionário, que também entendo como uma ferramenta de construção literária, base para o cânone, (não) compreende o que está sendo dito, o teor daquela experiência e as referências estéticas que estão acionadas.

A definição que adotamos como ferramenta para fins de comparação, por guardar os usos e os significados de uma palavra na língua, e a nomeação dada por Hamilton, que é estética e periférica, não dialogam ou se encontram em um sistema de igualdade. Embora a literatura viva um momento de multiplicidade, o sistema de regulação do que é fértil, estético, produtivo, “bom” continua a atuar fortemente, inclusive rasurando o contemporâneo, já que aqui ser inespecífico, para pensar

apenas uma categoria, não é suficiente para atender critérios de elegibilidade para garantia de circulação ou de conformidade com as obras que estão sendo publicadas no tempo de agora. Ademais, o que Hamilton Borges chama de literatura maloqueira é uma construção que se relaciona com produções periféricas (nas várias acepções que periferia tem e pode ter, como dito anteriormente), assim como nos faz voltar a bell hooks, quando ela diz que a subjetividade negra radical e o pensamento crítico surgem das margens. Em relação a isso, bell hooks (2019b, p. 65) afirma como os espaços marginais podem se tornar espaço para construirmos aquilo que desejamos, por categorias analíticas, autodeterminação, estética e criatividade, sem deixar de sermos negros e sem deixar de buscar a emancipação negra. O esforço talvez seja pensar, também, as margens que compõem “a” margem que colocamos e colocam em oposição ao centro, permitindo que elas definam quais critérios, instrumentos e referências estéticas elas desejam que suas vozes circulem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – AS PRESENCAS NEGRAS

Quando comecei este trabalho, estava movida por perguntas bem diferentes das que tenho agora. Naquele momento, durante a escrita do anteprojeto, queria saber se existia ou não um mercado editorial em Salvador, se ele era negro ou não. Se esse mercado editorial negro existia, qual era a sua ética e seu modo de produção editorial? O que diferiria as escolhas desse mercado de um mercado editorial hegemônico? Como ele interagia com as categorias contemporâneo, estética, memória e cânone literário?

A escrita desta dissertação não me deu nenhuma resposta que afirmasse qualquer caminho de dualidade. Durante o tempo de pesquisa, entendi que não havia nada de novo nas perguntas que fiz e percebo agora que elas também não eram feitas na chave de binaridade que eu havia colocado. Agora sei que nada que tenha como resposta um “sim” ou “não” faria sentido nesse contexto. Todas as leituras, todos os trabalhos críticos e todas as interações que fizemos para este trabalho nascer apresentaram-se em um funcionamento dinâmico. Tudo ocorria e ocorre de modo relacional, com cada evento inaugurando outro ou se inaugurando em comunhão, juntos mesmo. Durante as leituras, também notei como é grande o interesse pelo mercado editorial, embora ainda sinta que o esforço de mapeamento dessas pesquisas mostre o quanto ainda há a ser cartografado, discutido e destrinchado.

Audre Lorde fala como a história ocidental e o pensamento supremacista branco e heterossexual é responsável por nos condicionar a enxergar a vida e as diferenças humanas em oposições binárias e, portanto, simplistas. Seguindo pelo mesmo caminho, Stuart Hall discute sobre o caráter múltiplo, heterogêneo e mutável das identidades. Não há uma única coisa, um único modo de pensar, de agir e ser que corresponda a uma unicidade ou a um coletivo; e entendo que isso se aplica a análises teórico-críticas, mapeamentos e cartografias. Em vez disso, uma série de identidades, percepções, identificações e subjetividades fragmentadas, desterritorializadas e apartadas de sentidos fixos são formadas a partir de discursos que nos interpelam enquanto humanos, produzindo memória e arquivo por meio de diversos suportes.

Caso existisse uma resposta para as minhas perguntas, o movimento desta dissertação teria que ser em direção à identificação de formas e padrões “verdadeiros” de uma identidade negra, reproduzindo uma lógica de essencialização e falta que o

curso da pesquisa também me mostrou que não havia sentido. Em meados de 2023, pude segurar uma das poucas edições ainda existentes da tese de doutorado de Oswaldo de Camargo, *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*, publicado em 1987, em que o pesquisador e escritor em questão faz um esforço de mapeamento da escrita literária de autoria negra antes da redemocratização. Aquele trabalho ao mesmo tempo que visibilizava a produção literária de diversos autores negros, trazia indícios dos suportes e meios daquelas publicações. As redes negras, as estratégias de autopublicação, os editais públicos, os coletivos negros acadêmicos, as atividades do MNU e a própria perseverança teórica e crítica dos autores se organizavam para interromper o discurso da falta e para produzir arquivos da memória negra.

A produção literária de autoria negra não se colocava, portanto, em margem. Ela própria era o seu centro, movimentando atividades e recursos, construindo uma rede nacional de publicação entre pessoas negras. Assim como o trabalho de Oswaldo de Camargo, outras publicações foram essenciais, como o *BrasilAfro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea*, de Miriam Alves, o *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura e bibliotecas no Brasil*, de Cidinha da Silva, e o *O Mundo Negro: sócio-antropologia da reafricanização em Salvador*, de Osmundo Pinho, assim como a pesquisa e o ativismo literário por meio do Quilombhoje e da obra *Literatura negro-brasileira* de Luiz Silva, o Cuti. A existência de uma tradição negra que tem se detido às discussões dos modos de produção, publicação e circulação de obras de autoria negra, disputando as narrativas que colocam as produções de autoria negra sempre em um mapa de ausência ou em uma local/posição de não valor, sempre existiu, contrariando os diversos mapeamentos literários feitos por integrantes que ocupam posições de poder dentro do campo literário, do mercado editorial do Brasil e, claro, da própria Literatura Brasileira.

A metodologia de pesquisa deste trabalho aproximou-se da metodologia relacional, usando de levantamento bibliográfico e diálogo com a cultura/contexto cultural, numa metodologia semelhante a utilizada em *O livro no Brasil e As trajetórias editoriais da literatura de autoria negra*. A percepção de que essa metodologia se repetia nos trabalhos mencionados veio depois, durante a leitura final desta dissertação. Apesar do levantamento bibliográfico e das discussões feitas terem sido

essenciais para o curso desta pesquisa, compreendo que ela também evidencia a carência de ferramentas quantitativas que nos permita realizar uma leitura mais fidedigna da realidade do mercado editorial no Brasil

Os dados fornecidos pela Nielsen BookScan, assim como pelo PublishNews, ainda que em menor medida, precisam ser visitados como meio de acessar o panorama do mercado, alinhando o prelo das editoras, o número de vendas e, por fim, os discursos relacionados à literatura e à cultura veiculados dentro de um recorte temporal. É claro que as limitações para esse tipo de análise são muitas, mas o acesso a Nielsen BookScan, plataforma paga e, em geral, concedida apenas a grandes editoras, se destaca. As universidades, seus pesquisadores, e críticos culturais independentes não têm recursos para fazer uso desse tipo de ferramenta, e, conseqüentemente, fazer as análises que ela possibilita, deixando em evidência mais um mecanismo dificultador para entender de modo mais amplo o mercado editorial e a participação e presença negra, para além dos mapeamentos por leitura.

Os mecanismos de opressão que me esforcei para narrar podem ser percebidos e descritos, portanto, de modo diverso, mas, se pensarmos o mercado editorial *mainstream* e a sua interação com a recepção que ele deu às obras negras, enxergamos por quais motivos essa gramática da falta nasceu. Aliada a um processo severo de estereotipagem de pessoas alvo de racialização, a produção literária negra passou e passa por diversos padrões de silenciamento e interdição. Por vezes, o conteúdo dentro dessa lógica neoliberal de produção vira apenas o objeto-livro, um item de consumo para a consciência branca, apartado das formas estéticas e criativas da escrita das subjetividades negras, possivelmente afastado das reverberações de liberdade que muitas das nossas narrativas enunciam e evocam. Quando não, pensando a lógica editorial que funciona em Salvador, há a exaltação ora limitada pelo enclausuramento do signo *negro* ou pelo aprofundamento do mito da baianidade, ambos aprofundando, em instâncias diferentes, um movimento de esquecimento da escravização e violência física e psíquica ao qual corpos negros fomos assujeitados.

Em Salvador, a interação com a religiosidade resultou em implicações diferentes na produção literária da cidade e para os agentes negros. Em um momento inicial, como vimos anteriormente, as editoras criadas no pós-redemocratização estabeleceram uma relação com as religiões de matrizes africanas e seus rituais de modo a repor a “forma ideológica da baianidade por meio da essencialização, da

miscigenação e da mistificação em torno do culto africano”, como sinaliza Pinho (2003, p. 171) e construir uma Bahia e uma Salvador única, num estigma, por mais que toda e qualquer obra permita a rasura do que está posto, ou contraposto, além da reivindicação e negação completa do que foi escrito. Digo isso sobretudo em um contexto de aprofundamento de letramento racial nos espaços e a não passividade dos leitores. As identidades negras e os desejos que elas guardam assim como as imagens que as identidades brancas produzem, por mais imbuídas de autodeterminação, afirmação e pautas que elas tenham e defendam, confrontam-se com as formas ideológicas.

As editoras que nascem fruto do desenvolvimento econômico pós-plano real e governo Lula enxergam na herança africana trazida no corpo e nos terreiros de Candomblé fonte de referências estéticas na literatura não só de autoria negra, gerando novas categorias analíticas e teórico-críticas para a análise das próprias obras. O que é positivo, mas é uma constituição que também se depara com o perigo da essencialização, em vez de abrir o leque da diversidade de experiências negras, algumas editoras acabam por se ensimesmar, buscando afirmar a existência dessa negritude verdadeira, por vezes “africana”, noutras vezes “decolonial” com as pautas e posturas radicais que toda pessoa negra supostamente deve ter – quando tal posicionamento radical muitas vezes só é permitido a pessoas negras que gozam da segurança que a rede intelectual negra também construiu dentro de sua burguesia.

De toda forma, o que as vozes que lemos, escutamos e amplificamos neste trabalho nos conta, mais do que a latente necessidade de pensarmos a estética negra e a criação de novas ferramentas, é que as subjetividades negras se organizam em direção a projetos literários que buscam construir, instrumentalizar e criar práticas literárias que existam não só para reivindicar uma humanidade, mas que sejam feitas a partir desse princípio porque embora exista a marca da despossessão da escravização nossa humanidade sempre foi realidade. Os projetos literários são, afinal, um exercício para driblar os fantasmas e fatalismos de discursos que dizem que não há espaço para rasurar as lógicas neoliberais de essencialização que os ideais de raça e racismo organizam. Tais projetos literários dialogam com perspectivas mais amplas (“o jogo da semelhança e diferença”), próprias para a construção de memória e estratégias não heterogêneas de criação editorial e literária.

Por último, mas não menos importante, vale pontuar que as discussões continuam. A produção literária assim como a audiovisual e dramaturgico/teatral também tem buscado inscrever e pensar essas dinâmicas. O filme *American Fiction*, por exemplo, é uma produção audiovisual estadunidense que tenta fazer crítica ao modo do mercado editorial *mainstream* interagir com obras de autoria negra. Mas ali também nada se encerra, existe o “tanto/quanto” que mostra os avanços, mas também as ausências. E, aqui, entender as ausências é olhar para o que ainda é negociado nos jogos que se estabelecem.

Dessa forma, as dinâmicas aqui estudadas buscam compor e contribuir com discussões relacionados à memória negra, assim como à crítica literária e cultural negras, que estão ligadas às experiências negras no curso da História e das possibilidades multimodais de reconhecimento, seja pela criação de iniciativas editoriais que atuam como espaço para a literatura de autoria negra, seja pela capacidade de driblar e rasurar processos complexos de desumanização que se atualizam dentro do capitalismo racial. E por mais que existam forças de incorporação, omissão e silenciamento em funcionamento, a alternativa estética e criativa negra se organiza para mostrar aquilo que acreditamos.

Para caminhos futuros de pesquisa, vejo que o debate em torno da transparência nos dados que constituem em mercado editorial é algo que devemos perseguir de modo autônomo, investindo, por exemplo, na análise e discussão do formulário de solicitação de ISBN da Câmara Brasileira do Livro, da catalogação de obras em sistemas de bibliotecas e de modalidades de assinatura da Nielsen BookScan para agentes que não são membros de grandes editoras. Entender as razões pelas quais informações são ou deixam de ser pedidas e disponibilizadas ajuda a compreender como determinadas autorias, negras sobretudo, seguem “se perdendo” nos prelos das editoras, nas premiações literárias e nas vitrines das livrarias, seja as de rua ou as dos e-commerces.

Ao mesmo tempo, longe da tão necessária busca por ferramentas de coleta de dados de qualidade, trabalhos que discutem autoria pedem que as vozes ganhem mais privilégio na composição e recomposição das pesquisas. Como muitos dos arquivos de autoria negra e seus agentes ainda são apagados no curso da História, faz-se necessário compor as pesquisas de modo mais coletivo, buscando fazer

mapeamentos que contem e registrem as histórias e processos, muito mais do que compilá-las.

Muita coisa ficou por fazer para a continuidade da proposta, sobretudo pensando a importância da criação de novos arquivos. O que fica, contudo, é a certeza de que as reflexões e reescritas levam não necessariamente a novos caminhos de pesquisa, mas certamente a trajetórias que nascem com um olhar menos individualizado e mais aberto a construção coletiva da memória, das epistemologias e das criações literárias, dentro e fora da literatura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo – Ensaios**. São Paulo: Todavia, 2023.
- ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas, 8(1), 229, 2000.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- AZEVEDO, Luiz Mauricio. **Estética e raça**. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- AZEVEDO, Luiz Mauricio. **Afromarxismo: fragmentos de uma teoria literária prática**. Porto Alegre: Sulina, 2022.
- BALDWIN, James. **Notas de um filho nativo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BERTH, Joice; CARRASCOSA, Denise; DÁ'VILA, Manuela. Uma prisão mortal. **Flip – Festa Literária de Paraty**. 2023. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yGLLeLMi8YJ0&t=4241s>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- BRITTO, Milena. Afetar a cena literária: política, afinidade, estratégias e autogestão entre os autores contemporâneos. *In*: PEREIRA, Antonio Marcos; AZEVEDO, Luciene (orgs.). **Palavras da crítica contemporânea**. Salvador: paraLeLo 13s, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BONDELÊ #59 apresenta Maréia, mais entrevista com a autora. **Bondelê**. 2019. Youtube. Publicado pelo canal Bondelê. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=W--oD2cL_tg&t=1211s. Acesso em: 26 abril 2024.
- CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira**. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 1987.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. The Combahee River Collective Statement. 1977. In: TAYLOR, Keeanga-Yamahatta. **How we get free**: Black Feminism and the Combahee River Collective. Chicago: Haymarket Books, 2017.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território conquistado. Vinhedo: Horizonte, 2012.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Unesp, 2011.

FARIA, Joice de Oliveira. **Perspectivas sobre intelectualidades negras baianas nas ausências e presenças na Festa Literária Internacional de Cachoeira**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura), 2020.

FENDERSON, Jonathan. **Building the Black Arts Movement**: Hoyt Fuller and the Cultural Politics of the 1960s. Illinois: University of Illinois Press, 2019.

FREITAS, Henrique. **O arco e a arkhé**: ensaios sobre Literatura e Cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

GELEDÉS. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HAIDER, Asad. **As armadilhas da identidade**: raça e classe. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. **Pensando a diáspora**: reflexões sobre a Terra no exterior. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: Sua História. São Paulo: Edusp, 2012.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: **Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação**. Rio de Janeiro: Revista Eco Pós, 2020.

hooks, bell. **Remembered rapture: the writer at work.** New York: Owl Books, 1999.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais.** São Paulo: Elefante, 2019b.

hooks, bell. **Escrever além da raça.** São Paulo: 2022.

HURSTON, Zora Neale. **What White Publishers Won't Print.** New York: Negro Digest, 1950.

JEAN SO, Richard. **Redlining culture: a data history of racial inequality and postwar fiction.** New York: Columbia University Press, 2021.

JULIETA, Amanda. **Mulheres negras no Slam das Minas BA: um espaço de insubmissão e resistência.** 129 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

LE GUIN, Ursula. Sobre a Amazon e a indústria dos best-sellers ou Por que insisto que você não compre livros na Amazon. *In*: CARRIÓN, Jorge. **Contra Amazon.** São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências.** Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACIEL, Rodrigo Lima. **“Que pode a minha poesia contra isso?”: edição, mercado e racismo nos bastidores de Kalunga, de Lande Onawale.** 2022. 323 p. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006).** Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MORGAN, Katherine D. **About that Wave of Anti-Racist Bestsellers Over the Summer.** New York: Literary Hub, 2020. Disponível em: <https://lithub.com/about-that-wave-of-anti-racist-bestsellers-over-the-summer/>. Acesso em: 26 abril 2024.

MORRISON, Toni. **Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination.** Cambridge: Harvard University Press, 1992.

MUNIZ JR., José de Souza. **O grito dos pequenos: independência editorial e bibliodiversidade no Brasil e na Argentina.** São Paulo: Balão Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Calila das Mercês; GALVÃO, Raquel Machado; SEIDEL, Roberto Henrique. **Econocriativa: mapeamento das editoras baianas.** Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345339009_Econocriativa_-_mapeamento_e_diagnostico_das_editoras_baianas. Acesso em: 26 abril 2024.

OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristine. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

PALAVRA&PONTO - palavra: contemporâneo. **Academia de Letras da Bahia**. 2022. Youtube. Publicado pelo canal da Academia de Letras da Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hcEU2LfaTbg&t=103s>; Acesso em: 24 set 2024.

PEN AMERICA. **Reading between the lines: race, equity, and book publishing**. New York: Pen America, 2022. Disponível em: <https://pen.org/wp-content/uploads/2023/01/Reading-Between-the-Lines.pdf>. Acesso em: 26 abril 2024.

PINHO, Osmundo. **O Mundo Negro: sócio-antropologia da reafricanização em Salvador**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/303133>. Acesso em: 26 abril 2024.

PINHO, Osmundo. **Cativeiro: antinegitude e ancestralidade**. Salvador: Segundo Selo, 2021.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SILVA, Cidinha da. **Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura e bibliotecas no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

SILVA, Jorge SILVA (org.). **Contemporaneidades Periféricas**. Salvador: Segundo Selo, 2018.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020)**. São Paulo: Edições Sesc, 2023.

SILVA, Fernanda Felisberto da. **Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston**. 2011. 154 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TONI Morrison: **The Pieces I Am**; Direção: Timothy Greenfield-Sanders. Estados Unidos: Magnolia Pictures, 2019.

THE GLOBAL Publishing Industry in 2022. **Wipo**. Disponível em: <https://www.wipo.int/edocs/pubdocs/en/wipo-pub-1064-2023-2-en-the-global-publishing-industry-in-2022.pdf>. Acesso em: 26 abril 2024.

VAGNER AMARO da Editora Malê. **PublishNews**. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2VbGJ01DjJ3oNnUgkFPuVA?si=Km6KAUobTHmbLqJaaz7tmw>. Acesso em: 26 abril 2024.

APÊNDICE

APÊNDICE A — Relação do catálogo on-line das iniciativas editoriais de Salvador

SEGUNDO SELO	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Axéconchego	Cuti
Bakulo	Kota Gandaleci
Cativeiro	Osmundo Pinho
Deus só teme a noite	César Sobrinho
Minha vida em Salvador	Camila Carmo
Palavra Preta	Tatiana Nascimento
Unguento	Anajara Tavares
7º a vez da palavra	Gildecide Oliveira Leite, Filismina Fernandes Saraiva e Thiago Martins Caldas Prado (orgs.)
A casa do mistério ou a casa do renascimento	Gildecide Oliveira Leite
A notícia plena ou argumentos para o espanto	Robson Poeta du Rap
Agô	Jocevaldo Santiago
Alguma poesia alguma	Geraldo Figueiredo
Aposta nos básicos: metodologia de ensino da dança do ventre	Angela Cheirosa
Aroeira	Vânia Melo
Assassinatos de pessoas LGBTs na Bahia: dinâmicas de gênero, raça e classe	Sônia Maria Santos Soares
Babá Alapalá: caminhos e encantos	Gildecide Oliveira Leite
Bahia com H de HipHop	Jorge Hilton

Baianidades literárias e culturais	Gildecide de Oliveira Leite (org.)
Banzo	Davi Nunes
Beira Marinho	Alex Ratts
Bicha Velha Vira Hétero: etnografia de um clube de sexo para homens	Paulo Marcos de Assis Barros
Cataventos	Gonesa Gonçalves
Cartas para elas	Lina Távora
Coleção Fábulas e contos negros e crioulos – vol. 1	César Sobrinho (org.)
Coleção Fábulas e contos negros e crioulos – vol. 2	César Sobrinho (org.)
Coleção Fábulas e contos negros e crioulos – vol. 3	César Sobrinho (org.)
Coleção Fábulas e contos negros e crioulos – vol. 4	César Sobrinho (org.)
Coleção Rabiscos – Livro de colorir do Bento	Bento e Lis Oliveira
Coleção Rabiscos – Livro de colorir da Lis	Bento e Lis Oliveira
Contemporaneidades periféricas	Jorge Augusto (org.)
Curso básica de língua literatura e cultura – Kimbundu 1	Niyi Tokunbo Mon'a-Nzambi
Curso básico de língua literatura e cultura – kimbundu 2	Niyi Tokunbo Mon'a-Nzambi
Dia bonito para chover	Lívia Natália
Diálogos contemporâneos sobre corpo(s) sujeitos (s) e saúde	Esmael Alves de Oliveira (org.)
Diário da Encruza	Ricardo Aleixo
Dias amenos	Kátia Borges
Dromedário	Igor Adorno

Educação e pandemia: relatos de experiência, abordagens críticas e futuros possíveis	Carla Machado, Jorge Augusto e Juliana Carvalhais (orgs.)
Èko dára 1	Félix Ayoh' Omidire
Èko dára 2	Félix Ayoh' Omidire
Èko dára 3	Félix Ayoh' Omidire
Encruzamentos literários e culturais	Jancleide Goes, Verônica Cerqueira e Lívia Maria Sousa (orgs.)
Entre a terra e o rio: processo de visibilização do trabalho feminino no campo	Greice Bezerra Viana
Espaço visceral	Daniela Galdino
Estórias Iluminadas	Projeto coletivo, com provocação-proposta de Xan Marçall
Estudos da linguagem	Ana Lúcia Silva Sousa Kassandra Muniz (coord.)
Feira de Santana Negra	Maria Dolores Sosin Rodriguez (org.)
Festa da Virgen Del Carmen Pautacartambo	Danilo de Santana Cardoso
Frantz Fanon: pelos textos de época	Frantz Fanon, com tradução de César Sobrinho
Hiit para todos	Nei Costa
Jornal de Cultura	Gildecil de Oliveira Leite e Cid Seixas
Leitura Neon-reciclada	Cazzo Fontoura
Leituras de etnicidades	Florentina da Silva Souza (org.)
Maturando pernas em rabo de peixe	Martha Galvão
Memorial do espelho	Jovina Souza
Mestres do barro: patrimônio, turismo cultural e o Kitsch no Alto do Moura	Darllan Neves da Rocha
Modernismo negro: literatura de Lima Barreto	Jorge Augusto

Mulheres vulnerabilizadas: percepções de violência em contexto de rua num território de Salvador	Edicarla Macedo da Rocha
Nenhuma palavra de amor	Odalita Alves
O divertido glossário da Jana	Lorena Ribeiro
O mistério da Mula-sem-cabeça	Jaqueline Santana
O olho se afoga/mãos paralelas	Frantz Fanon, com tradução de César Sobrinho
O regime ancestral: por uma estética da libertação africano-brasileira	Eduardo Oliveira
Obliqua glosa	Maria Dolores Sosin Rodriguez
Os afetos na estrutura burocrática do Estado	Paulo Francisco de Souza
Os Marrons	Louis Timagène Houat, com tradução de César Sobrinho
Ouroboros	Patrícia Silva
Páginas rasgadas	Aidil Lima
Palavra de osso/osso da palavra	Carlos Arouca
Patuás	Hildália Fernandes
Poética da natureza: inspirações curriculares	Eduardo Oliveira e Rita Santana
Por uma ética nos estudos filológicos: críticas, corpora, edições	Ari Sacramento (org.)
Práticas de leitura com literatura negra	Jocevaldo Santiago (org.)
Pretices e Milongas	Lande Onawale
Procurem Luiza	Maria Dolores Sosin Rodriguez
Quem casa é caracol: população em situação de rua em Salvador e o conceito jurídico de moradia	Eugênia Fernandes Bengard
Quilombos na Bahia: processos identitários após a Constituição Federal de 1988	Ubiraneila Capinan

Refugos	Deisiane Barbosa
Sangue nas mãos	Luís Sérgio Souza
Sexo é apenas sexo, mas o amor... Ah, o amor é foda	Victor AZ
Sobre o breve voo da borboleta e suas esquinas	Vânia Melo
Sonhos com E para Stella	Ariadne Catarine e Fabiana Carneiro
Teoria fundamentada: uma análise do discurso do MBL no Youtube	Fernanda Santos Santiago
Todos os dias depois de hoje	Rodrigo Araújo
Tombos e tosses do revolucionário Yuri Babacof	Sílvio Roberto Oliveira
Trilhando os sabores da tradição	Monia da Hora
Umbilicius	Juciane Reis
Vozes plurais no espaço escolar	Adriana Carvalho da Silva
YoruBaianidade	Félix Ayoh' Omidire
Zanga	Davi Nunes
Índios e caboclos	Cauê Freitas
Antipática Lira	Santiago Fontoura
Ensaio de antropologia e alimentação: um olhar interdisciplinar	Fernanda Santiago e Vilson Caetano (orgs.)
Olho mágico	Carlos Vilarinho
Memórias de Toussaint-L'Ouverture	Toussaint-L'Ouverture, com tradução de César Sobrinho

P55 Edições	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
-13, -38: amanhã de novo	Amine Barbuda
3 vestidos e meu corpo nu	Marcus Vinícius Rodrigues
A cachoeira de Paulo Afonso	Castro Alves

A escravidão africana no Brasil: das origens à extinção	Evaristo de Moraes
A insuportável família feliz	Victor Mascarenhas
A narrativa de metaficção: teoria e crítica	Nilo Ferreira da Rocha
A noite em que todos nós fomos felizes	Márcio Matos
A torre infinita	Mirella Marcia Longo
Acarajé Bour Mecier	Manno Goés
Ananke	Marcos Dias
Anatomia de uma cidade	Moema Franca
Ao longo da linha amarela	João Filho
Aquele jeito baiano de ser boêmio (e-book)	Otto Freitas
Aqui	Vanessa Buffone
As muitas mulheres em mim	Márcia Moreira
Bahia vista por um passarinho	Rui Rezende
Caixa Postal	Claudius Portugal
Caixa Preta	Nílson Galvão
Caminhos infindáveis	Francisco Vieira
Cara a cara com os nebulosos olhos de Deus	Dan Fante
Caralho A4	Sara Victoria
Carta à família	Claudius Portugal
Cartas do Brasil (1549-1560)	Manuel da Nóbrega
Cenas para noites nubladas	Claudius Portugal
Cerrado e outras riquezas do Maranhão, Tocantins, Piauí e da Bahia	Rui Rezende
Compartilhamentos poéticos	Viga Gordilho
Consumido	Ricardo Heavy e J. Herrero
Continhos para cão dormir 1	Maria Sampaio
Continhos para cão dormir 2	Maria Sampaio

Descrição da Ilha de Itaparica	Manuel de Santa Maria Itaparica
E nada pode ser feito quanto a isso	Marcelo Frazão
Em teu nome	Bel Borba
Eros Resoluto	Marcus Vinícius Rodrigues
Eros sobre os abismos	Marcus Vinícius Rodrigues (org.)
Escorpião Amarelo	Kátia Borges
Ficções ao mar	Georgia Rios
História do Brasil (1500-1627)	Frei Vicente do Salvador
Imperador	Wellington TC
Inspirações do Claustro	Junqueira Freire
Isto não é uma carta	Sandro Ornellas
Livro de canções e inéditos	Ruy Espinheira Filho
Livro do quase invisível	Karina Rabinovitz
Manuel Querino – criador da culinária popular baiana	Jeferson Bacelar
Margens à margem	Claudius Portugal
Maria Dusá	Lindolfo Rocha
Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus!	Karina Rabinovitz
Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a Costa d'África e Brasil	Luiz Antônio de Oliveira Mendes
Mensagens de amor futuro	Saulo Dourado
Métodos Frankenstein para a criação de uma Barbie (e-book)	Jorge Oliveira
Minha cabeça já não comporta tantos antigamentos	Ludmila Rodrigues
Motel Mustang	Marcus Vinícius Rodrigues
Muadiê Maria	Martha Galrão
nossa casa alheia	Heloísa Prazeres
Animismo fetichista dos negros baianos	Nina Rodrigues

O coração da Baleia	Cláudia Barral
O enigma dos livros	Mayrant Gallo
O grande fascínio	Francisco Vieira
O observador de unicórnios	Edmundo Carôso
O pênalti perdido	Marcus Borgón
O ser acinzentado	Matheus Peleteiro
O sol que a chuva apagou	Állex Leilla
O som do tempo passado	Victor Mascarenhas
O Theatro na Bahia da colônia à república (1800-1923)	Silio Boccanera Junior
Obscenas	Carlos Barbosa
Ocidente	Nílson Galvão
Oeste da Bahia	Rui Rezende
Os africanos no Brasil	Nina Rodrigues
Para uma certa Nina	Adeliuce Souza
Paredes Placas	Andréa Fiamenghi
Patins de roda em pista de gelo	Márcia Barretto
Pirilampos da Caatinga (e-book)	Heitor Rodrigues
Primeiras trovas burlescas de Getulino	Luís Gama
Rock Circus	Dênisson Padilha Filho
Salvador abaixo de zero	Herculano Neto
São Selvagem	Kátia Borges
Se tua mão te ofende	Marcus Vinícius Rodrigues
Sérgio Rabinovitz	Sérgio Rabinovitz
Sete dias em Setembro	Victor Mascarenhas
Só danço samba	Valéria Simões
Tato (e-book)	Amine Barbuda
Tio Tomás	Paloma Jorge Amado
Todo dia o silêncio do mundo repousa em mim	Vitor Andrade

Tratado descritivo do Brasil em 1587	Gabriel Soares de Sousa
Tratados da terra e gente do Brasil	Fernão Cardim
Trem de risco	Ana Bárbara Sousa
Trilogia do asfalto	Dênisson Padilha Filho
Um bocadinho de poesia	Otto Freitas
Um lugar outros	Claudius Portugal
Uma cidade, uma rua, uma igreja	Antonio Risério
Vaqueiros do raso da Catarina	Rui Rezende
Vermelho quase laranja	Suênio Campos de Lucena
Vestidinho de Vastidão (e-book)	Zuarte Júnior
Via e-mail	Claudius Portugal
Voltaire Fraga: uma Bahia em movimento	Volteire Fraga

Ogum's Toques Negros	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
À Ipásia que o espera	Ronald Augusto
A lua cheia de vento	Mel Adún
Adumbi	Mel Adún
Bará – na trilha do vento	Miriam Alves
Caderno de retorno	Edimilson de Almeida Pereira
Coletânea Ogum's Toques Negros	Várias autorias
Coletânea Poética Enegrescência	Várias autorias
Crítica Parcial	Ronald Augusto
Desinteiro	Guellwar Adún
Encantadas	José Carlos Limeira
Firminas em Fuga	Denise Carrascosa (org.)
Gonzo	Louise Queiroz
O Arco e a Arkhé: ensaios sobre literatura e cultura	Henrique Freitas

O pacto de Bocapiu	Denise Carrascosa
Peixe fora da Bahia	Mel Adún
Quantas tantas	Mel Adún
Quilombellas amefricanas vol. 1	Várias autorias
Quilombellas amefricanas vol. 2	Várias autorias
Todo preto	Éle Semog
Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias	Denise Carrascosa (org.)
Xirê, a brincadeira lírica	Dú Oliveira

Mormaço Editorial	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Marte atacado	Tomaz Amorim Izabel
Deixe o bando correr selvagem	Catharina Azevedo
Feng-shui contra acidentes	Marcus Cardoso
Condensação, imagens e poética do hábito	Saulo Machado (org.)
O jogo das margaridas	Saulo Machado
Tantas que aqui passaram	Maria Luiza Machado
O maior órgão do corpo humano	Joelma Vasconcelos
Manifesto anti-gravitacional	Marcela Parrado
N.	Ana Krein
Uma lâmina atravessou minha garganta	Aline Castro
Cotidiano epistolar	Lara Kadocsa
Onde a curva fez o vento	Coletivo Glense
Cascalho	Maria Luiza Machado
Gatos, fantasmas e meninas ansiosas	Danna Dantas
Se a última baleira pelo menos me ouvisse	Marcus Cargoso

A dança divina	Matheus Peleteiro
Urna de pólen	Flora Nakazone e Izabela Sancho

ParaLeLo 13S	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Tem poeta na casa? Mulheres negras, poetry slam e insurgências	Amanda Julieta
Casa Cheia	Fabiana Carneiro da Silva
Kwame: a menina de vento e água	Louise Queiroz
Muvuca	Jorge Augusto
Cartas para o bem-viver	Rafael Xucuru-Kariri e Suzane Lima Costa (org.)
Joanna Mina	Luciany Aparecida
Àdurá	Camilo César Alvarenga
Diálogo dos afetos	Gabriel Albuquerque
Abrindo a boca, mostrando línguas O coração em outra América	Milena Britto (org.)
O coração em outra América	Evanilton Gonçalves
A talentosa Família Ribkins	Ladee Hubbard
Florim	Luciany Aparecida, com assinatura de Ruth Ducaso
Poso Wells	Gabriela Alemán
Assim na terra como no selfie	Alex Simões
O mameluco	Amélia Rodrigues
Dandara	Amanda Julieta
Com mãos atadas e como quem pisa em ovos	Esteban Rodrigues
Contos ordinários de melancolia	Luciany Aparecida, com assinatura de Ruth Ducaso
Eu deveria ter visto isso chegando	Letícia Carvalho
Exercícios físicos	Lorena Grisi

Funâmbula	Marcia Vinci
Girassóis estendidos na chuva	Louise Queiroz
Jane	Ane Queiroz
Meu país não tem saída para o mar	Marcia Vinci
Novas ofertas de emprego para ederval Fernandes	Ederval Fernandes
Palavras da crítica contemporânea	Luciene Azevedo e Antonio Marcos Pereira (orgs.)
Pensamentos supérfluos: coisas que desaprendi com o mundo	Evanilton Gonçalves
Pequeno álbum de silêncios	Mônica Menezes e Sarah Fernandes
Poemas do sim e do não	Marcia Vinci
Sábado	Sarah Rebecca Kersley
Tipografia oceânica	Sarah Rebecca Kersley

Editora Katuka	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
E assim teço amanhã	Jairo Pinto
Fragments de mim	Ana Celia da Silva
Afroturismo: afeto, afronta e futura	Guilherme Soares Dias
O racismo nosso de cada dia	Mauro Sérgio Farias
Desassossegos e acalantos	Vera Duarte
A religiosidade no conto moçambicano: teoria, história e crítica	Alberto José Mathe
Xiluva: partida de uma flor	Mel Matsinhe
Águas cristalinas	João Baptista
Águas: moradas de memórias	Ana Rita Santiago
Os nossos feitiços	Virgília Ferrão
Autonomia reprodutiva: entre continuidades e ressignificações	Florita Cuhanga António Tello

O amor (não) é cego	Ana Rita Santiago e Maria de Lourde Reis Brito
---------------------	--

Mojubá Editora	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Por que as nuvens choram?	Ricardo Ishmael
O pequeno príncipe das águas e a terrível baleia branca	Ricardo Ishmael
Deu a Louca na Bicharada	Ricardo Ishmael
O menino de asas invisíveis	Ricardo Ishmael
A princesa do olhinho preguiçoso	Ricardo Ishmael

Caramurê Edições	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Alika	Regina Luz
O livro das histórias	Neide Cortizo
Eu e meu lugar	Vania Abreu
Viagens e descobrimentos	Neide Cortizo
Domingo na praça	Neide Cortizo
Martagão contra o dragão	Maria Antônia Ramos Coutinho
Quem está aí?	Neide Couto
Lâmpadas, lamparinas e lampiões	Neide Couto
Farol	Mabel Velloso
Poeminhas naturais	Fernando Pessoa
Boca de cena	Cleise Furtado Mendes
Estelinha e seu anjo bom	Cristina Cunha
Tia Ciata e um sonho de menina	Lena Lois
Gabriel e o anjo da bagunça	Cleise Furtado Mentos
Aventuras e travessuras no 2 de julho	Neide Cortizo
Mailon, o cão que late para o espelho	Saulo Dourado

Super-heróis lavam louça?	Saulo Dourado
O sapo general e a menina Rafinha	Jadelson Andrade
Theodoro, uma viagem no ontem	Mabel Velloso
Os garotos além da trilha	Saulo Dourado
Mari.o	Ian Fraser
Mendax – o ladrão de histórias	Breno Fernandes
Por que o Subaé não molha o mapa	Jorge Portugal
Memorial dos corpos sutis	Aleilton Fonseca
Se eu pudesse Danila, te levava para tomar banho de mar em Guarajuba	Breno Fernandes
Amar é uma conexão discada	Saulo Dourado
Água negra e outras águas	Lívia Natália
Mulheres poetas e baianas	Ângela Vilma, Clarissa Macedo, Cláudia Barral, Cleise Furtado Mendes, Cristina Sobral, Daniela Galdino, Karina Rabinovitz, Kátia Borges, Lívia Natália, Mabel Velloso, MariaLúcia Martins, Mariana Paiva, Martha Galvão, Mirella Marcia, Mônica Menezes, Myriam Fraga, Neide Cortizo, Raíça Bonfim e Rita Santana e Vanessa Buffone
Sobejos do mar	Lívia Natália
Cortesantias	Ana Rita Santiago
Vinte canções de amor e um poema quase desesperado	José Carlos Capinan
O amigo e o poeta	Damário Dacruz
Pulsares	Lilian Almeida
Corpo de Eros	Ruy Espinheira Filho
A flecha e o vento	Cristina Sobral
As marcas da cidade	Aleilton Fonseca
O mar que nos abraça	Marcus Vinícius Rodrigues
A mão do poeta	Breno Fernandes

Histórias e histórias da Bahia	Aleilton Fonseca, Carlos Ribeiro, Clarissa Macêdo, Marcus Vinícius Rodrigues, Mirella Marcia Longo, Saulo Dourado, Suênio Campos de Lucena e Wesley Correia, com organização de Fernando Oberlaender
Os milagres de Madame Jurema	Ruy Espinheira Filho
Uma alegria na família e outras crônicas	Ruy Espinheira Filho
Andrômeda e outros contos	Ruy Espinheira Filho
2 de Julho – A carta de alforria	Cleise Furtado Mendes
Cada dia sobre a terra	Marcus Vinícius Rodrigues
A brava travessia	João Carlos Teixeira Gomes
Um amor desconhecido	Mirella Márcia Longo
O desterro dos mortos	Aleilton Fonseca
Ritmo do coração	Larissa Seixas
Crônicas do coração	Jadelson Andrade
Indústria na Bahia – Um olhar sobre sua história	Daniel Rebouças
Transportes na Cidade da Bahia	Cid Teixeira
A cidade da Bahia e a eletricidade	Daniel Rebouças
Escultura contemporânea no Brasil	Marcelo Campos
Cidade Baixa	Cid Teixeira
Vistas da cidade da Bahia	Cid Teixeira
Cidade Alta	Cid Teixeira
Salvador uma viagem fotográfica	Cid Teixeira
Geração mapa	João Carlos Teixeira Gomes

Pinaúna Editora

Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Parida pela Liberdade	Ana Cecília Ferreira
Na beira do Lago Bonito	Sisma Costa

Na contramão do afeto: histórias e trajetórias afetivas de mulheres negras	Luana Souza
Manejo clínico na psicoterapia psicodramática bipessoal integrativa	Georges Salim Khouri
Os dias nos meus olhos	Karina Guerreiro de Sá
Oyá Bethânia: os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela	Marlon Marcos
Extensão rural no Brasil: percursos, metodologias e desafios	Danilo Uzêda da Cruz
Folias divinas em rede: patrimônio imaterial, gestão cultural e economia criativa na festa de Iemanjá em Salvador	Mércia Queiroz
Professor Aldelmiro José Brochado – Um Mestre da Anatomia espelhado	Erasmus de Almeida Júnior
O Estado contemporâneo na América Latina: história e teoria política	Danilo Uzêda da Cruz
O tempo espelhado	Horacio Nelson Hastenreiter
Um divã sob o abajur	Isabel Reis
A estrelinha fujona	Lula Oliveira
Pedra de Nzazi, Xangô e Sogbo?	Maria Alice Silva e Walter Passos
Pedra de Xangô: patrimônio cultural?	Maria Alice Silva e Walter Passos
Histórias de D. Miúda: a rainha do forró	Carlos Leal
Cinzas de sonhos desabam sobre mim	Maylon Marcos
O delicado regresso: as esquerdas, Lula e o PT no retorno ao jogo político	Danilo Uzêda da Cruz
Poesia para você: poesia para sentir e colorir	Isabel Guimarães
Assim falou Fernando Conceição	Fernando Conceição
Muquiá: sussurros de uma mãe preta	Aninha Torres
Controversas: perspectivas de mulheres em Cultura e Sociedade	Luana Souza, Beatriz Bastos, Carol Dia, Izabela Alcântara, Bia Mathieu, Stéfane Souto, Sofia Mettenheim,

	Sara Mariano, Joice Araújo e Carolina Dantas
Frestas de esperança: a história da separação no amor conjugal	Silvio Rosário
Taunina: entre escrituras e poesias	Carla Brito
Cenas quentes de um poeta	Marlon Marcos
Entre batidas e batuques: a polícia e os candomblés da Bahia	Silvio Rosário
Entre cartas, crônicas e textos jornalísticos: o que fizeram com nosso povo?	Nankupé Tupinambá Fulkaxó
Varal	Arquibaldo Daltro Barreto Filho
É a minha cara! História da Cia Bahia de Patifaria	Kamila Matos e Nara Maria Santos
Suicídio anacrônico	Ione Carla
Deus é negro	Wesley Correia
Da Imperial Escola Agrícola à Unilab	Eliezer de Santana Santos e Silene Pinho

Quarteto Editora	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Dilemas subjetivas na contemporaneidade	Larissa Ornelas (org.)
A crise de 2008 sob uma perspectiva da linguagem	Thiago Martins Padro
A linguagem originária	Acylene Maria Cabral Ferreira
A última invenção de Pascal	João Carlos Salles
Afroplagicombinadoresciberdélícos	José Henrique de Freitas Santos
Brasil: um país sério em mãos erradas	Pedro Alcântara
Bruce Lee do sertão	Vagner O. Santos
Cena moderna: a cidade da Bahia no romance de Jorge Amado	Carlos Augusto Magalhães

Cenas de amor em romances do século XX	Mirella Márcia Longo Vieira Lima
Certeza	João Carlos Salles (org.)
A cláusula zero do conhecimento	João Carlos Salles
Conhecendo a história da Bahia	Antoniera d'Aguiar Nunes
Cora pelo couro	Rubem Ivo
Crítica e mulher	Raimunda Bedasse
De tédio não morreremos	Carlos Zacarias de Sena Júnior
Diálogos com a linguística	Denise Oliveira Zoghbi e Rosa Borges (orgs.)
Edição de texto e crítica filológica	Arivaldo Sacramento, Eduardo Oliva Dantas e Isabela Santos de Almeida
Emblemas da cidade	Flávia Aninger de Barros
Empirismo, fenomenologia e gramática	Claudia Bacelar, Geovana da Paz Monteiro e Wagner Teles (orgs.)
Entre as leis e as letras	Jair Cardoso dos Santos
Filosofia, política e universidade	João Carlos Salles
Foi golpe! O presente como história	Carlos Zacarias da Sena Junior
Formas urbanas: cidade real e ideal	Antonio Heliodorio Lima Sampaio
Gestão escolar: formação e desempenho	João Santos de Jesus
Hannah Arendt e a condição humana	Adriano Correia (org.)
Introdução à arquitetura hospitalar	Antonio Pedro Alves de Carvalho
Justiça, virtude e democracia	Daniel Tourinho (org.)
Leituras Amadianas	Ivia Alvez, Alvanita Almeida, Carla Patrícia Santana e Nancy Vieira (orgs.)
Linguagem e verdade na filosofia medieval	Marco Aurelio Oliveira da Silva (org.)
Lírica da ausência na poética de Álvaro de Campos	Adriana Eysen
Livro, leitura e inclusão social no sertão da Bahia	Claudio Cledson Novaes, Geraldo Moreira Prado, José Arivaldo Moreira

	Prado e Mirian Sumica Carneiro Reis (orgs.)
Lulu parola cantando e rindo	Alana Freitas El Fahl
Na pele da ilha	Lucas Ferraz (Kiolo)
Nos caminhos do fogo simbólico	Jair Cardoso dos Santos
O cético e o enxadrista	João Carlos Salles
O pop: literatura, mídias e outras artes	Décio Torres Cruz
O que pode um subalterno?	André Luiz Oliveira e Rogério dos Santos França
Olhares sobre a literatura afro- brasileira	Florentina da Silva Souza
Onde nascem os monstros	Carlos Zacarias de Sena Júnior
Pesquisa e filosofia	João Carlos Salles
Práticas pedagógicas e a violência simbólica	Arlinda Paranhos
Quem tem medo da arquitetura hospitalar?	Antonio Pedro Alves de Carvalho (org.)
Temas de arquitetura de estabelecimentos assistenciais de saúde	Antonio Pedro Alves de Carvalho (org.)
Tractatus frente e verso	João Carlos Salles
Verdade e interpretação	Acylene Maria Cabral Ferreira (org.)
Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade	Edivaldo Souza Couto e Carla Milani Damião (orgs.)
Webinário Estudos Amadianos: 20 anos de permanência	Gildecil Leite, Filismina Fernandes e Thiago Martins (orgs.)
Wittgenstein: apontamentos sobre uma epistemologia do uso	Arley Moreno
Depois de hoje	Vagner Santos
Schopenhauer e o idealismo alemão	João Carlos Salles (org.)

Editora Devires	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação

Artistação com a comunidade	Eroy Aparecida da Silva e Alda Roberta Lemos (orgs.)
D.i.v.a.s Brasileiras	Guilherme Sme e Eduardo Ribas
Dicionário jurídico do gênero e da sexualidade	Marcelo Maciel Ramos, Márcia Ribeiro da C. Valentin e Pedro Augusto Gravata (orgs.)
Encruzilhadas Queer no Direito	Eder van Pelt
Gênero e sexualidade para operadores do Direito	Caio Benevides Pedra e Luiza Cotta Pimenta (orgs.)
Gênero e sexualidade na educação: uma perspectiva interseccional	Sara Wagner, Sergio Luiz Baptista e Leonardo Nolasco-Silva (orgs.)
Insurgências pedagógicas na Educação Básica	Cláudio Pons e Marco Antonio Matos
Narrativas curriculares: cibercultura, educação e sociedade	Jamile Borges
Não se nasce azul ou rosa, torna-se	João Paulo Baliscei
Pedagogia da desobediência	Thiffany Odara
Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro	Alexsandro Rodrigues, Marcio Caetano e Maria da Conceição Silva (orgs.)
Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos	Leonardo Nolasco-Silva
Tem sapata, viado e bicha	Hariagi Borba Nunes
Entre afetos e rejeições	Jamerson Cerqueira Passos
Os isolados e os aglomerados da cibercultura	Leonardo Nolasco-Silva e Vittorio Lo Bianco
Enegrecendo o boi-bumbá de Parintins e descolonizando imaginários: na história, pela resistência	Sinny Lopes e Adan Renê Pereira da Silva
#4 anos #umshowdehorrores	Olinson Coutinho Miranda
(Sobre)vivências de mulheres negras	Amanda Lourenço e Henrique Marques (orgs.)
A carne inquieta: pornografia gay, cultura e sociedade	Júnior Ratts

A pescadora de verdades	Neila Sanco
Aids sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia	Bruno Puccinelle, Fábio Fernandes e Ramon Fontes (orgs.)
Analítica quare: como ler o humano	Fernando Luís de Moraes
Artivismos musicais de gênero	Rose de Melo Rocha (org.)
Cabra macho e flamenco transculturados	Daniel Moura
Cartografia do pensamento queer	Rafael Leopoldo
Clínica (trans)sexualiza(dor)a	Pablo Cardozo Rocon
Como fabricar um gangsta	Daniel dos Santos
Compreender o feminismo	Sam Bourcier, com tradução de Patricia Lessa, Fabiana Aparecida e Roberta Stubs
Contra a má-fé: conjurações de uma acadêmica de ação direta	Tatiana Lionço
Contrabandos subjetivos	Franklin Marques
Corpos em cena	Martin de Mauro
Crianças em dissidências	Alexsandro Rodrigues (org.)
Cutucando o cu do cânone	Rick Afonso-Rocha, Iago Moura, Nai Monteiro e Renato Peruzzo (orgs.)
Da praça aos palcos: caminhos da construção de uma carreira drag queen	Rubens Mascarenhas Neto
Dandara Katheryn, a mulher de nome bonito	Anderson Cavichioli
Daniela Mercury: trajetória, produção e inovação	Paulo Goetze
Desobediências de gênero	João Manuel de Oliveira
Dez anos da Política Nacional de Saúde Integral LGBT: Análises e perspectivas interseccionais e trans	Marco José de Oliveira Duarte e Pablo Cardozo Rocon (orgs.)
Discursos feministas sobre pornografia	Léa Menezes de Santana, Luana Souza e Thais Faria (orgs.)
Dissidências sexuais, temporalidades queer	Daniel Kveller

Dissidências subalternas no cinema brasileiro	Maurício Matos dos Santos Pereira
Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: temas emergentes	Bruna Andrade Irineu (org.)
Diálogos LGBTI+: avançando lutas e conjugando campos	Rafael Carrano Lelis e Marcos Felipe Lopes de Almeida
Donzelas-guerreiras: mulheridade, transgeneridade e guerra	Helder Thiago Maia
Dramaturgias voadoras	Djalma Thurler, Duda Woyda, Rafael Medrado e Marcus Lobo
História da saúde	Ricardo dos Santos Batista, Christiane Maria Cruz de Souza, Cleide de Lima Chaves e Luiz Otávio Ferreira
A captura do prazer	Daniel Vital Silva Duarte
Metafísicas sexuais	Martin De Mauro Rucovsky e Bryan Axt
História e teoria queer	Miguel Rodrigues de Sousa Neto e Aguinaldo Rodrigues Gomes
Descolonizar valores: ética e diferença	Thiago Teixeira
O político e o íntimo	Eduardo Leal Cunha
Traduzindo a África Queer II: Figuras da dissidência sexual e de gênero em contextos africanos	Caterina Alessandra Rea, João Bosco Soares da Fonseca e Ana Catarina Benfica Barbosa Silva
Margens da pandemia	Pablo Perez Navarro (org.)
Consumir e ser consumido, eis a questão!	Tom Valença
Representações sociais e saúde: teoria, pesquisas e práticas	Jeane Freitas de Oliveira, Mirian Santos Paiva, Dejeane de Oliveira Silva, Cleuma Sueli Santos Suto, Pablo Luiz Santos Couto e Carle Porcino
Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero	Megg Rayara Gomes de Oliveira
REMONTA: a escuta clínica da população LGBTTQIAP+	Marcela Carvalho e José Stoma (orgs.)

Transgeneridade infantil para além do binarismo: política pública de inclusão das crianças trans no Brasil	Flávio Marcos de Oliveira Caz
Vivências Afeminadas: Pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes	Murillo Nonato
Crianças trans: infâncias possíveis	Sofia Favero
Caças e pegações online	Gilmaro Nogueira
O cis no divã	José Stona e Fernanda Carrion
A reinvenção do corpo	Berenice Bento
Identidades trans em candomblé	Claudenilson da Silva Dias
Corpos em trânsito	Aguinaldo Rodrigues Gomes e Antonio Ricardo Calori de Lion
Arte da resistência	Leandro Colling (org.)
Genealogias queer	Anne Nascimento (org.)
Sexualidades indígenas	Paulo de Tássio Borges da Silva (org.)
O diabo em forma de gente	Megg Rayara Gomes de Oliveira
Gêneros incríveis	Tiago Duque
Crônicas dos cus	Gilmaro Nogueira e Leandro Colling
Lesbianidades plurais	Mayana Rocha Soares, Thaís Faria e Simone Brandão (orgs.)
Enviadescer a decolonialidade	Eduardo Oliveira Miranda, Marta Alencar dos Santos e Rodrigo Pereira Casteleira
O perigo cor-de-rosa	Rick Afonso
Marcas sobre o mundo	Caio Jade Puosso Cardoso
Mães fora do armário	Adriana Valadares Sampaio, Dirce Meire, Eveny Teixeira e Angela Moysés
Psicanálise à brasileira	Fernanda Canavêz e Joel Birman (orgs.)
Psicanálise, gênero, fronteiras	Daniel Coelho, José Stona e Eduardo Leal Cunha

Fazer nada e transformar mundos	Raonna Martins
A vida depois das mortes	Daniel Coelho, Eduardo Leal Cunha e Joel Birman (orgs.)
Psicologia suja	Sofia Favero
Psicologia, saúde mental e relações raciais	Maria Conceição Costa, Giocondo Sousa e Bruno Mota
Intervenções psicossociais	Conrado Neves Sathler e Esmael Alves de Oliveira (orgs.)
Por entre sangue, pus e suor	Esmael Alves de Oliveira e Conrado Neves Sathler
O desejo atrás das grades	Silvia Piedade de Moraes
Velhice e literatura como potência de vida	Bárbara Alves Pereira
Interseccionalidade e psicologia feminista	Conceição Nogueira
Saúde mental e racismo à brasileira	Renan Vieira de Santana Rocha, Mônica Nunes de Torrenté e Maria Thereza Á. D. Coelho (orgs.)
Cuirexílios: uma fantasmografia artística na transfronteira mexicanobrasileira	Cleber Braga
Festas de orgias para homens	Victor Hugo de Souza Barreto
Homens nos mercados do sexo	Thiago Oliveira (org.)
Práticas sexuais	Thiago Oliveira e Helder Thiago Maia (orgs.)
Kuirartisar as más-turbações facistas: como inventar para si políticas de descontrolo	Rogério Melo, Fernando Silva Teixeira-Filho e Roberta Stubs
Identidades secretas, sexualidades ocultas	Savio Queiroz Lima
Letramento literário de diversidade	Roberto Muniz Dias
Latência	Letícia Andrade
Cine[mão]: espaços e subjetividades darkroom	Helder Thiago Maia

Águas de um orí	Almerson Cerqueira Passos
Dissidências de gênero e sexualidade na literatura vol. 1	César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia (orgs.)
Dissidências de gênero e sexualidade na literatura vol. 2	César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia (orgs.)
Dissidências de gênero e sexualidade na literatura vol. 3	César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia (orgs.)
Corpos transitórios: narrativas transmasculinas	Bruno Pfeil, Nicolas Pustilnick e Nathan Victoriano
Políticas de descontinuidade: ética e subversão	Thiago Teixeira
Traduzindo a África Queer	Caterina Alessandra Rea, Clarisse Goulart Paradis e Izzie Madalena Santos Amancio
Lugar de fala: conexões, aproximações e diferenças	Gilmaro Nogueira, Dayane Assis e Marcelo de Troi
O efeito negro encantado	Márcio de Abreu
Mulheres, trabalho e memória na Bahia	Rosana Falcão Lessa
Bixas pretas: dissidência, memória e afetividades	Daniel Dos Santos, David Souza e Vinícius Zacarias
Bixas pretas: transvivências negras	
Transvivências negras entre afetos e aquilombamento	Feibriss Henrique Meneghelli Cassilhas, Izzie Madalena, Kyem Araújo, Luyck Yemònjá Banke, Rafael Luiz de Oliveira e Brandon Pitanga Gonçalves
Desvios decoloniais no cinema brasileiro contemporâneo	Fayga Moreira
Longun Edé: príncipe do encanto e da magia	Gilmaro Nogueira
Mulher Maravilha para Presidente! História, feminismos e mitologia nas histórias em quadrinhos	Savio Queiroz Lima
Inflexões éticas	Thiago Teixeira
Bradando contra todas as opressões	Vinícius Zanoli

Luzvesti: iluminação cênica, corpomídia e desobediência de gênero	Dodi Leal
Zonas de Te(n)são entre desejo e nojo: cisgeneridade como paradigma de subjetivação sexual	Mariah Rafaela Silva
A Orientação Sexual na Constituinte de 1987-88: constituição performativa de sujeitos LGBTI+ na Constituição Brasileira	Rafael Carrano Lelis
Decolonizando saberes interseccionados na literatura e na educação	Fernando Luís de Moraes, Cláudia Maria Ceneviva Nigro e Davi Silistino de Souza
Políticas da vida: coproduções de saberes e resistências	Bruna Andrade Irineu, Pablo Cardozo Rocon, Moisés Alessandro Lopes e Marcos Aurélio da Silva (orgs.)
O feminismo queer é para todo mundo	Gracia Trujillo
Estudos da Tradução e Comunidade LGBT: Sobre vozes entendidas e transformistas textuais	Dennys Silva-Reis e Vinícius Martins Flores (orgs.)
A bordo do Euphrosyne: uma viagem por palavras de mulheres	Flora Schroeder Garcia
Sexualidade e gênero na prisão LGBTI+ e suas passagens pela justiça criminal (e-book)	Guilherme Gomes e Caio Klein
Políticas anais pelo cu	Javier Saez e Sejo Carrascosa, com tradução de Rafael Leopoldo

Editora Diálogos Insubmissos	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Slam Insubmisso_2021	Carmen Kemoly, Jessica Preta e Van Cerqueira
Insubmissão intelectual de mulheres negras nordestinas	Dayse Sacramento, Manoela Barbosa e Nubia Regina
30 años tecendo la Red de Mujeres Afrolatinamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora	Naiara Leite, Paola Yañez e Valdecir Nascimento

Narrativas Transatlânticas de Mulheres Negras	Beatriz Nascimento
Felipas Marias	Janildes Chagas
Música e pensamento afrodiaspórico	Eurides Santos, Luan Sodré e Marcos Santos (orgs.)
Songbook afrodiaspórico	Luan Sodré

Reaja Editora	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
Bantu Machine: o homem que queria ser branco	Hamilton Borges
Tempo em mim	Andreia Beatriz
Salvador, Cidade-Túmulo	Hamilton Borges
O livro preto de Ariel	Hamilton Borges
Libido, dendê e melanina	Hamilton Borges
Teoria geral do fracasso	Hamilton Borges
Olhar por entre grades: vidas e poemas	Andreia Beatriz
Lumumba: a África será livre	Patrice Lumumba
Assata Shakur: escritos	Assata Shakur

Solisluna	
Título de obra	Autoria/Organização/Coordenação
A Baiana do Cais do Porto	João Bosco Quirelli
A Dama de Branco	Edsoleda Santos
A lalorixá e o pajé	Mãe Stella de Oxóssi
A incrível Serena contra o temível Aspiraldo	Natália Paiva
A Lagarta que Sonhava Voar	Sérgio Perez
A Massa da Tropa	Georgecohama
A memória do bosque	Sara Bertrand
A Mulher da Guarda	Sara Bertrand

A nostalgia do vazio	Freddy Gonçalves da Silva
A Paixão de Sophie	Renata Gobira
A união faz a colcha	Enéas Guerra e Antonio Miranda
Adonias Filho	Ludmila Bertié
Antonino Peregrino	Osvaldo Costa
Apagou o contato	Allê Barbosa
Bahia de Todos os Cantos	Gustavo Falcón e Antônio Risério
Bailarino, Pesquisador e Intérprete	Graziela Rodrigues
Boipeba - Lugar Sem Tempo	Cristina Cenciarelli
Buscar Indícios, Construir Sentidos	Graciela Montes
Cacimbo. Uma Experiência em Angola	José de Jesus Barreto
Camila e o Espelho	Lilia Gramacho
Canções para a Infância	Alda Oliveira
Candomblé da Bahia	José de Jesus Barreto
Carybé, Verger & Jorge - Obás da Bahia	José de Jesus Barreto
Casatempo	Sonia Rangel
Céu de Andrômeda	Isadora Moraes
Chapada, Lavras e Diamantes	Francisco Lima Cruz Teixeira
Cirilo, o dragão que sonhava ser bombeiro	Carolina Bacelar
Clareou – conversa pra boi leão dormir	Sérgio Siqueira
Coronéis do Cacau	Gustavo Falcón
DGCC – Diálogos e gestão criativa de conflitos	Vivina Machado
Ernesto, o leão faminto	Lola Casas e Gusti Rosemfett
Exu	Edsoleda Santos
Fora da Linha - Ilustrações editoriais e outros desenhos	Rico Lins
Heróis de 59	Antônio Matos

Ibejis	Edsoleda Santos
Iêda Marques - lembranças, imaginário e realidade	Iêda Marques
Iemanjá	Edsoleda Santos
Imagem e Pensamento Criador	Sonia Rangel
Imagens da Diáspora	Goya Lopes e Gustavo Falcón
Jogos de Poder na Escola da Vida	Lucila Rupp
Jorge Sanmartin – O fantástico mundo da bola	José de Jesus Barreto
Lendas Africanas dos Orixás	Pierre Verger
Manual de Construção com Terra	Gernot Minke
Maratonas	Ney Cayres
Marce	Gláucia Lemos
Margarida Bem-me-quer	Débora Knittel
Martim Barulim - os sons do bebê	Natália Paiva
Migrantes	Issa Watanabe
Minha (de)formação	João Caldas Valença
Minha vida com o poeta	Gessy Gesse
Moça sozinha na sala	Luis Henrique Dias Tavares
Nanã	Edsoleda Santos
Não Somos Anjinhos	Gusti Rosemfett
Notas Mínimas	Katherine Funke
O gosto do morango	Nathalie Guerreiro
Obaluaê	Edsoleda Santos
Ogum	Edsoleda Santos
Olho desarmado	Sonia Rangel
Orixás	Pierre Verger
Os Afogados	María Teresa Andruetto
Os Livros de Dzian	Florisvaldo Sampaio
Oxalufã	Renato da Silveira e Edsoleda Santos

Oxóssi	Edsoleda Santos
Oxum	Edsoleda Santos
Oxumaré	Edsoleda Santos
Parelheiros, Idas e Vi(n)das	Bel Santos Mayer
Patos e Lobos-Marinheiros – conversas sobre literatura e juventude	Sara Bertrand
Perdidos e Achados	Fátima Santa Rosa
Protocolo Lunar	Sonia Rangel
Quando somos um só	Alessandro Marimpietri
Quando você for sua	Allê Barbosa
Que bicho doido!	Enéas Guerra
Respire Certo! E Vença o Medo	Adelina Baraúna
Roma Negra	Esteban Vivaldi
Saíra Sete Cores	Débora Knittel
Seguindo as trilhas de um Livro	Jonar Brasileiro
Somos mesmo todos censores?	Perry Nodelman
Tamar	Fundação Pró Tamar
Tecelagem - uma história ilustrada	Goya Lopes
Terreiro do Bogum – Memórias de uma comunidade Jeje-Mahi na Bahia	Everaldo Conceição Duarte
Trajeto Criativo	Sonia Rangel
Transbordos	Luiz Afonso Costa
Treze Contos Reais	José de Jesus Barreto
Um canto dentro de mim	Lucymeire Ferraz de Araújo Ulmer
Um Certo Mal-Estar	Victor Mascarenhas
Um encontro inesperado	Liz Passos
Um século de jornalismo na Bahia 1912 - 2012	Carlos Ribeiro
Uma família pra lá de diferente	Lilia Gramacho, Rafa Anton
Vaporzinho	Enéas Guerra

Xangô	Edsoleda Santos
Xing Ling made in China	Victor Mascarenhas